

V A R I O S
D I S C U R S O S
P O L I T I C O S .

P O R

MANOEL SEVERIM DE FARIA
CHANTRE, E CONEGO NA SANTA
SE' DE EVOA.

FIELMENTE REIMPRESSOS

P O R

JOAQUIM FRANCISCO MONTEIRO
DE CAMPOS COELHO, E SOIZA.



L I S B O A
NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

ANNO M. DCC. LXXXI.

*Com lic. da R. Meza da Com. Ger. sobre o
Exame, e Censura dos Livros.*

A. O LEITOR.

COSTUMAÕ os Arquitectos quando intentaõ levantar alguma fabrica, debuxala primeiro em huma pequena traça, para depois se acertar melhor o edificio. Este preceito, que a experiencia fez comum a todas as Artes, guardaraõ antiguamente com grande observancia os Escritores Gregos, e Latinos, procurando os mais d'elles provar primeiro o estillo em pequenos Tratados, para depois o poderem continuar com perfeiçaõ em obras de maiores argumentos. Chamáraõ particularmente os Poetas Gregos a estas primeiras obras, *Idylia*. Posto que o seu nome mais gèral foi: *Progymnasmata*, que quasi quer dizer: Primeiros exercicios literarios.

Deste genero de escriptura he a pequena vida do monge Malco que S. Jeronimo fez com intento de ver se se podia empregar em huma historia Ecclesiastica que intentava compôr: *Prius (diz elle) exerceri cupio in parvo opere, & veluti quandam rubignem lingue abstergere, ut pervenire possim ad altiore*

toriam: scribere enim disposui ab Adventu Domini usque ad nostram aetatem, &c. Do mesmo genero foi a Defesa do Emperador Theodosio, que compoz Saõ Paulino Bispo de Nola, sendo ainda mancebo, e enviou a Saõ Jeronimo para que lhe emmendasse o estillo: e d'ella pronosticou o Santo Doutor o muito, que depois se vio em Saõ Paulino, dizendo-lhe: *Mañte virtute qui talia habes rudimenta, qualis exercitatus miles eris?* Semelhante intento dizem, que foi o do Dialogo em que se introduz S. Agostinho falando com Paulo Orosio. Porém nem todos tomaraõ estes argumentos graves para começarem a exercitar seus engenhos, antes muitos escolheraõ outras materias de letras humanas, de que saõ bom exemplo entre os Antigos Heliodoro Bispo Tricente na sua ficção de Theagenes, e Clariclea, como testifica Niceforo Calisto, (*) e entre os modernos o Cardeal Adriano, que depois foi Summo Pontifice, no seu tratado das Frases Latinas. Pelo que com taõ grandes exemplos fico bastan-

(*) *Nices. lib. 12. c. 34.*

tantemente disculpado, se antes de tirar
 á luz outras obras maiores, que tenho já
 para estampar, público estes pequenos Dis-
 cursos: que ou na materia, ou na gran-
 deza, parecerá por ventura a alguém que
 não dizem com seu Autor. E assi não
 ha para que trazer em abonação propria
 outras semelhantes composições de Es-
 criptores profanos, posto que gravissi-
 mos, como a Batracho Myomachia de
 Homero, os Idylios de Theocrito, e
 Pindaro, a vida de Evagoras de Isocra-
 tes, o Culex de Virgilio, as Slyvas de
 Estacio Papinio, as Epistolas de Falati-
 des Agrigentino, a Epistola de Bruto,
 o Clarimundo e Grammatica de Joaõ de
 Barros, a Opugnação de Dio de Dami-
 aõ de Goes as duas Comedias de Fran-
 cisco de Sá de Miranda, o comento de
 Gracilasso de Fernando de Herrera, os
 Discursos do Mestre Fernaõ Peres de
 Oliva, os emblemas de D. Joaõ Horosco,
 os preceitos da Historia do Cronista Luis
 Cabrera, e outras muitas obras, que
 deixo de apontar, pois bastaõ as refe-
 ridas para dar confiança a estes Discur-
 sos, os quaes escolhi entre outros, assi
 pe-

AO LEITOR.

pelo que devemos ao bem publico deste Reyno, como por serem varios, e tratarem de materias até agora não escritas no nosso vulgar, sendo dignas de ter d'ellas noticia, todo o homem politico.



DISCURSO I.

*DO MUITO QUE IMPORTARA
para a conservação, & augmento da
Monarquia de Hespanha, assistir sua
Majestade com sua Corte em Lisboa.*

HE taõ conhecido no mundo o natural amor que os Portugueses tem a seu Rey, que justamente se poderà duvidar, se os fundamentos que aqui aponto para sua Magestade assistir em Lisboa, nascem mais do desejo que todos temos de o ver presente, que de verdadeiras razones que para isso haja. Porèm como as causas, que para esta resoluçaõ offereço saõ taõ evidentes, e fundadas na melhor doutrina dos que trataõ de Estado, estou certo, que ninguem julgarà me movêo a persuadir este intento, paixãõ alguma natural, mas sómente o zello do bem publico de Hespanha cuja conservação, e augmento pende grandemente desta assistencia.

To-

(*) Todos os Authores , que modernamente escrevêraõ do governo politico, affirmaõ , que a Monarquia que ao presente Sua Magestade possue, he a maior de quantas atè agora se viraõ em todas as idades passadas. Porém , que assi como excede às quatro primeiras na grandeza do senhorio , assi lhe levãraõ ellas vantagem na qualidade delle. Porque os Assyrios , Persas , Gregos , e Romanos tiveraõ seus dominios unidos , e continuados , que os fazia ser mais fortes , e duraveis : e pelo contrario Hespanha naõ tem Estado que naõ seja dividido , e apartado hum do outro , o que já naturalmente enfraquece sua potencia. He a mesma Provincia de Hespanha quasi huma Ilha , porque de tres partes a cerca o mar , e só pela mais estreita fica continuada com França. Os eitados de seu senhorio saõ as principaes costas maritimas do novo Mundo , de Asia , e de Africa , as Ilhas do mar Oceano , e as melhores do Mediterraneo , com
as

(*) *Bozius advers. Machavel. c. 5. in fin*
Et design. Eccles. Dei tom. 1. lib. 8. c. 1. Re-
lat. de Bot. p. 2. li. 4. tit. Reg Catho. et alij.

as provincias de Napoles, Millaõ, e Flandres; quasi todas estas Provincias estaõ desmembradas humas das outras por muitos centos de legoas, e impossibilitadas a ser soccorridas de Hespanha per terra; e a mesma difficuldade ha para Hespanha se valer de suas forças, quando lhe for necessario. Com tudo conforme aos mesmos Authores, este mal da divisaõ se pòde remedear de maneira, que em nenhuma cousa fique a nossa Monarquia inferior às passadas, o que serà senhoreando-se Sua Magestade do mar com poderosas armadas. Porque como todos os Reynos de seu senhorio estejaõ postos ao longo da agua com muita facilidade pòde socorrelos com o numero de soldados, artelharía, e munições, que lhe forem necessarias, acodindo no mesmo tempo a diversas, e mui distantes partes. E como quer que cada Provincia das sujeitas à Hespanha, tem as forças que lhe bastaõ para se sustentar esperando este socorro, vem a ficar o nosso dominio estando dividido, mais firme, que o de hum corpo só, no qual huma violencia pòde fazer maior ruina, que naõ no apartado: como se vio no gran-

grande Imperio dos Persas, a quem de todo acabou o impeto do vitorioso exercito de Alexandre; e pelo contrario Carthago sendo muito menor senhorio se defendeo largos annos contra os Romanos, por ter seus estados divididos em Africa, Sicilia, e Hespanha, e ser senhora do mar por onde os socorria. Para a confirmação desta verdade, deixando outros Autores, trarei sómente dous, por serem os mais celebres de nosso tempo, hum na sciencia, e outro na experiencia. O da sciencia he João Botero, (*) que na sua razaõ de estado fallando dos estados mais duraveis, diz dos de Hespanha, que posto que estão apartados huns dos outros, senão podem chamar defunidos, tendo esta Coroa dinheiro com que os socorrer, e podendo-o fazer por mar, de cuja navegação se podem chamar senhores os Catelães, Biscainhos, e Portuguezes, e que por este meio fica o Imperio de Hespanha feito hum só corpo, principalmente depois que se unio a Coroa de Portugal à de Castella, cujas navegações saindo de Hespanha abarcão

to-

(*) *Bor. li. 1. de Ratione de stato.*

todo o mundo de Occidente a Oriente com muita facilidade, por acharem em toda a viagem os pórtos, ou propios, ou de amigos, como se vê destas palavras: *Apresso, si bene sono lontani l'uno de l'altro* (falla dos estados de Hespanha) *nose debbono pero stimare affatto desuniti, conciosia ch'oltre ch'el denaro* (del quale que la corona è dovitosissima) *vale assai per tutto sono uniti per mezo del mare, avegnadio, che non è stato così lontano, che non possa ester soccorso* (fuor che la Fiandra per oppositione de Inghilterra) *con l'armate maritime; ei Catalani Biscaini, i Portuguesi sono de tanta excellenza nella marineza, che se posso no dire veramente padroni dela navigatione. Hor le forze navali in mano de si fatta, gente, fanno che l'imperio, che altramente pere diviso, esmembrato se debbasi mare unito, & quasi continuo. Tanto piu adesso, che si è congiunto Portugalo con Castiglia le quali due natione partendosi, quella de Ponente verso Levante, e questa verso Ponente, s' incontrano insieme, al' Isole Philipine. Et in tanto gran viaggio trovano per tutto Isole,*
 Re-

Regni, e porti alor comando perche sono o del dominio, ò de Principi amici, ò de clienti, ò de confederati loro. &c. O da experienciã he Dom Bernardino de Mendoça, que fallando com Sua Magestade que Deos tem, sendo Principe, na sua Theorica de guerra, diz o mesmo por estas palavras: Esta consideracion obliga a V. A. a favorecer y honrar a los soldados de mar, bazendoles merced, ya los pilotos, y marineros, y entretener gruessas armadas de ordinario, proporcionando las fuerças dellas a las de tierra, que es con que se assegura mas la conservacion de los imperios, señoreando lo mar, y esto es fundamento pera durar, segun razon humana su grandeza por la necesidad que las mas Provincias tienen de respetarle para mantener sus tratos, y comercios por la facilidad con que puede offender en diferentes partes a un mismo tiempo, el que es poderoso en la mar, y aunque esto en general no obligara a V. A. la Monarchia, que ha de posseer, y qualidad de sus coronas, y Estados pide por la situacion dellos, tener armadas de mar, con que socorrerlos en qualquier
suc-

ſuſceſſo, y offender al enemigo, pues de ſi miſmo cada uno de por ſi, tiene fuerças con que mantener ſe eſperando ſocorro &c. Segundo iſto claro fica, que a nenhum Principe importa tanto o poder do mar, como ao de Heſpanha, pois ſò pelo meio das fuerças maritimas faz hum corpo unido de tantas, e taõ diſtantes Provincias, como ſaõ as de ſua Coroa, ſocorrendo-as a tempo, e recebendo dellas com ſegurança os immenſos theſouros com que a enriquecem, os quaes naõ ſendo os Heſpanhoes ſenhores do mar, ficaõ ſogeitos a ſerem roubados de ſeus inimigos. Donde podemos ter por certo, que a duraçaõ, e firmeza deſta Monarchia conſiſte em ſer ſenhora do mar, e que naõ tendo fuerças maritimas naõ pòde ter nenhum Eſtado por ſeguro. Aſſi o deu a entender excellentemente El Rey D. Manoel a ſeus deſcendentes, quando tomou os titulos de ſenhor da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India, chamando ſe primeiro ſenhor da navegaçaõ, como moſtrando claramente (àlem do direito que no ditado adquiria) que com eſte ſenhorio poſſuia ſeguramente aquellas Pro-

vin-

vincias, e que sem elle as não podia com razão chamar suas.

Para Sua Magestade ter o senhorio do mar, de que como vemos pende sómente a conservação de sua Monarchia, são necessarias duas cousas. A primeira assistir com sua Corte em hum lugar marítimo de Hespanha. A segunda, que esse lugar esteja em sitio acomodado para focorrer delle com facilidade suas Conquistas, e fazer as armadas que convêm; isto se prova per muitas razões.

A primeira he, que estando ElRey no fertoão, se impossibilita a acodir ás cousas do mar como a necessidade o require porque a ausencia dos negocios naturalmente causa descuido, e esquecimento delles, e ainda que se encarreguem a Ministros confidentes quando são de summa sustancia, cousa he notoria, que os não podem tratar, como seu dono proprio. E assi o mesmo tempo tem mostrado, que nenhum Principe teve poder no mar, senão os que assentaraõ suas Cortes em lugar marítimo. (*) E deixando os exemplos dos
Per-

(*) *Just. lib. 2.*

Perfas, que sendo taõ grandes Monarchas foraõ vencidos no mar por piquenas Republicas, a experiencia no lo mostra hoje em quasi todos os Princeses do mundo. E começando pelos de Asia, sabemos todos, que dos maiores senhores della saõ os Reys da China, Bijnaga, o dos Mogores, Nizamalucó, e Idalcaõ, os quaes por residirem no sertão, ainda que tenhaõ muita parte de seus estados maritimos, saõ taõ pouco poderosos no mar, que lhes levaõ muita ventagem nesta parte os Reys do Malavar, Dachem, Pão, e Jáos. O mesmo aconteceo em Africa aos Reys de Argel, que tendo menor senhorio de costa que os Xarifes, os sobrepujaraõ nas armadas, por os de Argel assistirem naquelle porto, e os Xarifes pela terra dentro em Fez, e Marrocos. Em Europa bem vemos a ventagem que nas forças do mar fazem Inglaterra, Olanda, Veneza, Genova, e o Turco a todos os outros Principes que tem suas Cortes no sertão. (*) E deixando outros exemplos;

ne-

(*) *Chron. d'El Rey D. Manoel p. 4. c. 86.*

nenhum nos póde mostrar isto mais claro que Portugal, no qual em quanto os Reys residiraõ em Lisboa, sabemos que alèm das grandes frotas, que mandavaõ para as suas conquistas, todos os annos sahiaõ deste Reyno tres armadas, huma que andava em guarda da costa delle, outra nas Ilhas, e a terceira no estreito, com as quaes conservàraõ seus Estados de maneira, que nunca em seu tempo chegou inimigo algum a roubar lugar da costa de Portugal, e defenderaõ o Estado da India contra o poder do Soldaõ do Cairo, e do Grão Turco, desbaratando-lhe poderosissimas armadas. Porém despois que Sua Magestade se ausentou, começou logo a ausencia a fazer seus effeitos, de modo que em poucos annos cessaraõ de todo as armadas, e achando os inimigos o mar desemparado dellas, roubaraõ as frotas do Brasil, e de Guiné, e muitas náos da India, e saquearaõ toda a costa do Brasil, Ilhas do Cabo Verde, & dos Açores,

e

Chron. d'El Rey D. Joaõ 3. p. 1. c. 14. e p. 4. c. 49. e 68.

e nos tomaraõ as Molucas; e finalmente entraraõ no mesmo Reyno, onde destruiaraõ Faro, e toda a Costa do Algarve, e cercaraõ Lisboa passeando muitas legoas com hum exercito por Portugal, o que tudo aconteceu por os Reys estarem no sertaaõ, e com sua ausencia faltarem as armadas, que defendessem a Costa do Reino, e as frotas que vem de suas conquistas.

A segunda razaaõ porque estando os Reys no sertaaõ naõ podem ser poderosos no mar, he, porque ainda que concedamos, que naõ obstante a ausencia dos Reys, se façaõ as armadas necessarias, com tudo assaz se tem conhecido, que naõ estando ElRey a ellas presente, saõ de mui pouco effeito. Porque nenhuma cousa anima tanto, e provoca a esforço os Soldados, e Capitaens, como a presenca do Principe. E sabendo que ElRey vê, e conhece os que se embarcaõ, e que acabada a jornada ha de ter noticia daquelles que bem o fizeraõ, aventuraõ-se a todo o perigo por alcançarem victoria. A experiencia disto se vio claramente em nossos dias nas armadas que ElRey D.

Felippe I. de Portugal, despachou de Lisboa, duas das quaes, estando presente, mandou contra os Franceses, que tinhaõ as Ilhas dos Açores, e duas estando ausente, contra Inglaterra; as primeiras alcançaraõ gloriosissimas victorias de poderosos inimigos, e as outras per si se desfizeraõ sem nenhum effeito, e com grande perda da reputação de Hespanha.

A terceira razão he pelo mão aviamento com que as armadas vaõ despachadas na ausencia de ElRey por negligencia, ou malicia de alguns contratadores, ou officiaes inferiores. Porque com esta occasiaõ aconteceo algumas vezes roubarem os mantimentos, ou os darem máos, e contaminados, e os materiaes, e aparelhos da navegação velhos, e podres com grande damno dos navegantes, comendo os biscoutos danados, e mesturados com cousas nocivas, os vinhos corruptos, e às vezes as pipas vassias, com que poem muitas vezes a risco as vidas, e saõ contragidos a arribar, e deixar suas viagens, como não ha muitos annos temos visto; o que estando ElRey presente, não poderá aconte-

recer, porque de força ouvirà estas queixas, e castigará rigurosamente os culpados.

A quarta, porque estando ElRey presente, não se perderão as conjunções, que muitas vezes se perdem no partir das nãos da India, e mais armadas, as quaes deixaõ de dar à vella, tendo tempo feito, por esperarem os despachos, que haõ de vir de Madrid, e com isto se passaõ as occasiões de maneira que muitas vezes vimos deixarem de hir as nãos à India, ou não partindo de todo, ou fazendo-o a tempo que tornaraõ logo a arribar; pondo aquelle estado a perigo de se perder, o que não acontecia em quanto os Reys assistiaõ em Lisboa, nem acontece agora aos Olandeses: os quais fazendo mayor caminho que o nosso, chegaõ primeiro que nós à India, porque não esperaõ por estes despachos, e por esta causa à vinda se recolhem tambem primeiro.

Nem contra isto se pòde dizer, que ElRey assiste em Madrid por razões de mór importancia, que para isso haja, como saõ estar no centro de Hespanha, para com igual distancia acodirem a

Sua Magestade de todos os Reynos della , e que não tendo Hespanha outro Reyno confinante de que se possa temer senão o de França , he bem considerado estar ElRey em parte , donde possa com facilidade soccorrer aquellas fronteiras , que ficaõ muito longe da costa do mar Oceano , e que assistindo ElRey em lugar maritimo se aventura a perder a reputaçã pelas prezas que ordinariamente fazem os cossairos junto das barras , o que estando ausente em Madrid , lhe não toca tanto , e fica mais segura sua pessoa. Porque todos estes inconvenientes tem facil reposta.

E quanto ao primeiro de ficar Madrid nomeio de seus Reynos , hase de considerar , que a Monarquia de Hespanha não consta só de Hespanha , mas de todas as Provincias de suas conquistas , e que para estas não fica Madrid no meio , mas muito desviado. Porque aos que haõ de vir por mar que he a maior parte de seus Vassallos , assi de Italia , e Flandres , como do novo Mundo , Africa , e India , mais perto lhe fica qualquer porto do Oceano , que não Madrid , metido

do no coração de Hespanha, onde os requerentes vão com grandes incomodidades suas, e dos negocios, que por estas dilacões se perdem muitas vezes. E vindo à mesma Hespanha tambem a havemos de considerar do Oceano até Madrid, e dahi até os Perineos. E assi he claro, que assistindo ElRey na costa, ametade de Hespanha lhe fica na mesma distancia, e ainda que a outra parte do fertoão não esteja tão perto da costa, importa pouco, pois he justo que se tenha mór respeito às Cidades maritimas de Andaluzia, Valença, Catalunha, Galiza, e Biscaya; a quem a communicacão do mar ficará mais vezinha, por serem de muito mór importancia, e concorrerem nellas tantas occasiões de guerras, Conquistas, e Cõmercios, o que nos lugares do fertoão não succede. E com tudo a distancia que de novo se acrescenta aos lugares mediterraneos, não he tão grande, que com tres dias de caminho mais, se não possa acudir a qualquer parte em que Sua Magestade estiver na costa.

(*) De menor consideracão he a assisten-

(*) *Marian. lib. 1. c. 15. c. 19.*

tencia d'ElRey em Madrid para socorrer a visinhança de França, porque além destes Reynos estarem hoje tam unidos em paz, e parentesco, cousa he notoria, a quem lêo as historias de Hespanha, como sendo esta Provincia muitas vezes Conquistada de estrangeiros nunca o foi de Franceses. Os primeiros que senhorearaõ Hespanha foraõ os Fenices, que passando com suas navegações as Colunas de Hercules, plantaraõ muitas Colonias na quella costa, e se lograraõ largos annos de suas riquezas. Succederaõ lhe os Cartagineses, que sendo senhores do mar, occuparaõ com facilidade os melhores pórtos della, e por elles possuirãõ as Cidades do Sertãõ. (*) A estes lançaõ os Romanos fóra só pelo senhorio do mar, porque sendo já expellidos de Hespanha pelos Cartagineses, tornaraõ a mandar por mar os Scipiões a Hespanha, que de novo a Conquistaraõ. Por mar fizeraõ Tarife, e Muça suas entradas, com que se senhorearaõ de Hespanha, e por mar passaraõ depois a ella tantas vezes os Almoravides, Al-

(*) *Id. l. 2. c. 18. 20.*

Almohades , e Benemerines pondo de novo o senhorio dos Reys Christãos de Hespanha a risco de totalmente se perder , senão fora socorrido com evidentes milagres do Ceo , e até que os Hespanhoes não ganharaõ o mar aos Mouros não poderaõ cobrar as Cidades da costa , e lançalos totalmente fóra , como se vio nas tomadas de Lisboa , Sevilha , Alcacere , Sylves , Almeria , Algeziras , e Conquistas do Reyno de Granada. Por mar depois disto , saquearaõ os Ingleses a Cadiz , e o Algarve , assaltaraõ a Corunha , e cercaraõ Lisboa. E por mar vimos ainda ontem aportar huma armada de Turcos a Galiza , e cativarem os Galegos dentro em suas casas. Pelo que com razaõ , do mar nos podemos temer , que da terra não ha que ter cuidado. Verdade seja que antigamente vieraõ de França os Celtas , e povoaraõ boa parte de Hespanha , porèm isto fizeraõ como povoadores , e não como Conquistadores. Porque ficando Hespanha deserta daquella grande seca , de que todos os escriptores fazem mençaõ , os mesmos Hespanhoes trouxeraõ daquella Provincia os Celtas , para lhes ajudarem a cultivar ,

var , e habitar a terra. (*) Tambem os Vandalos , Suevos , e Alanos , entrãrãõ em Hespanha pela parte de França , (*) más isto não se pôde attribuir aos Franceses , senãõ à traiçãõ dos soldados de Constante , que sobornados destas nações , lhe deraõ o passo livre ; e achando Hespanha sem governo , e sem soldados , foi-lhe pouco difficultoso senho-rear-se della , como o tinhaõ feito da mesma França. (*) Finalmente ainda depois da entrada dos Mouros tiverãõ os Franceses algum senhorio em Catalunha recuperando do poder dos Arabès a Barcelona. Mas isto foi à instancia dos mesmos naturaes da terra , que antes se quiserãõ ver sujeitos a Carlos Magno , como Rey Catholico que era , que não aos Mahometanos , e com tudo foi pequeno este senhorio , e durou pouco tempo. Pelo que de França se não podem temer forças , aque não resistaõ aquellas fronteiras , como se vio em tempo d'El-Rey Catholico , (*) nos exercitos que

vi-

(*) *Garib. lib. 7. c. 59.* (*) *Marlan lib. 1. c. 14.* (*) *Hist. de Barcel. de Frei Francisco Dieg. lib. c. 19.* (*) *Chron. de Carlos V. lib. 10. §. 7.*

vieraõ em favor de D. Joaõ dela Brit sobre Navarra, que todos se retiraraõ sem fazer coufa de consideraçaõ, o mesmo aconteceo em tempo do Emperador Carlos V. no qual entrando os Franceses em Hespanha com hum poderoso exercito, sahiraõ de todo desbaratados, e deixando a seu General cativo, sendo assi que estava o Emperador em Alemanha, (*) e toda Castella chêa das discenfoens das comunidades que ainda em parte duravaõ. Nem passaraõ melhor os que ultimamente vieraõ a Hespanha por mandado da Princefa de Bearne, quando foraõ as revoluções de Aragaõ, porque poucos escaparaõ de mortos, ou de cativos. A ffi que de França naõ ha que temer, antes os Franceses se podem recer de Hespanha, pellas muitas vezes que os desta Provincia tiveraõ naquelle senhorio. Porque deixando a jornada de Anibal, que com o exercito Hespanhol passou toda França, e a de Galba, que com outro semelhante se fez senhor della, e do Imperio Romano: os Godos possuirãõ grande tempo boa parte da Gallia, que

(*) *Bavia, p. 4. da Pont.*

que por isso chamáraõ Gótica. (*) E os Mouros que em Hespanha viviaõ passaraõ muitas vezes em França, onde Conquistaraõ a Provincia de Linguadoque, e estiveraõ em ponto de se senhorear de todo o Reyno. (*)

A ultima causa a que se tras pera a assistencia de Madrid, que he a perda da reputaçã pelas prezas dos piratas, naõ he digna de se considerar, porque estando ElRey em lugar maritimo, de necessidade ha de ter as armadas que dizemos, com que se senhore-e do mar, e assi naõ pòde haver estas prezas, antes a causa de se ellas fazerem he a ausencia dos Reys, por amor da qual tomaõ animo os cossarios para cometter semelhantes atrevimentos, os quaes naõ intentariaõ sabendo, que com os Reys presentes haviaõ de ser castigados. E se de presente vimos que estando Sua Magestade que Deos tem, em Lisboa ainda continuaraõ estas presas, naõ era isto de temerem pouco a presença Real, mas por verem que sua estada era de pas-

(*) *Moral. lib. 11. c. 12. e 45.* (*) *Marm. lib. 2. c. 14.*

passagem, e não de assento, e que portanto lhe faltavaõ as armadas, que de força ouvera de trazer na costa quando nesta Cidade residira; quanto mais que não se alcança reputação com o descuido, ou dissimulação dos damnos recebidos, nem com deixar tomar as nãos da Índia depois de ancoradas em noslos pórtos, e as barcas à vista da terra, senão com ter Hespanha huma poderosa armada, que guarde suas costas, e com saberem todos os inimigos que està ElRey no porto de mar para castigar suas insolencias. E assi não ha Author que escrevesse de estado, que fizesse consideração deste inconveniente para por elle aconselhar aos Reys, que assistissem no Sertoão, antes todos aprovaõ a residencia da Corte em lugar maritimo, e a tem por de summa importancia. Aristoteles nas suas Politicas diz, que a Cidade cabeça da Republica ferà maritima: *Urbis autem situs*, diz elle, (*) *si formanda nobis illa est, secundum votum opportune, & ad terram, & ad mare debetiacere.* E em outra parte diz, que evidentemente he necessario, que

(*) *Polit. lib. 7. c. 8.*

que a Cidade Cabeça da Republica tenha tanto poder no mar, quanto convêm aos tratos, e exercicios da mesma: *De navali autem potentia quod melius sit eam habere usque ad aliquam quantitatem manifestum est, magnitudo autem, & multitudo huius potentii ad mores sinitatis erit accomodanda, &c.*

O mesmo confirma Santo Thomas sobre este lugar, dizendo que em todo caso convêm, que a Cidade tenha poder maritimo. *Expedit igitur civitati potentiam habere nauticam.* Porém sobre todos o entenderão os Romanos, os quaes conhecendo que Carthago, Capua, e Corintho, por serem sitios maritimos, e mui acõmodados para o senhorio do mar, lhe podiaõ tirar o Imperio, as destruireã de todo, como affirma claramente Tullio, (*) dizendo delles: *Qui tres solum urbes in terris omnibus, Carthaginem, Corinthum, Capuam statuerunt, posse Imperii gravitatem, ac nomen sustinere &c. & ideo funditus substulerunt.* Pelo que nunca se entendeo que no lugar maritimo se perdia re-

(*) *Tul. de leg. Agraria contra Rullum.*

reputaçãõ, mas antes que fõ de semelhantes sítios se podia conquistar, e governar o mundo. E se estes varões taõ insignes aprovãraõ por tam conveniente a assistencia do Principe dequalquer Reyno em lugar marítimo, com quanta mais razaõ julgariaõ por totalmente necessaria a do Rey de Hespanha, cuja Monarchia sendo toda marítima parece que em certo modo fica monstruosa tendo no fertoã a cabeça.

Nem se pôde dizer, que com a assistencia de Madrid está a pessoa d'El Rey mais segura, que nos lugares da costa, porque vemos, que nunca dos Reys assistirem em lugar marítimo se lhe seguiu perigo algum. Lugar marítimo he Napoles, e naõ longe de Africa, e com tudo sempre assistiraõ nelle os Reys daquelle Reyno. Junto do mar está Londres, com França defronte, que he o inimigo ordinario de Inglaterra, e nem por isso se tiverãõ aquelles Reys por arriscados. O mesmo vemos no Senado de Veneza, e na Corte de Constantinopla. Pelo que assistindo sua Magestade em Lisboa como os Reys Portugueses faziaõ, sendo o mais fortificado lugar de Europa

pa, pôde viver nelle taõ seguro, e com tanta reputaçõ como os Reys de Portugal viveraõ, ou ainda muito maior, pois he tanto mais poderoso que elles.

Por estas razões, e por as outras já referidas, temos visto claramente como importa a Sua Magestade assistir em algum lugar maritimo de Hespanha, o que suposto, facil fica de entender, como nenhuma Cidade de toda ella he mais propria para este effeito, que Lisboa, porque o lugar que Sua Magestade houver de escolher, he necessario que esteja no meio da costa do mar Oceano, que tenha maior, e mais seguro porto, muito aparelho de materiaes necessarios para fabricar grandes armadas, abundancia de mantimentos, comodidade para ser previda, segurança de inimigos, facilidade para os acometter, e que haja nelle saude, e recreaçõs devidas para os Principes, e cortesaõs. Todas estas qualidades se achãõ em Lisboa de maneira, que naõ haverã outra Cidade, onde todas juntas, e com tanta perfeiçãõ concorraõ.

E começando primeiramente pelo sitio, elle he o mais acomodado de todos,

dos , porque como as principaes Conquistas de Hespanha se communicã pelo mar Oceano , he necessario que o lugar da Corte esteja na costa do mesmo Oceano , naõ nos pórtos do Mediterraneo , como saõ Barcellona Carthagenã , e Mallega. Nem do mesmo modo da parte do Norte de Biscaya até a Corunha. E assim no Oceano ficaõ sò tres , de que se pòde fazer conta , que saõ , o Porto de Santa Maria , Sevilha , e Lisboa. Do Porto de Santa Maria naõ ha que tratar , por estar quasi nas portas do Estreito , e ficar mais longe que Lisboa , as partes que vem do Norte. Sevilha naõ he perto de mar , senaõ do rio de Guadalquebir , onde naõ podem subir os Galeões por ser muito baixo , e ficaõ em S. Lucas , e nem os navios que là sobem estaõ seguros naquelle porto , pelas inundações do Rio , que juntamente fazem aquella Cidade mal sãã , e por estar em lugar chaõ a poem em perigo cada anno de se alagar. E assi he o sitio de Lisboa o melhor de todos por estar quasi no meio da costa de Hespanha , e para a communicação dos outros Reynos , e Conquistas mais facil , como

o testifica hum Douto Historiador de nosso tempo, ainda que pouco afeiçãoado a este Reyno, dizendo de Portugal, que he situado na mais acomodada parte de Hespanha, assi para as navegações antigas, como modernas, porque da parte direita lhe fica Galiza Biscaya, França, Inglaterra, e Alemanha com as mais Provincias Septentrionaes, defronte as Ilhas dos Açores, Canarias, e Indias Occidentaes; da esquerda, Andaluzia, com o Estreito; e no Mediterraneo, Italia, e Grecia, e passado elle, todas as Provincias, e Ilhas de Africa, e Asia, que nossas navegações descobriraõ, e conquistaraõ: *Situm est hoc Regnum* (diz elle) *loco commodissimo in medio multorum magnorum Regnorum, & tum ad antiquas, tum ad recentiores navigationes, idoneo: nam facie versus Occidentem conversa, à dextra habet Galiciam, Biscayam, Angliam, Germaniam, & reliqua Regna Septentrionalia, à fronte Insulas Accipitrum (quæ aliàs.terceræ nominantur) Insulas fortunates una cum Indiis Occidentalibus; à sinistra Andaluziam, & fretum Herculeum, per quod in mare Mediterra-*

ne-

*neum, e inde in Italiam, & Græ-
tiam navigatur. Relicto vero Freto, si
à sinistra, Africam circumnaviges,
plurima inveniuntur Regiones, & populi
plurimi incogniti, ut constat antiqui-
tati, quæ Zonam torridam, credidit
esse in habitabilem, ex quibus locis om-
nibus Olysiponem appellant naves preci-
osissimis mercibus onustæ; imprimis ex
Indijs Orientalibus, quas, ut mox di-
cemus Lusitani Imperio suo subiecerunt.*

O porto de Lisboa, que he o segun-
do que se require, conhecidamente he
o mais capaz, e seguro de toda a Euro-
pa, quanto mais de Hespanha, por ser
tamanho, que nenhum outro em gran-
deza pôde em muita parte competir com
elle, nem recolher taõ grande numero
de navios com mais comodidade, por
estar obrigado de todos os ventos, e
ser de tanto fundo, que nelle se fazem
grandissimos galeoens; e as nãos da India,
que saõ as maiores embarcações que na-
vegaõ hoje o mar.

A madeira necessaria para fabricar
grandes armadas, tem Lisboa em seu
territorio, e na ribeira do Tejo a me-
lhor, que se sabe por ser de fermosissi-

mos pinhaes, e em tanta copia, que della se fizeraõ as maiores armadas, que nunca vio o mar Oceano: como foi a com que passou ElRey D. Afonso V. (*) a tomada de Arzilla, de duzentas vellas, e outra maior com que ElRey Dom Joaõ primeiro tomou Ceita, e a d'ElRey Dom Sebastiaõ, que passou de mil. (**). E pela mesma razaõ mandou ElRey Dom Felipe. I. de Portugal, fabricar neste porto a principal parte da armada, com que o Marquez de Santa Cruz desbaratou a Felipe Estrozi, e aquella famosa, que o Duque de Medina Sidonia levou a Inglaterra, e as com que depois o Adiantado continuou na mesma empresa; e ainda hoje daqui fazem os galeões de estado da Coroa de Castella, e aqui se vem prover as esquadras de Biscaya pela muita commodidade, e abundancia que ha na terra de madeira, linho, breu, e outros materiaes, e excellentes officiaes de todos estes mesteres. E assi estando Sua Magestade presente póde aqui mandar
fa-

(*) *Chron. d'ElRey D. Afonso V.*

(**) *Conestag. liv. I.*

fazer grossissimas armadas de navios de alto bordo, ou de remo, sem ser necessario manda-los vir d'outras partes. As mesmas qualidades se achão no Porto de Setubal junto a Lisboa, e com que se acrescenta mais esta sua grandeza, e com que Sua Magestade se póde fazer no mar o mais poderoso Principe do mundo.

De mantimentos he Lisboa muito abastada, logrando-se naõ só dos de seu termo (que he fertilissimo) mas de quasi todo Portugal. Porque sendo o Tejo navegavel depois que entra neste Reyno, serve de lhos trazer de carreto com muita facilidade, assi de suas ribeiras, que saõ muito povoadas, como de todo Alentejo, Estremadura, e Beira, naõ fallando na grande copia de peixe do mesmo Tejo, e do porto de Setubal, de que se provê grande parte de Hespanha. Da bondade destes mantimentos dá testemunho Joaõ Botero, (*) dizendo, que saõ os milhores de Europa. *I fructi de la terra vi nascono nella, maggior perfetione chese sapia*

C ii

ne-

(*) Bot. Relat. univ. tit. Portugal.

nella Europa. Além destes fruitos da terra lhe entra de França, e Alemanha pelo mar infinita copia de trigo, e tantos mantimentos que até de frutas verdes, e ovos frescos he provida destas Regiões. Donde vemos que sendo em Lisboa o numero da gente taõ grande, que se tem hoje pelo maior povo de Europa he tanta sua abastança que todas as cousas necessarias valem nella a menor preço, que nas outras Provincias de Hespanha. (*)

Naõ he menor a fortaleza desta Cidade, e a segurança, com que se nella pôde estar dos assaltos dos inimigos, porque por mar fica tres ou quatro legoas metida pelo rio dentro, o qual está guardado com sete Castellos fortissimos (cousa que pôde ser senaõ achará em outra Cidade do mundo) que são o de Cascaes, S. Antonio, Cabeça feca, Saõ Giaõ, Belem, a Torre velha, e o Castello da Cidade, postos todos em lugares taõ oportunos, que impossivel he por mar ser acometida, e muito menos entrada; e pela terra está

(*) *Espejo del Principe, l. 1. c. 9.*

tá muito longe da costa, a qual toda he brava, e nos portos ordinarios tem seus Castellos, por onde fica sendo aos inimigos mui arriscada a desembarcaçãõ, depois da qual, antes de chegar a Lisboa, pódem ser primeiro desbaratados, alè m da mesma Cidade ser toda situada em lugar alto, e amparada pela terra de hum eminente, e forte Castello, e por si taõ defensavel, que com pouca fortificaçãõ fica segura, como o mostrou bem na grande resistencia que fez a ElRey Dom Afonso Henriques, (*) quando a conquistou, e depois nos longos e apertados cercos, que sustentou em tempo d'ElRey D. Fernando, e D. Joaõ. I. e ultimamente quando foi cometida dos Ingleses. (**)

A facilidade com que de Lisboa se póde Sua Magestade senhorear do mar Oceano, e socorer suas conquistas pela comodidade de seu sitio, he taõ evidente, que com razaõ a chamou o insigne Historiador Maffeu, Emperatris do Oceano dizendo: (***) *In Oceani velut imperium*
per

(*) *Chr. de Duarte Nunes p. 1.*

(**) *Chr, D. Joaõ. I: p. 1. c. 150.*

(***) *Maph. hist. l. 1.*

per opportuno e minet loco. Porque como fica no meio da costa de Hespanha pòde igualmente ao mesmo tempo despedir della huma armada para a boca do Estreito de Gibraltar, outra para o canal de Inglaterra, das quaes se seguirá ficar o mar de Hespanha seguro, assi das nações de Africa, como das do Norte. Porque por muitas vezes se tem visto, com quanta facilidade se pòde cerrar o Estreito de maneira, que contra vontade de Hespanha não saia vella alguma por elle. E quanto ao mar de Inglaterra, João Botero confessa que com huma boa armada que andasse naquella parte não somente asseguraria Sua Magestade as costas de Hespanha, e as frotas que vão, e vem do novo Mundo, Indias, e Africa mas traria em perpetuo receio a Inglaterra, e aos Estados de Olanda: (*) *Perche un bon numero, diz elle, di galeoni, & di vasselli da guerra ch'egli tenesse in quei mari non pur assicutrarebe le màrènmè de Spagna, e dell' America, e le flotte, che vanno su, e giù, materrebbe*

ii

(*) Boter. *Relações vnivers.* p. 2. liv. 4. tit. *Reg. catolico.*

*in Gelosia, Inghilterra, né lasciarebbe
quieta Fiàdra ei pae si bassii.* De
tanta importancia seriaõ estas duas ar-
madas, que não digo eu sòmente
com Botero, bastariaõ para guardar as
frotas, e costas de Hespanha, que sò
por estes dous Estreitos se podem vir a
offender, mas ainda, que com ellas
se escusariaõ as mais das armadas, que
de ordinario se trazem naquelles ma-
res para sua defenfaõ. Porque tendo to-
mado por aquella parte o mar as nave-
gações dos Olandeses, e nações do Nor-
te, fora muito mais facil prohibirlhe a
jornada da India, defendendolhe aquel-
la paragem, que não îlos depois com-
bater em Currate, na Sunda, e nas
Molucas, dividindo Sua Magestade as
forças por tantos milhares de legoas,
achando-os naquellas partes muito mais
fortes, assi por estarem abrigados das
fortalezas, que naquelles lugares tem
feito, como pelos socorros dos Reys;
com que se tem confederado. Pelo que
em quanto se não usar deste remedio,
seraõ de pouco effeito todos os que se
fizerem na India porque como não po-
dem ser combatidos no mesmo tempo
em

em todas as partes se em huma forem vencidos , ficão {na outra recuperados. Porém andando esta armada que dizemos na boca do Canal de Inglaterra , a todos elles , e num sò lugar se lhe impedia o caminho , a ssi à ida , como à vinda , pois não tem outro por onde navegar , e he parte , onde lhe falta o socorro de nossos contrarios , e o amparo de suas fortalezas , e com huma boa rota que nesta paragem tivessem , ficariaõ impossibilitados para intentar a segunda viagem ; e assi senaõ passarmos este Rio em seu principio , muito menos se poderà vadear na foz , quando depois de crecido se vai meter no mar , se os custos , e armadas que se tem feito na India sòmente pelos Visoreys Dom Martim Afonso de Castro , e Dom Jeronymo de Azevedo , e Governadores das Filipinas , se empregaraõ em guardar o Canal de Inglaterra , com muito menor despesa se tivera alcançado o intento que se pretende , pois de todos aquelles apparatus não resultou mais que perda da reputaçã de Hespanha. Finalmente não ha mal que daqui se não siga. Porque deixando as perdas tempo-

raes de tantas naos da China, e India roubadas, e fortalezas perdidas, com todo o trato do cravo, muito maior he o dano espirital que se tem naquellas partes recebido, faltando a pregação do Evangelho a muitas daquellas nações e profanando-se tantos Templos por estes hereges em todas nossas conquistas, e ainda na mesma Hespanha. O remedio de tudo consiste em assistir ElRey em Lisboa. Porque se os Reys de Portugal sendo tanto menos poderosos, que sua Magestade, sò com residir nella foraõ os primeiros que conquistàraõ todas as costas de Africa, Ilhas do mar Oceano, e o Estado da India, com quanta mòr facilidade poderà Sua Magestade sendo senhor de tantos Reynos, conservar daqui estas mesmas conquistas, e acrecentalas, e engrandecellas de cada vez mais; e se de Lisboa se socorreo a India contra o poder do Soldaõ do Cairo, e graõ Turco, com quanta mòr comodidade se poderaõ socorrer às outras Provincias, de Africa, e novo Mundo, que ficaõ muito mais perto, por naõ fallar nas de Italia, e Flandres.

De pouca importancia foraõ todas
es-

estas boas qualidades, se faltàra a Lisboa a faude. Porem he tal seu sitio, e clima, que parece a Cidade que Aristoteles, (*) e Plataõ desejàraõ para sustentar a vida largo tempo a seus moradores, porque està debaixo do quinto clima, na parte mais temperada delle, posta em ladeiras de montes, lavada de ventos salutiferos, cujo Ceo he taõ benigno, que se conhece pouca differença entre Inverno, e Veraõ, havendo perpetuamente flores no campo, e vendendo-se todo o anno pella Cidade, leite, nata, e queijos frescos. Donde muitos estrangeiros deixando as patrias, se vem morar a Lisboa atrahidos da suavidade com que se nella vive. Assi o confessaõ della George Braum, e Francisco Hogemberge nas suas Cidades do mundo dizendo: (**)

Quod autem ad loci salubritatem, & aeris temperamentum attinet, tanta certe soli cælique clementia, & amantitas est, ut nullo fere umquam anni tempore nec æstias, nec hiems immoder-

(*) Aristot. Polit. lib. 7. c. 11. Plat. lib. 6. de legib.

(**) Civitates orbi. lib. 1. tit. Olyssippo.

derata censeatur, quo factum est, ut multi mortales, ex diversis nationibus, terrisquæ remotissimis, cæli puritate pellecti, illic commigrarint, de relictoque solo natali, & patriæ cura posthabita, perpetuam ibi sedem, vitæque domicilium pojuerint. O mesmo refere Francisco de Monçon no seu espelho de Princepes. (*)

A isto se acrescentaõ as muitas recreações que ha nesta Cidade com a comodidade do rio, ora logrando a vista de seus fermosos edificios, e variedade da gente, que se vé no mar, e terra desde Belem até Xobregas, ora fazendo no rio copiosissimas pescarias. Naõ saõ menores as recreações da terra nas custosas quintas, ornadas de excellentes casas, fresquissimos jardins, com que está povoado todo o seu termo. Para o tempo do Veraõ tem os Reys perto da Cidade a estancia de Cintra, onde quanto as calmas saõ maiores, tanto mais frios, e saudaveis ares correm, dando lugar a se lograrem das montarias dos veados, de que aquellas terras estaõ che-

(*) *iib.* 1. c. 90.

as. Naõ cede a este sitio o de Almeirim para o Inverno, com os seus arneiros verdes, onde já mais ha lodo por muito que chova, em cujas coutadas se vé infinita caça de coelhos, lebres, porcos, e veados, naõ sendo menor o numero das aves que ali arribaõ no Inverno das partes do Norte. De todos estes lugares estando em Lisboa se podem lograr as pessoas Reaes, e cortezaõs com muita comodidade, em seus tempos devidos, e com maior gosto, que em nenhuma outra parte de Hespanha, por se gozarem todos estes sitios do mar, e terra.

Visto termos com evidencia, como a conservaçaõ, e augmento da Monarquia de Hespanha consiste em forças maritimas, e que estas as naõ póde Sua Magestade ter sem assistir em porto de mar, e que em todos os de Hespanha Lisboa he o melhor, por ser situado no coraçãõ de seus estados, ser mais capaz, e mais seguro porto, ter maior copia de materiaes para armadas, e ser mais abundante, e provida de mantimentos, e mais acomodada para a defenzaõ de seus estados, e finalmente por ter os me-
lho-

lhores ares, e recreações de todas. Pelo que só falta assistir Sua Magestade nella. O que podemos com rezaõ desejar, pois vemos a necessidade que ha de presente de acudir Sua Magestade a seus estados, e que o remedio consiste em huma mudança, taõ facil, e segura, como a de hum lugar mediterraneo de reguroso temperamento, de Veraõ, e Inverno, para outro maritimo de Ceo benigno, e saudaveis ares em todo o tempo. Tudo curaõ os olhos do Rey, tudo concerta, e remedeia sua presença. E se os principaes males que Hespanha padece, lhe vem do mar, como poderà ter delles a noticia que convem, estando tantas legoas apartado delle, quanto mais dar-lhe o remedio oportuno? fò esta assistencia em Lisboa (ou em qualquer parte de Andaluzia) pode dar a Sua Magestade inteiro conhecimento do que em seus senhorios passa. Daqui confirmará com perpetua duraçaõ sua Monarchia, porque sendo certo que os Estados se conservaõ pelos meios com que se adquiriraõ, daqui sustentará com suas armadas as Provincias do novo Mundo Africa, e Asia, que com ellas,

las, e com o mar livre seus Antecessores conquistáraõ. Daqui acrecentarãõ suas rendas fazendo chegar seguras as riquissimas frotas, com que todas as partes do mundo lhe vem todos os annos pagar tributo, e reconhecer senhorio, que saõ os môres rendimentos de sua Coroa, com os quaes poderá fazer as armadas de seus Antecessores, e outras maiores. Daqui verã com grande augmento acrecentar suas conquistas, povoando-se, e cultivando-se cada dia mais as Provincias do novo Mundo, Brasil, e India, effeito proprio, e certo da paz, e segurança do cõmercio. Porém o que mais importa he que com esta mudança se dilatarã mais largamente nossa santa Fé, prégando-se o Evangelho a tantas nações que o estaõ pedindo, e a outras aptas para recebello, com que ficará mais firme, e perpetuo o Imperio de Sua Magestade, servindo de instrumento da gloria de Deos, e salvaçaõ das almas. Finalmente naõ ha bem que d'aqui naõ resulte, porque ficando Sua Magestade poderoso no mar naõ sómente livrarã as costas de Hespanha dos roubos dos collarios de Berberia, mas ainda

teriaõ ditoso fim as prolongadas guerras de Flandres, as quaes sustentaõ os rebeldes só com o poder do mar, e como suas forças forem nelle inferiores, ficarãõ de todo vencidos, ou na mesma patria, ou impedindo-se-lhe o cõmercio da India, e Mina de que se sustentaõ, com lhe defender o Canal de Inglaterra. Deste modo se alcançaria a verdadeira reputaçãõ, enfreado Sua Magestade o poder de seus inimigos, e tendo seus vassallos exercitados na milicia de continuar armadas, e a nobreza destes Reynos, e dos mais de Hespanha ficaria excelentemente occupada, pois vendo que a estas armadas se ganhavaõ as honras, e as comendas, deixaria o prejuducial ocio em que cõmumente vive, e despenderia em beneficio publico o que agora gasta em excessivas vaidades, e dando as vidas pela patria cessariaõ tantas discordias, e desafios com que muitos as perdem em deserviço de Deos, e de seu Rey. Pelo que com razaõ, podemos entender, que em Sua Magestade assistir nesta Cidade, consiste termos Hespanha segura, suas Conquistas prosperas, suas frotas livres,

vres , seus Vassallos ricos , Sua Magestade poderoso , e nosso Senhor servido.

DISCURSO II.

DAS PARTES QUE HA DE HAVER na lingoagem para ser perfeita , como a Portuguesa as tem todas , e algumas com eminencia de outras lingoas.

AVENTEJANDO a natureza muitos animaes ao homem nas forças do corpo , e perfeições dos sentidos , sò com o entendimento , e lingoagem o fez superior a todos. Porque na razão lhe deu o verdadeiro conhecimento das cousas , e na lingoagem o meio para declarar seus conceitos , servindo-lhe a lingoagem , como diz Tullio (*) de Interprete do entendimento. Deste principio nasceu a estimação dos Idiomas , porque como da bondade , e clareza do interprete , penda ser melhor entendida a cousa interpretada , as mais das nações politicas pretenderaõ mostrar que a sua lingoagem fazia este officio do entendi-
men-

(*) *Lib. I. de legib.*

mento com maior perfeição, e elegancia; e tanto encarecerão alguns Autores os louvores de humas, e a barbaria das outras, que chegou a dizer Plinio: (*) *Explanatio animi quæ nos distinguit a feris, inter ipsos quoque homines discrimen alterum æque grande quem à beluis ferit.* Por tanto, tem dado este intento não pequena materia a grandes engenhos para compôr muitos volumes em abonação de suas proprias lingoas. E vendo eu a nossa Portuguesa taõ falta destes livros escritos em seu louvor, como sobeja de razões para não reconhecer por superior a nenhuma, determinei de ao menos as apontar neste Discurso, posto que via o aventurava a ser tido por Paradoxo; pois sendo a nossa lingua na opiniaõ de muitos quasi inferior a todas, a igualo com as melhores de Europa. Não pende porém a verdade de opiniaõ, senaõ de demonstrações, e assi tenho por certo, que quem quizer ver com atençaõ as que em favor da nossa lingua aqui se offerecem, e as authoridades, e exemplos de

D

va-

(*) *Plin. lib. 11. c. 51.*

varões gravíssimos em que se fundaõ ; que naõ sómente naõ teraõ este Discurso por Paradoxo , mas antes por evidencia manifesta.

Deixadas as opiniões dos Filósofos ; que por carecerem de fè , naõ pudèraõ alcançar a verdadeira noticia do primeiro homem , nem da lingoa que fallou. Consta da Sagrada Escriitura , que depois que Deos formou Adaõ , lhe apresentou no Paraiso terreal as cousas , que para elle criára , as quaes Adaõ vendo , chamou por seus nomes , que lhe entaõ novamente pôs. Esta lingoagem que nos descendentes de Adaõ se conservou atè o tempo de Nembrot , affirmaõ todos que era sem duvida prefeitissima , e chêa de muitos mysterios , pois foi inventada pelo primeiro homem , ou para melhor dizer inspirada nelle por Deos , e assi se pòde julgar por superior a todas. Vindo depois o tempo da edificaçaõ da torre de Babylonia , e querendo Deos castigar aos homens por aquelle soberbo atrevimento , diz a Sagrada Escriitura , que lhe confundio a lingoagem. Esta confusaõ de lingoas entendem alguns expositores , que foi mudando-lhe nos en-

tendimentos as significações das palavras, de modo que por este mesmo nome pedra, ou páo, entendessem agua ou fogo; o que parece se collige claramente do nome, confusaõ, que quer dizer, tomar huma cousa por outra: e a este modo trocou Deos o entendimento de tantas gentes, como foraõ presentes ao Sermaõ de S. Pedro no dia do Pentecostes, quando fallando elle na lingua Hebréa, os ouvintes de diversas nações entendiaõ aquellas mesmas palavras em varios idiomas, e estas eraõ as desvairadas lingoas de que se espantavaõ.

(*) Segundo esta opiniaõ podemos entender, que a lingoagem primeira de Adaõ foi dividida pelo mundo com a divisãõ das gentes, quando deixaraõ a obra daquella torre, levando-a todos nos vocabulos, mas naõ nos significados. E que com o tempo, e transmigrações dos Povos, se vieraõ a corromper de maneira as palavras, que já desta primeira lingua haverà mui poucas no mundo. Com tudo outros Authores tem para si, que

D ii

a

(*) *Joaquim Panonio na origem da lingua Francesa.*

a confusão das lingoas se fez d'outra maneira, e foi, mudando Deos à quellas homens a lingoagem que falavaõ em outras novas, que os mais dizem foraõ fetenta e huma. Além das quais affirmaõ, que ficou a mesma antiga, conservada inteiramente só na familia de Heber, que se naõ achou na quella obra, donde depois se chamou Hebraica. Porém esta com o tempo veio a tamanha corrupçaõ que conserva já muito pouco do seu bom principio, pois a vemos no estado de hoje huma das imperfeitas do mundo, como todos testificaõ, e o diz o Padre Bento Pereira: (*) *Lingua quidem Hebraica olim completa fuit &c. At nunc; imò vero post captivitatem Babyloniam imperfecta est, multorum. s. verborum inops: cum ea sola nomina manserint plane Hebraica quæ in libris sacris continentur; cujus rei illa fuit causa, quod Hebrei cum aliis gentibus mixti propriæ linguæ usum perdidierunt, & aliarum gentium linguas usurparunt.* O mesmo podemos dizer das demais lingoas, que tiveraõ seu principio nos edifica-

(*) Pereira in Genes. l. 16. c. 8, n. 24.

dores da torre, porque depois de tantos séculos, e mudanças das gentes, e Monarquias não podiaõ deixar de se corromper, e mudar em outras formas, como vemos o fizeraõ as mais celebres do mundo, e de que temos mais noticia. E assi não ha para que refutar aqui as conjecturas com que Joaõ Goropio Becano (*) pretende mostrar, que a sua Teutonica se conserva ainda incotructa desde o tempo de Nembroth, pois Justo Lipsio, e Josefo Escaligero lhe respondem largamente. E o mesmo se pôde dizer aos Biscainhos, que affirmaõ ser o seu vasconso daquelle tempo, sendo tal, que se não pôde escrever. Por onde segundo a melhor, e mais verdadeira opiniaõ, nem por primeira antiguidade, nem por incorrupçaõ do idioma, pôde nenhuma lingua ser tida por melhor que a outra. (**)

Supposto isto, devemos buscar outras razões, que não sejaõ de origem, para julgarmos em que está a melhoria de huma lingua á outra. E as que se pó-

(*) *Hermaten. lib. 2.*

(**) *Perion. vb. sup.*

pódem colligir affim de Joaõ Goroppio na sua Hermatena, como do que louváraõ, ou reprováraõ varios Authores nas mais estimadas entre os antigos, e modernos, são cinco qualidades, as que ha de ter a lingoagem para ser perfeita. f. ser copiofa de palavras, boa de pronunciar, breve no dizer, que escreva o que falla, e que seja apta para todos os estillos. De maneira que a que tiver estas qualidades em maior perfeiçaõ será de mór excellencia que as outras.

A copia, e abundancia da lingoa he necessaria por naõ repetirmos sempre os mesmos vocabulos, o que dà grande molestia aos ouvintes, e fastio á Oraçaõ, como o diz o Autor da Verborum copia latina : (*) *Neque raro usu venit, utidem nobis crebrius sit dicendum, ubi si destituti copia, aut habetabimus, aut, eadem identidem occinemus ; neque poterimus sententia colores, aliosque vultus dare : pariter & ipsi ridiculi erimus nostram proidentes infantiam, & tædio miseros audi-*

(*) Lib. 2. c. 8.

ditores enecabimus &c. Quis autem est auribus usque adeo patientibus, ut vel paulisper ferat orationem ubique; sui similem. &c. Consta a copia de palavras, assi dos nomes, como dos verbos; e nesta parte parece, que a lingua Hebréa tem o ultimo lugar, assi como a Grega o primeiro; porque na Hebréa os nomes são muito poucos, e faltaõ-lhe os comparativos, e superlativos, e por dizerem: Melhor he confiar em Deos que nos Principes dizem: *Bonum est sperare in Deo, quam sperare in Principibus*; e por montes altissimos, *Montes Dei*. O mesmo se vê nos verbos, onde não tem preterito imperfeito, nem plusquaõ perfeito, e se valem do Participio que chamaõ: *Benoni*, para significar estas vozes. Pelo contrario a lingua Grega he abundantissima, porque além da multidaõ de nomes que nella ha até no mesmo nome tem tres variações, e não havendo nas outras linguas mais dos dous numeros, singular, e plural, nella se acha o terceiro, que he, Dual, e nos verbos além do Activo, e Passivo, tem de mais outro que se chama, *Medio*, que significa hu-

ma,

ma, e outra vóz, e sobre os quatro modos naturaes, que saõ, segundo Brocense, *Indicativo*, *Conjuntivo*, *Imperativo*, *Infinitivo*, usa os dous Aoristos, que saõ outros preteritos, e o Exomeno, que he o outro segundo futuro. E havendo na lingua Latina hum sò Participio na Activa, e outro na Passiva, a Grega tem Participios dos Presentes, e Preteritos do Indicativo, e dos Futuros, e Aoristos. E sobre tudo no fallar Atico se admittia o Jonico, e Dorico. Com esta copia se aventejou grandemente a lingua Grega, e os Latinos a tiveraõ em tanta estima, que de seus despojos procuraraõ enriquecer a propria: e ainda assi, segundo Quintiliano, lhe ficava a latina taõ inferior, que quando lhe pediaõ que fallasse com a elegancia Grega, se desculpava com a pobreza da Latina: *Res plurimæ, diz elle, (*) carent appellationibus, ut eas necesse sit transferre, aut circumire; etiam in his, quæ denominata sunt, summa paupertas in eadem nos frequentissime devolvit: at illis non verborum modo sed linguarum*

in-

(*) Lib. 12. c. 10.

inter se differentium copia est. Quare qui à latinis exigit illam gratiam sermonis Attici det mihi in loquendo eandem jucunditatem, & parem copiam, &c. Com tudo sendo taõ abundante a lingua Grega, he de tanta importancia a copia de palayras, que ainda assim Cicero (*) a chama pobre, como se vê em muitos lugares de suas obras, e o refere Policiano contra Argiropilo Bizancio, que naõ podia sofrer esta queixa de Cicero. *Cæterum, diz elle, ut homo Græcus per quam ferebat iniquo animo nobilem illum, nec (ut Theodorus Gaza putat) importunam Marci Tullii Ciceronis exclamationem, qua Græciam verborum interdum inopem, quibus se putat abundare, non eloquentius fortasse, quam verius pronunciavit.* Donde se vê bem, quanto consiste a excellencia da lingua, na copia de palayras.

A boa pronunciaçaõ he a segunda parte que se na lingua requiere, a qual he de tanta importancia, que sem ella fica a lingoagem imperfeitissima, porque quando as palayras se naõ formaõ em
 seu

(*) *Miscel. cap. 1.*

seu lugar, fenaõ da garganta, ou dos beijos, àlem da descomposiçaõ que fazem no que pratica saõ causa de se naõ poderem escrever, nem os que usaõ a quella lingua poderem tomar outra. Do primeiro he grande exemplo o Valconso de Biscaya, o qual se naõ escreve pela difficullosa pronunciaçaõ, e já no tempo dos Romanos se naõ atrevêo Pomponio Mella a reduzir à escriptura os nomes de seus povos: *Cantabrorum*, diz elle, *aliquot populi, amnes quæ sunt, sed quorum nomina nostro ore concipi nequeant.* O legundo exemplo se vê na lingua Hebréa, que por ter muitas letras, e dicções, que elles chamaõ guteraes, e outras labiaes, vieraõ a naõ poder pronunciar qualquer outra lingua, como de si o confessa Josepho, o qual ainda que escrevêo elegantissimamente na Grega, nunca a pôde pronunciar: (*) *Græcanicæ literaturæ non siue profectu dedi operam, quamvis exquisitam pronuntiandi rationem àssequi per patriam consuetudinem non licuit &c.* Pelo contrario o pronunciar expedi-

ta-

(*) lib. 20. c. 9.

tamente, e exprimir as letras com facilidade, era taõ presado entre os Gregos, que essa foi a razaõ, segundo graves Authores, de chamarem Barbaros a todos os estrangeiros, e particularmente o affirma Estrabo lib. 14. nestas palavras: *Omnes itaque qui crassè loquuntur, Barbari dicuntur, quales sunt nationes omnes præter Græcos. Quare illos proprie Barbaros appellavit, ac in initio quidem per convitium, quasi duriculos, & crassilinguas, postea vero eo nomine abusi si sumus tanquam communi, & gentili, distinguentes eos a Græcis &c. (*)*

A terceira qualidade que se require na lingua, he a brevidade com que em poucas palavras explique os conceitos, e naõ por rodões, e circumloquios, porque sempre se deve guardar aquella regra natural, que aquillo que se pòde fazer por menos, senaõ faça por mais, conforme o Axioma de Aristoteles. Esta brevidade consta das palavras significarem com grande propriedade, e terem poucas sílabas.

A

(*) *Monsieur de Ubelai Disc. da Ling. Fran-
cesa.*

A propriedade dos vocabulos se vio mais na lingua Hebréa, que em nenhuma outra, e por todas as suas estarem chéas de grandes significados, as translações, que se fizeraõ da Biblia nas outras linguas foraõ muito mais diffusas, e he isto taõ certo que a propria Escritura o diz no prologo do Ecclesiastico: (*) *Deficient verba Hebraica, quando fuerint translata ad alteram linguam.* E com Arias Montano tem geralmente todos os Escripturarios, que o nome de Deos, *Geová*, em nenhuma outra lingua se pòde raduzir perfeitamnete: *Cuius ineffabile nomen illa tantum lingua recté pronuntiatum &c.* Depois da Hebraica se concedeo o primeiro lugar à Grega na brevidade, porque sendo muito copiosa, se explicava por termos proprios, e escusava os rodèos causados da estreiteza Latina, como Macrobio confessa, quando nos seus Saturnaes, trás hum distico de Plataõ, traduzido em desafete versos Latinos: (**) *Hos Platonis versiculos, quorum magis venustatem, an brevitatem admireris incertum*

(*) *In Sophon.* (**) *Saturn. lib. 2. c. 2.*

tum est; legisse me memini in latinum tanto latius versos, quanto solet nostra, quam Græcorum lingua brevior, & angustior existimari. Por razaõ das palavras terem poucas sillabas, pretende mostrar Joaõ Goropio, (*) que a sua lingua Cimbrica, ou Teutonica he mais abreviada de todas, porque quasi todas as palavras saõ monosillabas; mas ainda que isto seja grande argumento da brevidade, naõ basta, senaõ houver grande copia de palavras, pois tambem os Chinas tem todos os vocabulos monosillabos, e com tudo carecem de todos os tempos dos verbos, e dos pluraes dos nomes, como as mais das linguas barbaras.

A parte da escriptura (que he a quarta que apontamos para a lingua ser prefeita) naõ he menos nobre, antes muito mais illustre, pois pela escriptura se comunica a lingua a todas as Provincias estranhas, e dura igualmente com o tempo, de maneira que perdendo-se o uso da mesma lingua, fica ella sempre em sua prefeizaõ conservada nas letras. Por tanto convem, que o que se
pro-

(*) *Hermaten, lib. 2.*

pronuncia se escreva, que doutro modo ficará a escritura corrompendo a linguaagem, em lugar de a conservar: e assi diz Quintiliano: (*) *Hic enim est usus literarum, ut custodiant voces, & velut depositum reddant legentibus; itaque id exprimere debent quod dicturi sumus &c.* Sucede o defeito nesta parte, ou por se escreverem as palavras com menos letras do que são as sílabas, ou com demasiadas. Por falta de vogais padecio antigamente grande difficuldade a lingua Hebraica, e para se não perder de todo o conhecimento della, se inventáraõ os pontos, e assentos, que agora se vem nas Biblias Hebréas, em baxo, ou em cima, ou no meio das letras consoantes; e ainda assim ha grande variedade nesta interpretação. (**) Pela demasia das letras vogaes cometem os Francezes outro não menor erro, porque nenhum dos diphthongos quasi pronunciaõ como escrevem, e acabando ordinariamente as dicções em consoantes, nas mais dellas as não exprimem: de maneira; que mui-
to

(*) *Lib. 1. c. 14.* (**) *Ciguença na vida de Jeron. lib. 3. Disc. 1.*

to mór difficuldade ha em aprender a ler Frances , que naõ em alcançar as significações dos vocabulos , ou a sua Gramatica. E assi Joaõ Piloto na Arte que compos da lingua Francesa calumnia a seus proprios naturaes deste defeito , dizendo no §. de literis mutis : *Reperies præterea literas multis in locis mutas , quod jam antea de nonnullis obiter significavimus , quæ licet vulgo scribantur ; non tamen pronuntiantur. De his autem nihil potest tradi , quia omnes ejusmodi literas , ut superfluas , & otiosas omittunt plurimi viri docti , censes nobis , aut ita scribendum , ut proferimus , aut ita proferendum , ut scribimus , quod utinam , vel ab omnibus , vel ubique fieri posset , &c.* Esta mesma imperfeiçaõ tem a lingoa Tudenska , tanto nas Letras vogaes quanto nas consoantes , das quaes muitas vezes ajunta cinco , e seis em huma silaba , e saõ taõ asperos na pronunciaçaõ , que todos os nomes ainda que sejaõ de muitas silabas , os fazem na expressaõ monosilabos. Na lingoa Italiana naõ he este erro da Ortografia taõ frequente porém tambem participa delle assas , pois pronun-

nunciando, *filholo*, escreve, *filhivolo*, e outras muitas palavras semelhantes. (*) Tambem Quintiliano aponta algumas Latinas, em que a pronunciaçãõ naõ dizia com a Ortografia, que os Grammaticos lhe davaõ. O que querendo emendar o Emperador Augusto, naõ as escrevia senaõ com as letras com que as fallava, como diz Suetonio: (**) *Ortographiam, idest, formulam, rationemque scribendi à Grammaticis institutam non adeo custodit, ac videtur sequi potius opinionem eorum, qui perinde scribendum, ac loquendum existiment.*

A ultima perfeiçãõ que diziamos havia de ter a lingua, era ser apta para todos os estillos. Dividem os Rethoricos os estillos do bem dizer em tres especies, que saõ, *gracil*, *grande*, & *medio*, que podemos chamar, humilde grave, e meam: e conforme a Quintiliano lib. 12. cap. 10. O officio de cada hum he: *Ut primum docendi, secundum movendi, tertium illud utrocumque nomine delectandi, sive aliud*
in-

(*) *Ubi. sup.*

(**) *In Augusto. c. 88.*

inter consiliandi prestare videtur officium: in docendo autem accumen, in inter consiliando lenitas, in movendo gravitas videatur &c. De modo que para que a lingoagem seja consumada, com tanta propriedade se ha de poder nella escrever hum poema heroico, como huma farça vulgar; e da mesma maneira a historia grave, que a carta jocosa. Pelo que aquella lingua em que florecêraõ escritores em todos estes estillos tem a perfeiçaõ da eloquencia: e pelo contrario a que nelles faltar serà pobre e defeituosa. Donde Tullio querendo convencer aos seus Romanos naquella principio da Monarchia, em que ainda naõ estimavaõ tanto a sua lingua: desta aptidaõ de estillos lhe argumentava, dizendo:

(*) *Ego autem satis mirari nequeo, unde hoc sit tam insolens domesticarum rerum fastidium? Non est omnino hic docendi locus sed tasentio, & sæpe differui, latinam linguam non modo non inopem, ut vulgo putatur, sed locupletiozem etiam esse, quam Græcam. Quando enim, ne nobis dicant aut Oratoribus bonis, aut*

E

poe-

(*) Lib. 1. de finibus.

poetis, postea quidem quam fuit, quem imitarentur, ullus orationis, vel copiosæ, vel elegantis ornatus defuit.

Estas são as partes que ha de ter a lingoagem para ser perfeita: e do que está dito se pôde colligir claramente; que as lingoas que entre os antigos houve mais celebres, foraõ a Hebraica, Grega, e Latina, a que podemos chamar Princesas do mundo, porque esta authoridade lhe deu o titulo da Cruz, onde foraõ postas, das quaes a Latina foi a ultima que floreceo grandemente, e por industria de seus naturaes se dilatou tanto por todas as partes do mundo, que quasi veio a ser commua nas Provincias do Imperio, de maneira, que como diz della Plinio: (*) *Tot populorum discordes, ferasque linguas sermonis commercio contraheret ad colloquium.* Por onde muitos tem para si, que ella foi aquella prometida de Deos pelo Profeta Sofonias, quando disse: (**) *Tunc reddam populis labium electum, ut invocent omnes nomen Domini &c.* Desta lingua Latina nos naõ ficou ja agora mais que
a

(*) *Lib. 3. c. 5.* (**) *Sophonias. c. 3.*

a parte da Escritura , e o uso se corrompeo em Italia , França , e Hespanha nas linguas vulgares , que ao presente se fallaõ nestas Provincias. Pelo que querendo dar juizo entre humas , e outras , além das cinco qualidades acima referidas , havemos de acrescentar a da origem , porque como notoriamente descenderaõ estas da Latinidade , aquella alcançará mais de suas perfeições , que inda hoje se conformar mais com ella , affi nos vocabulos , como na Ortografia. E mostrando nõs , que a Portuguesa participa mais da Latina , que na copia , pronunciaçaõ , brevidade , Ortografia , aptidaõ para todos os estillos , naõ he inferior a nenhuma das modernas , antes igual a algumas das antigas ; com razaõ lhe poderemos dar o louvor de lingua perfeita , e de ser huma das melhores do mundo.

A lingua Latina se corrompeo em Italia , França , e Hespanha , por varios modos. Porém na lingua Portuguesa , e Castelhana está o Latim menos viciado , que na Italiana , e Francesa ; porque os Italianos nenhum nome , õu verbo , acabaõ em consoante , senaõ em vogal , com que notoriamente ficaõ cor-

rompendo a mór parte dos vocabulos Latinos. E os Francefes pelo contrario admittiraõ tantas confoantes nos finaes, que por esta via a naõ descompuseraõ menos, a cabando muitas palavras em *f*; e pela visinhança que tem com os Alemaens participaraõ tambem muitos termos da lingua Theutonica, que naõ tem nenhuma origem, nem afinidade com a Latina, pelo que em nenhuma dellas se achaõ tantos nomes Latinos em sua inteireza, como na nossa lingua, e Castellhana, e na nossa particularmente podemos compôr muitas orações, e periodos, que juntamente sejaõ Latinos, e Portugueses, como se vê destas palavras:

O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingua Lusitana, cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflammas: quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perverfas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias Latinas.

Deste modo se poderaõ encher muitas

paginas , naõ sòmente em prosa , mas o que he mais de estimar , em verso de todas as medidas , de que vi já muitos , e Duarte Nunez *Orig. c. 25.* tras alguns , dos quaes só pòde dar o louvor a Joaõ de Barros , que foi o primeiro , que na sua Grammatica Portuguesa os compòs , e publicou. E porque se veja disto algum exemplo , porei aqui estes disticos , que hum curioso fez a Roma , e Bethlem :

Roma infinitos santissima vive per annos,

Pacifica gentes (vive quieta) tuas.

Castiga grandes , violenta morte , tyranos ,

Ingratos animos (es generosa) fuge.

Acquire insignes , varia de gente triumphos,

Distantes terras , imperiosa rege.

Tanto maiores titulos Bethlem alta celebra ,

Quanto Romano maior es imperio.

Maior amor , maior es magnificentia , maior

Fama , tuas Christo , dando benigna casas.

Ainda que a lingoagem deste epigrama

pareça que vai hum pouco fòra do uso

commum , he mais por razaõ da me-

didã dos versos , e rigor das sillabas ,

que obriga aos Poetas a naõ fallar da

maneira dos Oradores , que por falta

das palavras. Estes exemplos naõ pòdem

mostrar na sua lingoã com facilidade os

Italianos , e Franceses , e por elles se

prova a grande afinidade que com a lingua Latina tem à nossa: e assi com rezaõ fingio o nosso Poeta que Venus se afeiçoara aos Portugueses, por ver nelles não sómente o valor Romano, mas ainda a mesma lingua, dizendo:

(*) *Na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que he Latina.*

Porém vindo ás outras cinco qualidades referidas que se requerem na lingua, mostrarei brevemente, que todas se achão na nossa Portuguesa com particular perfeição. E quanto à copia de palavras já disse como esta constava assi de nomes, como de verbos. Nos verbos he cousa notoria, que todas as linguas vulgares ficaõ inferiores à Latina, porque as mais dellas não tem voz passiva, nem participios do futuro, que respondeão à *Amaturus*, e à *Amandus*: e assi mesmo lhe falta a mòr parte dos comparativos. Isto he geral nas tres linguas vulgares, Italiana, Francesa, e Hespanhola. Porém a nossa participa menos deste defeito, porque a voz passiva supre bastantissimamente com estes pro-

(*) *Lusiad. Canto I.*

nomes, *Me, te, se: Nós, vós, se:* e por *Appellor, Appellaris*, dizemos, Chamome, Chamaste, &c. e por *Movoor, Movome:* e por *Vestior, vistome;* a qual passiva se acha que diz bem em todos os verbos, cuja acção pôde ser moralmente exercitada pela mesma pessoa, de quem se diz, como em parte o notáraõ Duarte Nunes, e Amaro de Roboredo. Além da qual passiva temos a outra ordinaria, suprida com o verbo Sustantivo, e Supino, que tem as outras lingoas, dos quaes suprinentos os Latinos igualmente se aproveitaõ nos tempos Perfeitos, e Plusquaõ Perfeitos passivos, e dos que delles se formaõ. Temos além disto o Infinitivo (que alguns chamaõ nome verbal) que na nossa lingua se conjuga por todas as pessoas, e declina por todos os casos, o que os Latinos só fazem pelo sentido da Oraçaõ, mas naõ por terminações variadas, como o mostra largamente Prisciano, e Francisco Sanches na sua Minerva; onde prova, que o infinitivo tem a mesma força de nome, e que se declina por todos os casos, na fórma já dita. Esta nossa
con-

conjugação, e declinação do infinitivo não tem os Italianos, nem Franceses, como também notou Amaro do Rebo-
redo. Levamos mais a estas linguas ou-
tra ventagem, que he, termos o futu-
ro do conjuntivo. Como eu *For*, ou
como eu *Amar*, que lhe a ellas falta
em todos os verbos, e assi dizem só-
mente, quando eu *Serei*. Quando eu
Amarei. Carecem também os Franceses
de todos os Superlativos, que nós te-
mos com grande abundancia: de ma-
neira que por *Christianissimo*, dizem:
Tres Christão. E por: *Bonissimo*, *Tres*
bom. Porém na copia das palavras, e
verbos proprios, não cede a nossa lin-
goa Portuguesa, nem á Latina, nem a
nenhuma vulgar, porque he riquissima
delles. A copia de nossa lingua, se vê
por quatro demonstraões. A primeira
nos muitos verbos, que significaõ huma
só acção. A segunda no numero dos no-
mes que ha para huma mesma cousa. A
terceira na multidaõ de vocabulos que
nascem de huma só palavra. A quarta
dos muitos termos, que a lingua Por-
tuguesa tem de verbos, e nomes, que
explicaõ particulares cousas, e acções,
que

que em nenhuma outra lingua nem por palavras proprias, nem por circumloquios se podem declarar. Dos Verbos seja exemplo esta acção, de reduzir hum livro a menor leitura, que dizemos por sete verbos, que são: (*) *Abreviar, Recopilar, Resumir, Epilogar, Epitomar, Compendiar, e Encurtar*. E os Latinos tem só: *abbreviare*, e o mais dizem por frases. E nem por estes nossos verbos serem derivados de nomes Latinos, se podem chamar tambem Latinos, pois os Latinos não averbaram estes nomes. E os Portuguezes sim. Dos nomes seja demonstração o nome, (**) *Adagio* que he o mesmo que, *Proverbio; Rifaõ, Exemplo, Sentença, Ditado, e Anexim*. Dos quaes vocabulos os Latinos não tem neste sentido mais de dous, ou tres. O terceiro exemplo de nascerem muitos vocabulos de hum só nome mostrou já largamente Duarte Nunez na sua Origem da lingua Portuguesa c. 20, e se vê bem nos que se derivaõ desta palavra, *Pedra*, de que

os

(*) *Copia de verbos, Portuguezes.* (2) *Copia de nomes Portuguezes.*

os Latinos não tem mais de seis, e nós quinze, que são: (*) *Pedra, Pedreiro, Pedreira, Pederneira, Pedrinha, Pedraria, Pedral, Pedrogaõ, Pedrado, Empe-drar, Desempedrar, Apedrejar, Pedrada, Pedroso, Pedregoso, Pedranceira, Pedrouço, Pedregulho*. He esta abundancia de derivações causa de grande propriedade na lingua, e o contrario de defeito nella, como se vê na Castelhana, que como já notou Pero de Magalhaens no seu dialogo de Petronio, dizendo, (**) *Ojos*, não diz *Ojar*, senão, *Mirar*: e dizendo, *Mirar*, não chama aos olhos, *Miros*, no que se conhece notoria impropriedade. Da quarta e ultima demonstraço das palavras que se não achão nas outras linguas, senão sò na Portuguesa, seja exemplo, *Aderencia, Agazalhar, Alvoroco, Atinar, Bonina, Enxergar, Em-campar, Encarar, Geito, Insar, Lem-brança, Magoar, Mavioso, Prague-jar, Pairo, Pairar, Primor, Tomar-se de alguma cousa, Mano, Saudade, Sofrego*, e outros muitos que deixamos de

(*) *Copia de derivações.* (**) *Palavras Portuguesas, que se não achão n'outra lingua.*

de trazer : por não estender este Discurso mais , e por que o fazemos particularmente em huma copia de palavras Portuguezas , onde se vê por extenso a abundancia de vocabulos , e excellentes modos de fallar de que he dotada , e enriquecida a nossa lingua com muita ventagem de outras. E porque não pareça que este conceito he lómente meu , ou achado de novo , trarei huma authoridade que o confirma de hum Autor , affaz conhecido por douto nas linguas , e eloquencia ; que foi o Bispo de Leiria Dom Antonio Pinheiro eruditissimo Comentador de Quintiliano , o qual traduzindo em Portuguez o Panegirico de Plinio a Trajano (que he huma das Orações mais ornadas de figuras Rethoricas , e das flores da eloquencia de toda a antiguidade) diz assi na Dedicatoria fallando com ElReyD Joaõ III. (*) *Alem deste substancial preceito , trabalhei nas boras furtadas de vinte dias que passãõ des que levei a V. A. o tratado sobre os Pjalmos , atégora , por enfraquecer a falsa , e vãõ opiniaõ , que da nossa lingua*

(*) O original está na livreria da Caruxa de Evora.

conceberão muitos, tachando-a de pobre, não copiosa, dura, e não ornada; injuriando-a de barbara, e grosseira, a gravando-a com a gabarem em trovas leves, em comparações, e apudaduras de homens com abatimento de sua pessoa, graciosos. E pois eu pela criação em terras estranhas, e não muita ligação de nossos Authores, de tal maneira pus em nosso commum fallar, estillo tão sutil, tão basto de figuras, tão espesso em sentenças, tão luzido de bons ditos, tão discreto em avisos, e fiado, tão delgado; não sómente com ma nunca ver em afronta de necessidade, (se não foi de escolher) mas ainda com rastejar todos os primores do Latim, quanto mais eloquentes devem ser, e são, os que usão do mel do Paço, da doçura cortezão, e no thesouro de suas lembranças tem feitas provizões de palavras em abastança &c.

A pronunciação perfeita consiste no bom som das palavras, que se fórma do ajuntamento das letras em sillabas, e das sillabas em dicções, as quaes na lingua Portugueza são suaves, porque nem tem vehemente aspirações, nem a aspe-

reza dos Alemães, nem acabaõ nenhuma finaes em *t*, *f*, *c*, ou, *b*, que são letras ásperas, de que usaõ os Francezes, e Latinos; nem menos em, *d*, como tem os Castelhanos em todos os Imperativos do Plurar, como: *Hazed*, *Aamad*. E em muitos nomes, como: *Merced*, *Ciudad*. E com ser a lingua Portugueza em todas as sillabas facil, fica participando de maior gravidade nas palavras, que a Italiana, a qual por acabar todas em vogal, tem huma apparencia pueril. Sómente huma cousa nos podem tachar, que he usarmos frequentemente de diphtongos nos finaes. Porém havemos de considerar, que na nossa lingua ha huns diphtongos communs às outras, e outro nosso particular. Os communs são, *ai*, *ae*, *au*, *ei*, *eu*, *oe*, *ou*, *ui*, e estes tiveraõ os Gregos, e Romanos, como mostraõ largamente Francisco Sanches Brocense, e Angelo Policiano; e se hoje senaõ pronunciaõ nesta fórma, he por negligencia dos Modernos, como o prova com muitos exemplos na mesma lingua Portugueza o Brocense, (*) tratando dos Gregos, e se collige da mesma etimologia do nome,

(*) *Minerva* c. 43.

porque diphtongo se disse de, *Dis* dicção Grega, que quer dizer dous, e: *Ptongos*, que he sôm: quasi dizendo, dobrado sôm de duas vogaes, e não de huma só, como o mostra Terenciano nestes versos:

*Porro vocalem secuta, vim tenet vocalium
Et sonos utrosque jungit, unde diphtongos eas
Grecia dicunt magistri, quod duæ junctæ simul
Sillabam sonant in unam, vique gemina præ-
vita, &c*

Daqui infere Aldo Manuncio, que os diphtongos se pronunciaõ corruptamente ha muitos annos: *Quando quidem, vel hinc colligi potest, atate nostra, & maiorum abhinc annos octingentos, perperam diphtongos omnes, & pronuntiari, & pronuntiates esse &c.* De maneira que estes diphtongos que hoje temos na lingua Portuguesa, são os mesmos que antigamente pronunciaõ os Gregos, e Latinos, e agora usaõ os Franceses. E não temos algum taõ proprio, que se não ache nas outras nações, posto que não falta quem affirme o contrario. Sò o diphtongo, *ão*, he proprio nosso, e o corrompemos do *om*, Francez, e Galego, em que não ha

ha muitos annos acabavaõ as mais das dicções que hoje terminamos em, *ão*, por se pronunciar este diptongo por, *a*, com mais brandura, e suavidade que naõ por, *o*. Donde naõ ficou a lingua peiorada com esta mudança, mas antes com notavel melhora; pelo que he facil de tomar e aprender a todas as nações tirando a Castelhana. Porque os Franceses, Ingleses, Hibernios, Flamengos, Alemães, Catalães, Valencianos, e Biscainhos, com tanta facilidade a pronunciaõ, como pòdem testemunhar as Cidades de Lisboa, Evora, e Coimbra, onde modernamente muitos Religiosos destas nações prègaram, e ensinaram publicamente na nossa lingua vulgar. E a resaçõ de os Castelhanos a naõ pronunciarem com facilidade, he, porque onde nõs terminamos as palavras em, *m*, acabaõ elles com, *n*, e taõ familiar lhe he esta letra, que nas terceiras pessoas do plural a usaõ em todos os tempos dos verbos, como: *Aman, Amaban, &c.* E nos nomes a tem frequentemente, como: *Pan, Capitan,* e nos participios, *Comparacion;* e nas preposições, como: *En, Sin.* Estas

dicções todas nós acabamos em, *m*, ou no nosso diphtongo: o qual he quasi como o, *am*, que os Latinos usão nos accusativos da primeira declinaçãõ, como: *Musam*, *Famam*, e nas primeiras pessoas dos plusquam perfeitos do Indicativo dos verbos, como: *Amaveram*, *Legeram*, e n'outras palavras que acabaõ na mesma terminaçaõ quaes saõ, *Coram*, *Quinam*, *Quispiam*, &c. E ainda que o nosso, *am*, e, *m*, dos finais seja menos suave que o, *n*, dos Castelhanos, segundo Quintiliano, (*) que por isso o louva aos Gregos; com tudo elle mesmo acode pelo, *m*, dos Latinos dizendo: *Non possumus esse tam graciosales, simus fortiores; subtilitate vincimur, valeamus pondere &c.* E assi podemos dizer, que se a nossa lingua nesta parte fica menos suave, que ficã mais grave. E como cousa nella muito notoria lhe daõ este honroso epiteto, Joaõ de Barros, Duarte Nunes, Pero de Magalhães, Jorge de Monte Mayor, Francisco Rodriguez Lobo, e Lopo da Vega Carpio, e outros; e com

tu-

(*) *Lib. 12. c. 10.*

tudo esta natural gravidade não he de algum impedimento a nossa lingua para deixar de se exercitar em qualquer genero de escriptura , como bem diz Joaõ de Barros : *A lingoagem Portuguesa , que tenha esta gravidade , não perde a força para declarar , mover , deleitar , e exortar , a parte a que se inclina em todo o genero de escriptura , &c.* Isto não tei se se pòde alli affirmar dos , *m* , nas finaes da Castelhana , pois lhe são de tanto impedimento para tomar bem as outras linguas , que até a Latina corrompem , e as dicções Latinas que acabaõ em , *m* . pronunciaõ muitos com , *n* , e por *Musam* dizem , *Musan* , e por *Templum* , *Templun* . Pelo que consta que a nossa pronunciação he facil , e boa , pois a exprimem bem os que bem fallaõ a lingua Latina , e Francesa ; e àlem disso he causa de os Portugueses alcançarem todas as linguas estrangeiras com summa facilidade , o que he notorio a todas as gentes , e não pudera ser se tiveramos a pronunciação aspera , ou grosseira , como já deixámos provado na lingua Hebréa ; mas he isto tanto ao contrario , que Authores graves Castelha-

nos, confessaõ haver na nossa pronun-
 ciacão, hum som suave, e deleitoso aos
 ouvidos, como o testifica o Padre Joaõ
 de Mariana nestas palavras: *Extremis
 Lusitanis peculiaris lingua est ex Gallico
 sermone & Hispano temperata atque con-
 fusa, eoque elegans, audituique grata.* E
 Miguel de Servantes varaõ eloquentissimo
 (e de quem se disse que descubrio a alteza
 da lingua Castellhana) fallando das excel-
 lencias de Valença, e da boa graça da
 lingoagem da terra, acrescenta: *Con-
 quem sola la Portuguesa puede compe-
 tir, en ser dulce, y suave.* Mais avante
 passa o insigne Poeta Lopo da Vega Car-
 pio, pois lhe dà nesta parte ventagem
 à Latina e Toscana, como se vê na sua
 descripção da Tapada celebre Bosque
 dos Duques de Bragança, onde intro-
 duzindo certas Nynfas, cantando estan-
 cias em varias lingoas, diz da nossa,
 que se siguiu à Latina, e Italiana, estes
 versos:

*Assi cantando fue la Portuguesa,
 Con celebrado aplauso larga historia,
 A quien por la dulçura que professa
 Entrambas concedieron la vitoria.*

E porque não cuide alguem, que isto
 he

he encarecimento poetico, a mesma opiniaõ teve já antes delle, hum Author grave Italiano.

A brevidade da lingua se collige da copia dos vocabulos, das traduções, e dos modos de falar acomodados a varios sentidos. Da copia já tratamos acima, e vimos que não sómente era abundante das palavras que respondem ás das outras linguas, mas de outras que as mais não alcançaraõ, donde se deixa ver com quanta brevidade declarára seus conceitos, pois tudo explica por termos proprios, e não por circuitos; e quando usa de frases he com muita brevidade, o elegancia, como se póde ver neste ramo de canção, onde em sete regras, se descrevem tres comparações da Prella, com todo o ornamento poetico.

*Bem qual onda de mar, na sêca arêa
Se desfaz n'um momento,
Qual leve pensamento,
Que os sentidos de noite senborêa,
Ou qual a flor, que na manham se
arrêa
Toda de esmalte verde,
E logo folba, e graça á tarde perde;*

E quanto às traduções claramente se mostra, assim nas de verso que fizeram Antonio Ferreira, e Luis de Camões, como nas de prosa do Bispo Dom Antonio Pinheiro, e outros, que se não he mais breve que a Latina, ao menos não he mais larga. Admitte além disso a nossa lingua com grande elegancia, e particular graça as metaphoras, as quaes como se podem applicar a tantas cousas, fica huma mesma sentença, servindo a muitos sentidos, como se vê nos versos do nosso Francisco de Sá e Miranda, que sendo pastoris servem aos Cortesãos, Filósofos, e Oradores, applicando-os cada hum á sua profissão. O mesmo se póde dizer do grande numero de sentenças, adagios, ditos, e motes, que se trazem vulgarmente, onde com summa brevidade se mostram grandes conceitos. Pelo que com rezaõ louva, em particular a brevidade da nossa lingua o Padre Frei Bernardo de Brito (a quem este Reino deve muito; e que em algumas de suas Obras mostrou bem o grande voto que teve na eloquencia Portuguesa) o qual na primeira parte de sua Monarquia (*) diz estas pa-

(*) *Prol. da Mon. Lusit. p. 1.*

lavras, fallando contra a quelles que lhe aconselhavaõ naõ elcrevesse em Portugues: *Como esta opiniaõ era taõ mal fundada, nunca fiz rosto a quem me persuadia, vendo que a primeira razãõ me arguia de interesseiro, em pertender gasto da impressãõ; e a segunda de indigno do nome Portuguez, em ter taõ pouco conbecimento da lingua propria, que a julgasse por inferior á Castelhana; sendo tanto pelo contrario, que naõ ha lingua em Europa (tomada nos termos que hoje a vemos) mais digna de se estimar para historia, que a Portuguesa: pois ella entre as mais he, a que em menos palavras descobre mōres conceitos, e a que com menos rodẽos, e mais graves termos dá no ponto da verdade, &c.*

Porém quando as outras lingoas nos levassẽ ventagem em qualquer das partes, que temos referido, notoria couza he, que na Orthografia nos ficavaõ todas inferiores; porque nenhuma couza escrevemos, que naõ pronunciamos, como o mostra o nosso Joã de Barros na sua Grammatica Portuguesa, dizendo: *A primeira e principal regra*
na

na nossa Ortografia, he escrever todas as dicções com tantas letras, com quantas as pronunciamos, sem por consoantes ociosas, como vemos na escriptura Italiana, e Francesa. E dado que a dicção seja Latina, como a derivamos a nós, e perder sua pureza, logo a devemos escrever ao nosso modo, por semelhante exemplo, Ortografia he vocabulo Grego, e os Latinos o escrevem desta maneira *atras*, e nós o devemos escrever com estas letras, Ortografia, porque com ellas o pronunciamos. Este defeito he muito ordinario nos estrangeiros, como já fica provado dos Franceses, Italianos, e Alemães, e o confessa em parte Quintiliano dos Latinos dizendo: *Quid, quæ scribuntur aliter qui enunciantur? Nam & Galus, C, litera notatur, quæ inversa, J, mulierem declavat: quia tam Caias esse vocitatas quam Caios, etiam exnuptialibus sacris apparet. Nec (neus eam literam in prænominis nota accipit, quæ sonat: & Columna, exempta N, litera; & Consules, geminata S, litera Coss. legimus &c.* E sendo a lingua Castelhana muito superior á Italia-

liana, e Francesa, na copia, suavidade, brevidade, e aptidaõ para toda a materia; só no ler, e escrever as letras, lhe introduziraõ os vulgares alguns defeitos, que o mesmo Frei Francisco de Robles, Author da sua Orthografia Castelhana, lhe notou, como saõ entre outros pronunciar todas as dicções escritas por *v*, consoante por, *b*, de maneira, que mudaõ o sentido, a liçaõ Latina, sendo por: *Volo Bolo*, e por: *Vivo*, *Bibo*, e por: *Vita*, *Bitá*. Além disto pronunciaõ o, *i*, como, *æ*, e por: *Badajoz*, dizem, *Badaxos*, e o, *s*, pronunciaõ por, *z*, dizendo, *Zol*, por, *Sol*, e o, *b*, por, *g*, como: *Huerta*, *Guerta*, e sobre tudo o, *m*, final de qualquer idioma, exprimem por, *n*, como já apontamos. E ainda que estas letras tenhaõ grande afinidade humas com as outras, nem por isso ficaõ desculpados os vulgares que nisto peccaõ como o confessa o sobredito seu Author, dizendo: *No por esso tiene escusa este error, porque son letras diversas; i volo, volas, i volo, vis, quieren dizir, yo buelo: yo quiero, i bolo, no quiere dizir nada, i assi de los otros exemplos, &c.*

O mesmo confirma Matheo Alemã na sua Orthografia Castelhana cap. 10. E assi com muita razaõ pertendem estes Authores tirar esta corruptella de lingua taõ perfeita como a sua. Com tudo a Portuguesa se tem conservado grandemente neste particular. Porque sómente lemos o que pronunciamos, como mostraõ largamente, Joaõ de Barros, e Duarte Nunes nas suas Orthografias Portugesas, onde em particular se apontaõ outros muitos erros, que nesta parte tem outros Idiomas.

A capacidade que huma lingua tem para ser apta a todos os tres generos de causas segundo os Rhetoricos, se mostra pelos escritos dos Authores que nella se vem compostos assi em prosa, como em verso, em todos tres estilos, Humilde, Meaõ, e Grave, como consta de Quintiliano, *l. 12. c. 10.* e dos mais que trataõ desta materia; e ainda que na nossa lingua naõ ha muitas impressões, pela pouca applicaçãõ que os Portugueses tem a estampar suas obras: com tudo naõ faltaõ Authores, em que se vejaõ estes exemplos, e alguns delles taes que com a perfeiçaõ de seus escritos,

su-

suprem bem a falta do mór numero delles. E começando pelo estillo grave; opiniaõ he de Marco Tullio, l. 2. ser a Historia o fugeito mais levantado, e que pede maior eloquencia, e gravidade, que todos os outros argumentos Oratorios: *Videtur ne, diz elle, quantum sit munus Oratoris historia? haud scio, an flumine Orationis, & varietate maximum.* O mesmo affirma em muitos outros lugares. Esta parte pois, taõ estimada da eloquencia se vê perfeitamente exercitada em varias historias compostas em nosso vulgar, de que pudera referir muitas, mas por hora bastenos tres que saõ as de Joaõ de Barros, e os Padres Joaõ de Lucena, e Fr. Luis de Sousa; dos quaes Joaõ de Barros he tido por varaõ consumado naquelle genero de escriptura, como mostrámos na relaçaõ de sua vida. O mesmo podemos dizer do Padre Joaõ de Lucena, cuja historia traduziraõ os Italianos, Franceses, e Castelhanos, em suas lingoas, e tambem anda já na Latina. E das obras do Padre Fr. Luis fenaõ podem esperar menores louvores, que o tempo qualificador dos engenhos lhe concederá brevemente nas

outras Provincias , como já lhos tem começado a dar neste Reino. No estillo do meio compuseraõ os seus Dialogos Fr. Heitor Pinto , Francisco de Moraes , e Jorge Ferreira , que em seu tanto naõ se prezaõ menos ; posto que os dous ultimos , por se naõ imprimirem , naõ saõ taõ commus a todos. Que direi do estillo humilde , e jocosõ , o qual parece que em nenhuma outra lingua pòde ter a graça , e elegancia , com que Lourenço de Caceres , Fernaõ Cardoso , e Luis de Camoens compuseraõ as suas cartas , e satyras , e outras semelhantes obras ? As quaes por serem infimas na frase , naõ saõ menos de estimar , pois muito mór efficacia se mostra neste genero de escritura , por ser quasi incapaz dos ornamentos da Arte.

Na Poesia se exercitaõ os mesmos estillos , como se vê em Virgilio no principio de sua Eneida. E a aptidaõ que a nossa lingua tem para os versos , se mostra bem da facilidade com que os Portugueses se daõ à Poesia , a qual he taõ natural nelles , que os estrangeiros lhe concedem nella a palma , como o refere o Author da Bibliotheca-

theca Hispan. t. 2. Class. Poetarum, onde diz: *Lusitani in Poetica, ut & in Musica regnare feruntur mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti &c.* E sendo a lingua Castellhana taõ propria para as garridices dos ver-
 los pequenos muitos annos a deixaraõ seus naturaes pela nossa, compondo nella os cortesaõs suas coplas, de que se vem assas de exemplos nos livros antigos, e Gonçallo Argóte tras alguns lib. 3. cap. 148. a que accrescenta estas palavras: *Se alguno pensare por las coplas referidas, que Mancias era Portuguez, este advertido que hasta los tiempos d'El Rey D. Henrique el tercero, todas las coplas que se hazian comunmente, e por la maior parte eran en aquella lengua, &c.* Mas vindo aos particulares exemplos, bastenos no estillo grave o Poema heroico de Luis de Camoens, obra nunca assas louvada, como o daõ a entender as muitas traducções, que se della fizeraõ, e o juizo que sobre ella deraõ os milhores Poetas de Europa, de que tratamos em seu lugar. A brandura das Eglogas de Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, e Fran-

cisco Rodriguez Lobo, saõ de tanta suavidade, que o insigne Poeta Lopo da Vega confessa, que os escritos de Diogo Bernardes o ensinaraõ a fazer versos pastoris, e os outros naõ causaõ menor deleitaçaõ, que he o que neste genero se requiere. Porém a tudo excede o estillo Comico, que os Antigos chamaraõ Togato, de Francisco de Saa de Miranda, que foi o primeiro, que na nossa lingua Portuguesa o descobrio, com geral admiraçaõ de todos. Porque este genero de escritura, assi como he extremo dos outros, assi pede estremado modo de dizer: por onde os Latinos, que no heroico vencerãõ aos Gregos, confessaõ de si que nunca puderaõ imitar perfeitamente o Comico, como odiz Quintiliano: (*) *Tenuiora hæc, ac prestioræ Græci melius, in eoque vincimur solo, & ideo in Comædiis non contendimus.* E na outra parte fallando do mesmo estillo Comico, diz: *Vix levem consequimur umbram, adeo, ut mihi sermo ipse Romanus non recipere videatur illam solis concessam*
Ati-

(*) *Lib. 10. c. 1. & lib. 12. c. 10.*

Aticis venerem &c. E Celio Rodiginio confirma o mesmo: (*) *Ceterum quæ de Comico lepore, ac venustate dicimus, adhuc ad Græcam rationem magis spectant &c.* Ita est in comædia maximè claudicamus. Esta brevidade, graça, e decoro, que os Latinos desejavaõ, se ver-taõ praticadas nas Comedias Portugue-sas de Francisco de Sáa, e Antonio Ferrei-ra, e em algumas de Jorge Ferreira, que a juizo de todos os doutos naõ tem superior. Nem he para esquecer o louvor que se deve nas nossas farças a Gil Vi-cente, o qual imitando as fabulas A-thelanas, que incluãõ em si as re-presentações que chamaõ Planipedias, e Tabernarias, por serem dos Infimos da Republica (de que tambem já A-ristoteles na sua Poetica faz mençaõ) compôs algumas farças com taõ gracio-sa eloquencia, que do nosso João de Barros he por isso mui louvado: e o Mestre André de Rezende affirma, que se como escrevêo na nossa lingua par-ticular, compusera na Latina, que he commua a todos, naõ alcançara menor

no-

(*) *Antiq. lect. lib. 6. c. 17.*

nome que Menandro, Plauto, Terencio, como se vê nestes versos de seu Genealiaco do Principe D. Joaõ :

*Cunctorum hinc acta est comœdia plausu ,
 Quam Lusitana Gillo Auctor, & Actor in aula,
 Egerat ante, dicax, atque inter vera facetus
 Illo locis levibus doctus præstingere mores ;
 Si si non lingua componeret omnia vulgi ,
 Et potius latia, non Græcia docta Menandrum
 Ante suum ferret, nec tam Romana theatra
 Plautinos ve saleis, lepidi vel scripta Terenti
 Lactarent ; tanto nam Gillo præciret utrisque
 Quanto illi reliquis inter qui pulpita rore
 Oblita corycio, digitum mer vere faventem. &c.*

Por estes, e outros exemplos conclue Duarte Nunez de Liaõ (*) hum largo discurso sobre esta materia dizendo : *Naõ ha para que se negue a facilidade, e suavidade da lingua Portuguesa, que para tudo tem graça, e energia, e he capaz de nella se escreverem todas as materias dignissimamente, assi em prosa, como em verso &c.*

Concluamos logo que se na lingua Portuguesa se acha tanta conformidade com a Latina, que se póde escrever em verso e prosa pelas mesmas palavras
 em

(*) Origem da lingua Portuguesa c. 22.

em ambas as lingoas? Se he taõ copiofa que a nenhum genero de Poetas, ou Oradores faltou com summa elegancia? Se os mefmos estrangeiros lhe confefsaõ a suavidade da pronunciaçaõ? Se escreve lómente o que falla? Se he apta para todo o eftillo? Que coufa lhe póde defejar que ella naõ tenha como diz o nofso Joaõ de Barros. Ou que parte lhe falta para fer perfeita? Ou quem ha que contra a razaõ queira contrariar huma coufa taõ manifefta? Certo que contra eftes descontentadiços podemos exclamar com as palavras de Tullio, dizendo-lhe: *Unde hoc tam insolens domesticarum rerum fastidium? Quando enim aut Oratoribus bonis, aut Poetis ullus Orationis, vel copiofa, vel elegantis ornatus efuit?* &c. E com o nofso Bispo Dom Antonio Pinheiro condena-os por ingratos á Patria, onde naceraõ, como elle o faz nestas palavras, dizendo: *Desagradecidos Portuguezes, e defnaturaes são, os que por desculparem fua negligencia, culpaõ a pobreza da lingua. Bem fei que fe na minha eloquencia lançarem prumo, que lhe acharãõ poucas braças,*
mas

*mas nunca taõ desleal serei á terra que na vida me sustem, e na morte consigo me ha de abraçar, que por me escusar a acuse, e por me livrar a condene; mas porque contra estes domes-
ticos inimigos da nossa lingua escrevi em
o tratado, que fis da eloquencia Por-
tuguesa, colho por ora as vellas, &c.*

Grande perda foi para nós naõ sair á luz esta obra de taõ erudito varaõ, por que resultára em grande proveito, e honra de nossa lingua; á qual só esta falta lhe podemos dar, que estando a Latina, e as outras vulgares taõ chéas de volumes, de Traduções, de Copias, Frazes, Elegancias, e de Thesouros de sua eloquencia, com que as vemos ornadas de tam ricos atavios, só a nossa está pobre de todo artificio, e sem mais compostura que a fermosura natural. Porém nem isto he defeito nella; antes maior grandesa, pois sem estes afeites compete com a beleza das outras, e vence aos armados de armada. E se esta verdade naõ esta atégora conhecida de todos os Portugueses, cuido certo que he, por naõ ponderarem as rezões que

por

por si tem : porém entendo que consideradas ellas , ninguem haverá que queira obstinadamente sustentar sua opiniaõ , contra esta certeza : e ser taõ desconhecido , a sua Patria , que aborreça o proprio por envejar o alheo , e consinta fermos vencidos no amor da lingua materna de todas as outras gentes , assi barbaras , como politicas , que tanto as suas proprias estimaraõ. Dos Romanos sabemos que depois de estabelecido o Imperio , ordenaraõ com rigurosas Leis , que todos os Magistrados usassem nas provincias estranhas de lingua latina , e naõ dessem n'outra , reposta alguma publica. (*) Os Carthaginenses prohibiraõ , que ninguem aprendesse outra lingua mais que a da Patria. Os Escoceses ensinaõ na sua as sciencias , e para isso tem traduzido nella todas as Artes , e muitos dos expositores dellas. Ulid celebre Miramolim dos Arabes (**) (porque foi o primeiro que tomou Damasco) mandou que em todos os seus Reynos naõ se escrevesse mais

G

que

(*) *Alexand. ab Alexand. liv. 2. c. 30. Boeth. in Scot. (**) Paulus Diaco. lib. 2.*

que na lingua Arabia. (*) O mesmo publicou por Ley El Rey D. Duarte IV. de Inglaterra, ordenando que as cousas publicas se não tratassem, ou escrevessem senão na lingua Anglicana. (**) Os Príncipes Otomanos tem tanto respeito à , que as promessas que não haõ de cumprir mandaõ dar em lingua estrangeira, e as que haõ de observar, na propria. E neste Reyno se vio outro não pequeno exemplo em Raix Xarafõ Guafil de Ormús, (***) o qual tendo muita noticia da lingua Portuguesa, e tratando seu livramento diante d'El Rey D. Joaõ III. nunca lhe quiz fallar senão por interprete, por não deixar a lingua de sua Patria. El Rey D. Joaõ I. de Castella mandou tambem, que nas cousas públicas se usasse da lingua Castelhana; donde parece que de entaõ para cá deixaraõ os Castelhanos de compôr os versos na nossa Portuguesa, e illustraraõ mais a sua. Grande afronta fõra certo para este Reyno, se contra tantos exemplos, pelo extravagante gosto de poucos mal contentes, se

(*) *Polid. lib. 19.* (**) *Bemb. lib. 4. Hist. Venet.* (***) *Comto Decad. 6. lib. 1. c. 1.*

se entenderá que sò Portugal desprezava a lingua propria; porém não he assi, antes nesta materia podemos tambem ser exemplo aos outros todos: pois além das authoridades alegadas de tantos varões nossos naturaes, insignes em letras, que em tanta estima tem a lingua Portuguesa, o mesmo Reyno por Decreto commum, pedio nas capitulações do casamento d'ElRey D. Joaõ I. de Castella com a Infanta D. Brites, filha do nosso Rey D. Fernando que vindo a esta Provincia a servir com aquella, os Reys que nella succedessem fariaõ escrever todas as cousas do governo público, na lingua Portuguesa. O proprio se alcançou pelos tres Estados, quando El-Rey D. Manoel fez jurar o Principe D. Miguel seu filho por successor de Portugal. E ultimamente a mesma mercê nos offereceo, e concedeo El-Rey D. Felippe I. quando entrou na successão desta Coroa, e á instancia das primeiras Cortes, a confirmou em Tomar. Pelo que pois esta he a opiniaõ de todo Reyno, não deve haver nenhum particular que tenha a contraria; porque d'outro modo ficará a parte desu-

nida de todo, e não poderá ser contado entre os verdadeiros Portuguezes.

DISCURSO III.

COM QUE CONDIÇÕES SEJA
Louvavel o exercicio da Caça.

A Francisco de Faria Alcaide mór de Palmela

SENDO o exercicio da caça usado por recreação de muitos, com difficuldade se póde dar nelle juizo, de maneira, que satisfaga a todos; porque, como as leis do gosto sejaõ taõ poderosas, que leuaõ a pos si, e quasi arrastaõ o entendimento humano, como já o considerou o Poeta Latino, quando disse.

— *Trahit sua quemque voluptas.*

Mal poderá consentir com liberdade no que se disser contra a caça, quem tiver posto seu gosto nella. Porém como isto he obedecer a rogo de quem póde mandar, e se escreve só para sabios, os quaes por serem taes, dominaõ as estrellas, e sómente a razaõ sua inclinação natural, tratarei a materia com li-
ber-

berdade; pois faltando-nos que a haõ de julgar, animo apaixonado, naõ poderã deixar de ser acertada a sentença.

Caça chamamos vulgarmente aquella Arte, que ensina a prender, e matar as Aves, e animaes da terra. Este nome, segundo alguns, tomamos de *Caccia* palavra Italiana, derivada do verbo *Cacciare*, que quer dizer lançar fora; porque a caça para que se possa tomar, he necessario as mais das vezes levantala do lugar onde estã.

Podemos dividir commodamente a caça em montaria, e voltaria. A montaria tomando largamente o vocabulo (como dizem os Logicos) he a caça, que com cães, e armas mata os animaes do campo, posto que mais propriamente a montaria he só aquella que se faz de ordinario contra os animaes sylvestres, e ferozes a cavallo, e com armas, e como estes animaes por serem de sua natureza mais çafaros, naõ descem ao razo, e se escondem sempre nos montes por razoõ do lugar, se chamou a tal caça montaria.

Della foi inventora, quasi a mesma natureza, porque vendo os homens em
fe-

feus principios o dano , que dos animaes bravos recebiaõ , e achando-se juntamente faltos de mantimentos, e reparos , com que se sustentassem, e defendessem o corpo das injurias do tempo, perseguaõ os animaes , para sua segurança , sustentação , e vestido , como hoje fazem os mais dos habitadores do novo mundo , e por isso diz o Filosofo , que he esta caça natural , e justa , como se vê destas palavras do 5. capitulo de sua primeira Politica : *Fera vero (sub intelligitur , sunt creata , et si non omnia at plurima illorum) propter cibum , & alia alimenta , ut & vestes , ac cætera instrumenta exillis fiant . Si igitur natura nihil nequæ imperfectum facit , nequæ frustra , manifestum est , illa omnia hominum gratia facisse naturam . qua propter , & bellica secundum naturam quodammodo acquisitiva erit : nam & venatoria pars illius est , qua uti oportet contra bestias , & contra homines , qui ad parendum nati sunt , nec volunt parere , quia natura id bellum justum existat . &c.*

A voltaria , he caça de aves , que se faz com outras de rapina , e della tem

tem por opiniaõ Ludovico Guiciardino , (*) que naõ foi conhecida dos Antigos ; senaõ , que depois de instituido o Imperio Romano a acháraõ os Flamengos , e que elles foraõ os primeiros , que inventáraõ do mar as aves de rapina a fazelas obedientes , e os que deraõ os preceitos da citraria , que he a arte com que ellas se fazem , e curaõ , e diz , que do Norte levou esta caça a Italia o Emperador Federico Barbaroxa , e se derivou por todas as partes de Europa. A isto parece , que ajuda em parte Hyeronimo Mercurial , que no *liv. 3. cap. 15.* de sua *Gymnastica* affirma com Julio Firmico , que no tempo de Constantino Magno , se começou a usar da volataria. Porém he taõ antiga esta caça entre os Arabes ; (*) e usaõ tanto della , e na Persia , que se póde cuidar teve lá outro principio mais antigo , principalmente , quando vemos , que já na sagrada Escritura , parece , se faz mençaõ della , na quellas palavras de Baruch. 3: *Vbi sunt principes gentium qui*

(*) *Guiciar nos Paiz baixos. tit. Bozeth. (**)*
Com. de Alb. c. 9.

qui dominantur super bestias, quæ super terram, qui in avibus cæli ludunt &c. De ambas estas especies da caça, são varias as opiniões dos Authores, defendendo, e condenando este exercicio com diversas razoes. E começando pelas dos que o louvaõ, affaz he notorio quanto a caça foi sempre prezada dos maiores Principes do mundo, naõ sò barbaros, mas ainda politicos, sustentando os mais delles grande numero de monteiros, e caçadores, e dando os officios møres da caça aos principaes senhores de suas Cortes.

Foi a caça tida dos Antigos por huma semelhança, e eschola de guerra, e assi criavaõ nella seus filhos para depois virem a ser bons cavalleiros, robustos, esforçados, soffredores de trabalhos, desprezadores dos perigos, e das injurias do tempo. Tal foi a criação de Achilles, Ulysses, Diomèdes, e dos Heroes famosos, que se achàraõ na guerra de Troya, segundo conta Xenofonte, (*) o qual diz de Cyro: *Exercitationis autem bellicæ gratia eos (scilicet nobi-*

(*) Xenof. devon. c. 1.

biles) ad venationem, educebat, quos
 hæc exercere oportere existimabat, hanc
 ratus, & omnino bellicarum exercita-
 tionum optimam, & equestris verissi-
 mam. O proprio se lê de Mitridates Rey
 do Ponto, e do nosso grande Viriato,
 conta Plinio, e Floro, que de caçador
 veio a ser Capitão dos Portugeses, de-
 fensor de Hespanha, e outro Romulo del-
 la. A esta causa atribue Salustio o valor do
 Jugurta. E o mesmo se tem experimenta-
 do em muitos nobres, e Principes de Hes-
 panha. Porque he a caça huma eschola, e
 verdadeira semelhança da disciplina mi-
 litar. Porque tem espias, atalayas, ciladas,
 corridas, ordenar, e repartir gente, duvi-
 das, e conselhos, chegadas incubertas,
 e finalmente, peleja, e batalha, e so-
 bte tudo vitoria, com a prizaõ, ou
 morte do inimigo. He tambem a caça
 louvavel exercicio para a faude, e por
 isso foi usada daquelles grandes Fi-
 losofos, e pais da medicina Chyron,
 Machaonte, Podalirio, e Esculapis. De
 Galleno he grandemente louvada por-
 tal. Porque se faz, correndo, andan-
 do, saltando, atirando, bradando,
 e com outras semelhantes acções, que
 aquen-

aqueitaõ o corpo , fecaõ os fobejos humores , geraõ por fundos fonos cozem as cruezas do eftamago , e daõ particular favor aos manjares, como refpondeo hum Lacedemonio a Dionyſio Syracufano , o qual fendo convidado em Eſparta , e dizendo , que naõ achava favor em huns guizados , que lhe deraõ de caça, tornou o Lacedemonio, que os achava fem goſto , porque os naõ caçára aquelle dia.

Serve aſſi meſmo eſte exercicio, para confervar a caſtidade, e por iſſo os Antigos adoravaõ a Diana, inventora da caça, por deoſa deſta virtude, e Seneca introduz a Hypolito, por caçador caſto, e deſprezador da deſordenada aſſeiçaõ de Phedra , e Horacio (*) paſſa ſeu effeito até aos caſados, como ſe vê naquelles verſos.

— *Manet ſub love frigido*

Venator tenera conjugis immemor.

Donde Ovidio no ſeu de Remedio Amoris, entre outros remedios dá eſte por muito efficaz, dizendo:

Vel tu venandi ſtudium cole, ſæpe receſſit.

Fu-

Horæ libr. 1. O de. 1.

Jupiter, à *Phæbi* viçla *sorore*, *Venus*.
Mostra-se na caça naõ pequena parte da industria humana. Fazendo disciplinaveis os cãens, onças, leões, e outros animaes feros, doutrinado-os de maneira, que tomando a caça, a naõ comem, antes a entregaõ fielmente aos caçadores, e que por lhe obedecer se offerecem á morte. E naõ he menor maravilha o domesticar as aves de rapina, e sendo taõ agrestes, acostumalas a diversas relês, e reduzilas com tanta obediencia, que esquecidas de sua natural braveza, deixem os bosques, e sua liberdade, e se fogeitem aos que caçaõ com ellas, indo onde as mandaõ, e tornando-se a meter na prizaõ quando as chamaõ, cousa, de que com razaõ se admira Plinio, (*) e encarece muitos a Arte, que pode amançar a ferocidade das Aguias, de maneira que se caça com ellas, e que tragaõ a preza a seus senhores, como diz que fazia huma em Sesto.

Deste exercicio nasceo outro beneficio incomparavel para os homens, que foi

(*) *Lib. 10. cap. 1. & 5.*

foi a historia dos animaes , que Aristoteles compôs , em que revelou tantos segredos da natureza, tantos remedios, e tantas industrias para os mortaes , como se neles contém, o que tudo alcançou dos caçadores , e creadores , que Ihe Alexandre mandou de cujas relações, e experiencias compôs aquelles excellentes livros.

Por estas , e outras boas qualidades escrevêraõ da Arte da caça , e seus louvores, muitos Varões insignes, como foraõ Xenofonte, Polux, Opiano , o Emperador Henrique VI., Dom Afonso II. Rey de Castella , e Conde de Folx , Angelo Bargeo, Dom Fradique de Sotto-mayor , senhor de Alcunchel , e outros Autores de nome.

Porém pela parte contraria , naõ ha testemunhos de menor consideraçãõ , antes gravissimos em toda a profissãõ , e o primeiro seja S. Jeronymo, *Dist. 86.* que diz: *Non invenimus in scripturis sanctis, sanctum aliquem venatorem.* E assi Lamech, Nembrot, Ismael, e Esaú, aquem a Sagrada Escritura chama robustos caçadores, saõ por testemunho das sagradas letras condemnados por homens má-

mãos, e facinorosos, e por tais eraõ tidos antigamente os Thebanos, que tinhaõ a caça por occupaçaõ ordinaria, donde sahio o proberbio dos Gregos: *Naõ caçaõ senaõ os mãos.* Faz a caça os homens carniceiros, e deshumanos, e assi como mataõ sem piedade os brutos, o vem a fazer despois aos homens, como se tem visto muitas vezes em Heípanha. Destruem os caçadores sem piedade as fearas, passeando-as a pé, e acavallo com grande estrago dellas, e damno dos pobres lavradores. He occasiaõ a caça de fazerem os Principes rigurosas leys contra aquelles, que a mataõ, de modo, que em Sicilia se mandou crucificar a hum lavrador por matar hum porco montez, como conta Valerio Maximo, (*) e muitos foraõ justificados por tomar humma perdiz, ou coelho nas coutadas dos Principes.

Fazem-se os caçadores com o trato do campo agrestes, e inimigos da conversação dos homens, como o dizia a Ama de Phedra a Hypolito. (**)

Truculentus, & Silvester, & vitæ inscius
Tris-

(*) Valeri lib. 6. (**) Senec. in Hy p:

Tristem inventam Venere deserta colis.

É como diz o nosso Poeta. (*)

Por seguir hum fêo animal fero

Foge da gente, e bella fórma humana.

Até da propria caça, parece que andão fogindo, e quando nella ficaõ, estaõ pezados, e malenconicos, sem falar palavra, porque saõ costumados a bradar pellos campos sem authoridade, nem respeito, e finalmente, como diz Claudiano, nem de dia, nem de noite os larga este seu cuidado. (**)

Venatur defessa toro cum menbra reponit,

Mens tamen ad silvas, & sua lustra redit.

Gastese na caça, o tempo perdidamente, e sem fruto, sendo este o mais precioso thesouro, que os homens possuem, cuja perda he irreparavel, porque naõ tem recuperaçaõ, e sendo o homem criado para a contemplaçaõ das cousas divinas, para ajudar a patria, parentes, e amigos, he mui indigno de sua nobreza, deixar estas occupaçoens, e tomar por fim de suas acçoens, e vida andar perseguindo e enganando hum pequeno animalinho.

Por

(*) *Lestat cant. 8.* (**) *Claud. lib. 3*
in prof.

Por estas, e outras razões vedàraõ as leys da Igreja aos Clerigos a caça, e o Concilio de Orliens, seguindo o parecer de S. Agostinho naõ sòmente prohibio, que naõ caçacem os Clerigos, mas ordenou, que os que o fizessem, fossem privados do Sacerdocio, e que os que naõ tinhaõ chegado a esta dignidade, naõ podessem ser admitidos a elle, e por as mesmas causas foraõ muitos Principes condenados dos escriptores, por este exercicio ser occasiaõ, onde muitas vezes perderaõ a fazenda, a honra, e as vidas. Perde-se a fazenda, porque naõ ha renda que ature os excessivos gastos dos caens, aves, cavallos, e caçadores, com que muitos vem a se empenhar, e vender seus patrimonios, e cair em miseravel pobreza: e por isso fingiaõ já os antigos, que Acteon grande caçador foi despedaçado de seus proprios cães, e elle convertido em féra.

Perde-se a honra, porque os homens que tem por vida a caça, mostraõ, que saõ inhabeis para a vida politica, e que por naõ saberem conversar com os Dou-
tos, Cortezaõs, trataõ com as feras,
gal-

gastando com ellas o tempo , porque lhe faltaõ partes para o empregar em outra occupaçaõ honesta. Donde diz delle Francisco Petrarcha: *Ad honestum igitur nihil idonei , sylvas colunt : non vitam solitariam acturi , cui nom minus quam politica se ineptos sciunt , sed feris , ac canibus , & volucris com victuri , quod non facerent nisi illis similitudine aliqua juncti estent , qui si ex hoc voluptatem quandam , seu solam temporis fugam quærunt ; ut cumque stulti voti compotes forsan evaserint.* Por respeito da caça , perdeo a reputaçã , e o Reyno o ultimo Rey dos Moravios. Esvatapao , e o Emperador Domiciano , que caçava atè as moscas , e ao nosso Rey D. Afonso IV. chegãraõ a dizar os Conselheiros em seu principio , que os Reys nasceraõ para governar , e naõ para caçar , pelo que deixasse a caça , fenaõ , que buscãriaõ elles outro Rey , que os governasse , e finalmente , entre os que ganhãraõ gloria , naõ se contãraõ nunca os caçadores ; porque sò as virtudes , as Armas , e Letras , fizeraõ illustres , e gloriosos os homnes , como diz o Poeta : (*)

Hic

(*) *Aeneid. lib. 6,*

*Hic manus ob patriam pugnando vulnera passi:
 Quique Sacerdotes casti, dum vita manebat,
 Quique pij vates, & Probo digna loquuti,
 Inventas, aut qui vitam excoluere per artes
 Quique sui memores alios fecere merendo.
 Omnibus his nivea cinguntur tempora vitta.*

Dos muitos Principes, que perderão a vida na caça, ou por occasião della, estão as historias chêas, e deixando os antigos Adonis, Oriam, Sephalo, e Nizias, celebres pelos poetas, bastem os exemplos do Emperador Isacio, de Dom Favila Rey de Hespanha, de Henrique VI. Emperador de Alemanha, de Vencesláo terceiro Rey de Boemia, a quem pudemos ajuntar o do nosso Rey Dom Dinis, quando esteve em perigo de odespadaçar o Urso junto a Beja se lhe não socorrera milagrosamente S. Luis, Bispo de Tolosa, como se vê da Capella, e pintura, que por isso naquelle sitio lhe dedicou.

Estas são as razões, que se oferecem por huma, e outra parte; resta dizer agora o que se deve seguir, para o que faremos tres supposições, a primeira seja, que a caça não he arte condemnada nas Sagradas Letras; porque ain-

da que os caçadores, que na escriptura se referem, não sejaõ tidos por bons, com tudo não se segue dahi, que a Arte seja má, assi o resolvem cõmumente os Theologos com S. Thomàs, e o tem o Padre Bento Pereira no capitulo 25. do Genes, n. 60. onde diz: *Studium, & exercitium venandi non esse malum; neque ob id culpabilem fuisse Esau ex ipsa scriptura colligi potest, quia hoc loco ait, Isaac valde fuisse delectatum venationibus Esau, atque ob eam causam præcipue dilexiffe eum, &c:*

A segunda supposiçaõ he, que a caça se faz por dous fins, que saõ, ou proveito publico, ou recreaçãõ particular. A caça que se faz por proveito publico, saõ aquellas montarias, que se ordenaõ contra as bestas feras, como leões, tigres, lobos, e assi as que se fazem contra outros animaes daninhos, quaes saõ rapozas, lebres, e coelhos; porque os animaes bravos, salteaõ os homens, e destróem os rebanhos, e os outros damnaõ as semeadas, e assi esta caça, não sómente he licita, mas necessaria, e quasi natural, como já apontamos do Filosofo. E pelo valor, que
com

com estas feras mostrou David, he louvado nas Divinas letras, e nas humanas, Cadmo, Theseo, e Hercules, que andou pelo mundo, livrando muitos povos das molestias, que padeciaõ destas feras como foi.

*O leão Clioneo, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Idra brava, &c.*

E depois ordenáraõ as mesmas Respublicas, que em seus tempos saíssem os povos, e fizessem estas montarias, de que se colheraõ, e colhem ainda hoje grandes fructos, porque com ellas fizeram os Xarifes habitar o Reyno de Tarrudante em Africa, que os leões tinhaõ deshabitado, e nos Reynos de Congo, e Angola, saem por muitas vezes cada anno exercitos de gente de guerra, e seguraõ os caminhos dos tigres; que saõ os ordinarios salteadores de estrada daquellas Provincias. Com as dos urssos se extinguiraõ os muitos, que avia em Hespanha, onde tambem não houvera já lobos, se se cumpriraõ inteiramente as ordenanças, que sobre isso saõ feitas. Das rapozas se fazem em Alemanha muitas, e já nos Cantares as mandava matar a Esposa, pelo damno das vinhas, dizendo:

Capite nobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas. E Plinio conta, que ás Ilhas Baleares mandou o Emperador Augusto, huma legião de socorro, para matar as lebres que as tinhaõ reduzido ao ultimo estado; o mesmo fizeraõ por vezes os coelhos na Ilha da Madeira, como conta Joaõ de Barros. (*)

A terceira, e ultima supposiçaõ seja, que a caça que se faz por particular recreaçãõ, tambem he licita; porque como o entendimento naõ pôde estar sempre em operaçaõ de cousas graves, he necessario alivia-lo com algum divertimento, e exercicio corporal, este se alcança na caça, assim com a açãõ, como com a variedade dos successos, que nella acontecem, contendendo huns animaes com outros, em que a seu modo se vem com grande alegria as agnições, e peripecias das tragedias. Porém para esta caça de recreaçãõ ser aprovada, e louvavel, convém, que tenha estas condições com que os Politicos, e Medicos a concedem, que saõ tres. A primeira, que hade ser a caça de qualida-

(*) Dec. 1. l. 1. c. 2. §. 35.

de, que não haja nella manifesto perigo de vida, nem tal, que não adestre os caçadores para a guerra. A segunda, que não seja exercicio ordinario, senão a seus tempos devidos. A terceira, que os que a usarem com maior continuação não passem da idade de 25. annos até. 30. Pelo primeiro preceito, se exclue da caça de recreação, a caça de animaes bravos, pela qual foi Alexandre muito condemnado, quando se pôs a matar hum leão, por se parecer com Hercules, do qual ouvera de ser morto. E nas fronteiras de Africa custou semelhante recreação a vida a muitos dos nossos, que morrerão despedaçados dos leões. Ainda, que o primeiro Conde de Redondo foi grande caçador delles, e matou muitos por suas mãos, como se vé na Historia de Arzilla. Mas por evitar semelhantes perigos, mandáraõ os nossos Reys, que os Capitães daquellas fronteiras não fuisse[m] mais aos rebates de leão.

Portanto resta sómente a Volataria e Montaria ordinaria, que se faz a pé, e acavallo com cães, e armas. Esta segundo Plataõ, *liv. 7.* he a principal caça, que

que se deve uzar por recreação, como o mostra por muitas razões na sua Republica, as quaes resolve com estas palavras: *Solum itaque terrestrium venatio, captura vé, Athletis nostris reliqua est, atque harum, quæ dormientia animalia peculiari vocabulo nocturna vocata; persequitur segnibus convenit, nullamque meretur laudem, sicuti nec illa, que laborum intermissiones habens retibus, & laqueis, non laboriosi animi victoria ferarum robur, evincere conatur. Unde solam optimam esse relinquitur, in qua homines quadrupedia equis, canibus, & propriis corporibus venantur, quos omnes superant illi, qui fortitudinis divinæ possessionem curantes, propriis manibus currendo, feriendo, & jaculando venationi operam navat, &c.*

Pela segunda condição não ha de ser a caça exercicio ordinario. assi por não mostrar o caçador, que he in habil para a vida politica (como ja dissemos) como por ser muito prejudicial á saude e por tanto a defende rigurozamente Hieronimo Mercurial na sua Arte gymnastica, ou dos exercicios, onde depois de

de dizer o damno, que traz em ser continuo o exercicio da caça advirto, que não ferá, nem no rigor das calmas, nem no dos frios, e lhe poem outras muitas condições, que ultimamente resume nestas palavras: (*) *Quicumque enim suarum virium aeris, temporis, quantitatis, loci, & moderationem aliquam habere voluit, multa profecto eorum malorum vitare possunt, quibus casu se exercentes subjiciuntur, eo magis quod venatio illud precipuum in se habet, quod nulla alia exercitatio in eum modum obtinuisse apparet; ut scilicet totum fere diem non raro sibi requirat. Unde aut venatores inter exercendum cibum capere, & à cibo magnos labores aggredi coguntur, quo valetudini nihil perniciosius esse potest, aut totam diem jeluant, quod tametsi fortasse minus offendat, neque tamen ipsum noxa penitus caret, quando præter consuetudinem illud efficitur, nec non postea adhuc præfame exsaturantur, ut ventriculum in concoquenda mirum in modum fatigent, sicque, & cruditates, & alia in numerata mala subeant.* O

(*) Merc. l. 6. Gymn. c. 13.

O terceiro preceito da idade, e partes do caçador, aponta Xenofonte (*) brevemente, dizendo: *Cum igitur pueris excesserint primum venandi studium obire oportet, deinde aliarum artium &c.* E pouco depois: *Oportet rei venatoriae studiosum aetate annorum circiter viginti esse, statura sane agilem, & validum, animo vero patientem, ut laboris victor re ipsa laetetur.* Por onde o mesmo Author, diz do seu *Cyro*, l. 1., em quem quiz dar hum exemplo de perfeito Principe: *In adolescentiae flore venandi maximo desiderio tenebatur, & in pugnando adversus belluas pericula nulla fugiebat.*

Como este exercicio requeira tantas forças, e boa disposiçãõ, fica sendo muito prejudicial para os velhos, e para os magros, e fracos de compreiçãõ, ou tocados de qualquer achaque, segundo Hieronimo Mercurial, e os mais Medicos no lugar allegado, e assi naõ convêm nem a todos os mancebos: donde o Poeta Latino, que em tudo falou adver-

(*) lib. 1. de Venat. c. a.

tidamente, chamou aos caçadores; (*)

— *Delecta inventus.*

E para estes taes mancebos, convém sómente a caça por exercicio ordinario; assi porque aquella idade he a propria de aprender a destreza das armas, como, porque atè então, não são ainda aptos, para a vida civil, e governo da Republica, na qual quando estiverem occupados, poderão ter outros exercicios mais accomodados para entreter os gostos, e conservar a saude, como he o fazer mal aos cavallo, a veçtação, ou andar nos coches a ver os prados fora das Cidades, o jogo da pella, exercicio proprio de cortezaos, aos quaes diz o mesmo Galleno, que he de muito mór proveito, que a caça, como se vê no volume que dos louvores deste jogo escrevêo. Porém como não ha regra sem excepção, o que temos dito, não tira usarem da caça os grandes, e governadores da Republica, quando nos dias feriados se retiraõ a suas casas do campo, como o fazem os Reys de Hespanha. E Santo Thomas Opusculo segundo, libvo segundo

(*) *Aenid.* 4.

do Capitulo sexto, approva, e louva este exercicio, aos de França, e Inglaterra, porque o usavaõ com esta moderaçaõ. Resumindo finalmente o que está dito, mostra-se ser a caça hum exercicio indifferente, que póde ser licita, e louvavel recreaçãõ, usando-a os mancebos nobres para se adestrarem para aguerria, e fazerem robustos, mas naõ por profissaõ de vida, nem fõra de seus convenientes limites,

Quos ultra, citraque, nequit consistere rectum.



DISCURSO IV.

*SOBRE A ORIGEM, E GRANDE
Antiguidade das vestes, que usa
por habito Ecclesiastico o Clero de
Portugal.*

COSTUME foi geral entre todas as gentes differenciar-se os Estados da Republica por trajos e vestidos proprios de cada hum, pelos quaes eraõ distinctos os nobres dos plebêos, os homens publicos dos ordinarios, e os Ecclesiasticos dos Seculares. De tudo temos largos testimunhos na Sagrada Escritura, assim no Testamento velho, como no Novo. Donde a Igreja Cotholica allumiada pelo Espirito Santo, e ensinada pelos Apostolos, assinalou a cada ordem, e estado da Igreja particulares, e destintas vestes, para que os Ecclesiasticos fossem entre os outros homens conhecidos por particulares Ministros de Deos, e pelo habito, que exteriormente vestiaõ, se vissem as virtudes, com que interiormente deviaõ de estar ornados. Tiveraõ estas vestes di-

diverlos principios , e como a Igreja se estendeo por todo o mundo , nas mais das Provincias se variaraõ algumas na fórma , ainda que naõ na substancia. E com tudo os Summos Pontifices , a cujo cargo está o governo da Igreja naõ quiserãõ nunca obrigar geralmente a todos os Ecclesiasticos, que seguissem nisto hum só costume , naõ sómente approvando o que os Synodos Provinciales (*) nisto dispuzeraõ , mas o que mais he , ordenando assim nos Concilios univértaes. Porque sendo todos estes usos santos , cada hum abundava em seu sentido. E desta variedade nacia a universal fermosura da Igreja , aquem o Profeta louvava já , vendo-a em espirito ornado d'ella. Por tanto he muito justo , que os Ecclesiasticos de cada Provincia se prezem de conservar seu santo , e antigo habito. E aiada que esta razão seja univértae para com todos , deve particularmente obrigar mais ao Clero de Portugal. Porque as vestes , que até gora usa saõ quasi todas derivadas da primitiva Igreja , e chêas de

gran-
 (*) *Concil Bas. sess. 21. Concil. Trid. sess. 24. Can. 6. De ref.*

grandes mysterios. E para que por falta deste conhecimento fenaõ estimem em menos, que as de outras Provincias, será bem mostrarmos sua origem, e antiguidade, começando primeiro do habito particular dos Conegos, como parte principal do Clero, e depois dizendo dos outros geralmente.

O nome, e instituto de Conegos teve principio na Igreja Latina pouco depois do anno de 362 que foi o tempo em que Santo Eusebio Bispo de Vercelli veio do Oriente, onde andara alguns annos fazendo grandes serviços á Igreja. E como em quanto esteve naquellas partes, teve muita communicação com os Monges que floreciaõ em Egipto, instituidos pelo grande Antonio, Eremita, determinou este Santo Prelado reformar, o Clero da sua Igreja (que naquelle tempo estava já muito descaido de seus primeiros principios, como o mais de Italia) introduzindo nelle algumas regras da vida monastica, de maneira, que do Clericato, e monaquismo se fizesse huma excellente mistura. Este Santo, e maravilhoso pensamento poz por obra tanto, que chegou

a Vercelli, persuadindo aos Clerigos de sua Igreja Cathedral, a que com effeito tomassem do Monaquismo, o que lhe pareceo necessario para conservaçã do estado, e ordem da vida Clerical, como affirma Santo Ambrosio *liv. 10. Epist. 82* ao Clero de Vercelli, dizendo, *Hæc primus Occidentales partibus diversa inter se Eusebios sancta memoria conjungit ut, & in civitate positus instituta Monachorum teneret, & Ecclesiam regeret jejunii sobrietate. Hæc duo in attentione Christianorum devotione præstantiora esse, quis dubitat, Clericorum officia, & Monachorum instituta? Ista ad comitatem, & moralitatem disciplina, illa ad abstinentiam assue facta, & penitentiam, hæc velut in quodam theatro illa in secreto: spectatur ista, illa absconditur; ut cætera taceam, illud quam ad mirabile, quod in hac sancta Ecclesia eosdem Monachos instituit, quos Clericos, atque iisdem penetrabilibus, Sacerdotalia Officia contineri, quibus, & singularis castimonia conservatur, ut esset in ipsis viris contemptus rerum, & accuratio levitarum, ut si videris Monasterii lectulos instar*
Ori-

Orientalis propositi iudices, si devotiones Cleri perspexeris, Angelici ordinis observatione gaudeas, &c. Seguirão outros muitos Prelados daquelle tempo em Italia o exemplo de Eusebio, aceitando em suas pessoas da regra monastica o que lhe pareceo necessario, e trazendo ao mesmo modo de vida os Clerigos de suas Igrejas Cathedrais, aos quaes por esta razão chamãrão Canonicos, que he o mesmo, que regulares, por differença dos que não vivião obrigados áquelle certo modo, e instituto de vida, o qual nome tomou a Igreja Latina da Grega juntamente com o novo instituto, por quanto *Canon* em Grego, quer dizer *Regra*, e assim no Oriente aos Religiosos chamavaõ já dantes *Canonicos*, e até às mulheres, que professavaõ vida regular, davaõ o mesmo nome, como se vê da Novella sincoenta e nove de Justiniano, e de hum sermão de São Joã Chrysofostomo, em que ensina: *Non decere Canonicas, idest, regulares feminas ut cum viris cohabitent.* E deixando outros lugares e testemunhos dos Padres da Igreja Grega, e Latina, baste-nos a authoridade do Sy-

nodo Colonienſe, parte terceira capitulo quarto o qual anda no tomo quarto dos Concilios, e o confirma com eſtas palavras: *Ut de Canoncis dicamus paucis, respondeat eorum vita titulo, respondeat nomini, sint re ipsa, ut nomine Canonici, idest regulares, neque enim clam est primam eorum originem monasticæ disciplinae fuisse &c.* Esta reformaçãõ paſſou depois de Italia a outras provincias, e ſegundo o Cardeal Baronio, S. Martinho Turonenſe a introduzio primeiro em França, e Santo Agostinho em Africa na ſua Sé de Hippone, donde ſe devia communicar a Heſpanha, e foi taõ geral nella a reformaçãõ dos Clerigos das Igrejas Cathedraes, que por ella parece que divide Santo Ifidoro em ſeu tempo o Clero, dizendo. (*) *Duo sunt genera Clericorum, unum Ecclesiasticorum sub regimine Episcopali de gentium, alterum Acephalorum, idest, sine capite, qui quem sequantur, ignorant, &c.* Que he o meſmo, que dizer. Ha dous generos de Clerigos, huns que vivem com ſeus Bispos em obdiencia, e outros, que ſem

(*) *Ifid. de divin. ofi. lib. 2. c. 2.*

regra , ou particular modo de vida , vivem livres , sem estas obrigações. A mesma reformação florecêo em Alemanha , segundo se vê do Concilio de Maguncia , (*) que se celebrou em vida do Emperador Carlo Magno , que diz assim. *In omnibus igitur , quantum humana permittit fragilitas decrevimus ut Canonici Clerici Canonice vivant , observantes Divinae Scripturae doctrinam , & documenta Sanctorum Patrum , & nihil sine licentia Episcopi sui , vel magistri eorum positi agere praesumant in unoquoque Episcopatu , & ut simul manducent , & dormiant , &c.*

Além dos Conegos das Igrejas Cathedrais , que em tudo viviaõ governados pelos seus Bispos , foraõ conhecidos na Igreja Occidental outros , que eraõ Monges , e viviaõ na obediencia de seus Priores , ou Abbades , como consta claramente do cap. 21 do mesmo Concilio Maguntino , que se celebrou no anno de 813. e diz assim : *Præcipimus , ut unusquisque Episcopus sciat per singula Monasteria quantos quisquis Abbas Canonicos in suo Monasterio habent ,*

I

&c.

(*) Consil. Magunt. cap. 7.

Segundo isto parece claramente, que destes Conegos regulares tiverão sua origem os que ainda hoje se conservaõ com nome de Santo Agostinho em Espanha, e em outras Provincias fõra della. E que naõ he taõ moderno este instituto, como quer o Padre Fr. Jeronimo Romano liv. 10 cap. 16. Da sua Republica Christãa, que lhe dá principio em S. Ruffo Bispo de Leaõ de França. O qual Santo, ainda, que illustrou muito esta ordem de vida, parece que foi mais, como reformador que naõ, como novo fundador della. Pois consta de algumas escrituras dos conventos deste Reino, que me communicou o Reverendo Padre D. Marcos da Cruz Conego Regular de S. Vicente de Lisboa, que tratava de escrever as cousas daquella Religiaõ, que o seu Mosteiro de S. Salvador de Moreira foi fundado no anno de 862. e o S. Salvador de Grijó, no 922., e o de Villaboa, no de 990, e daquelles tempos até gora sempre foraõ possuidos por Conegos regulares de Santo Agostinho, o que tudo he muito antes de S. Ruffo, de quem o Padre Fr. Jeronimo con-

fes-

essa, que floreceo pelos annos de 1117. Mas, como quer que seja, ambos estes institutos, assim dos Conegos das Cathedraes, como dos outros Monges que agora chamamos Conegos regulares floreceraõ grandemente em Hespanha de que tambem coube boa parte ao nosso Portugal. E he mui provavel, que de Africa, como já dissemos, passassem cá os Discipulos de Santo Agostinho, quando pelos annos de 430. foraõ lançados daquella Provincia pelos Vandalos. E que assim como S. Gelasio foi a Roma, onde fundou o Mosteiro dos Conegos Regulares na Igreja Lateranense, assim passariaõ outros a Hespanha, pois lhe ficava mais perto, e havia tanta correspondencia entre as Igrejas destas duas provincias. E quando naõ fosse nesta occasiaõ, tambem podia ser depois, com as vindas, e fundações, que S. Donato, e Paulino fizeraõ em Hespanha; posto, que a memoria particular de tudo isto nos falte com a perda das escrituras Ecclesiasticas, que pereceraõ na entrada dos Arabes. Porém he grande sinal, e demonstraçaõ disto assim ser, ver que tornando depois os

Hespanhões a libertar as Cidades Episcopaes do poder dos Mouros, tornaraõ a erigir naõ só muitas das Sès Cathedraes debaixo do instituto regular, mais ainda as Igrejas Colegiadas, de que ha grandes documentos por quasi toda a Hespanha, e o dizem os nomes de Abbadias, Priorados, que ainda taõ geralmente nella se conservaõ. Taõ medido tinhaõ no coraçãõ este santo modo de vida, que nella florecêraõ. E deixando para outros o que nisto passou nas mais Provincias, sabemos, que em Portugal nas mais das Sès antigas viveraõ regularmente. Disto ha muitos testemunhos nas Igrejas de Braga, Lisboa, Lamego, segundo mo affirmou o Licenciado Gaspar Alvarez de Loufada, que na Historia Ecclesiastica de Hespanha he universalmente conhecido por huma das pessoas mais doudas, que hoje temos, e como tal o allegaõ muitos Authores graves. O mesmo parece de Coimbra pois os Religiosos de Santa Cruz tem por certo, que o Arcediago della, D. Tello, fundou aquelle Mosteiro, quando tornando da Casa Santa com o seu Bispo Mauricio, achou os Conegos re-

duzidos à vida secular, e não lhe soffendo o animo ver perder o Santo Instituto, que professára, ajuntou consigo outros Clerigos virtuosos, que o quizerão seguir, e fundou o celebre Convento de Santa Cruz no anno 1131.

A Sè de Viseu teve tambem seu principio em outro Mosteiro de Conegos regrantes, de que era Prior S. Theotonio, o qual não querendo aceitar o Bispado daquella Igreja, que então ultimamente se reformou, e passou a Santa Cruz, e ficou sendo primeiro Prelado de Viseu Odoario outro religioso do mesmo Convento. Em Evora foi primeiro Bispo D. Payo Conego Regrante do Mosteiro de Banhos, e consta pelas Escrituras do Cabido, que os Conegos viverão com o Bispo em commum até o anno de 1200. em que se fez a divisaõ das rendas entre o Bispo, e Cabido. E finalmente da Igreja do Porto, consta isto mais claro, como se vê do Cathalogo dos seus Bispos p. 2. c. 1. que compoz o Reverendissimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Prelado della, Obra illustre, e digna de seu Author, e muito mais de ser imitada de outros semelhantes Prela-

lados. Este grande zelo, e providencia, com que aquelles piíffimos Principes procuraraõ restaurar as Igrejas Cathedrais em regular observancia he digno de grande consideraçaõ. Porque entendendo bem quanto a condiçaõ humana seja inclinada a descair da virtude, quiferaõ dar-lhe principio em huma grande perfeiçaõ, para que quando pelo tempo adiante degenerassem, ficassem ainda em competente estado. O qual exemplo fora mui justo, que se seguiu nas novas Sés que modernamente plantamos em Asia, Africa, America, e Ilhas do mar Oceano, applicando-as a algumas regeiões observantes. Porque se nas Provincias onde a Christandade estava fundada havia tantos seculos, em poucos annos se mudou a vida regular dos Conegos em taõ differente estado, que podemos esperar daquelles, que começáraõ já nestes, e noutros mais relaxados principios.

Foi este modo de vida commum descaíndo nos Conegos, pouco a pouco até se relaxar na maior parte; assi, porque as forças do espirito envelhecem mais depressa nos homens, que as do corpo,

co-

como por pedir este modo de vida huma virtude altissima, e mui constante, por ter o Monaquismo muitas cousas encontradas com o Clericato, segundo testifica S. Gregorio, que depois de experimentar bem ambos, diz na carta, que escreve ao Bispo, e Clero de Ravena: *Nemo enim potest, & Ecclesiasticis obsequiis deservire, & in Monastica regula ordinate persistere, ut ipse Monasterii destructionem teneat, qui quotidie in ministeris Ecclesiastico cogitur permanere, &c.* Por estas razões se foi desfazendo a claustra, e aquella maneira de viver em commum, que os Conegos tinhaõ; porém inda assi naõ lhe pode o tempo roubar de todo o nome de Conegos, ou Regulares, e muitas cousas outras da ordem Monastica: porque o seu governo ainda consiste em communidade com Estatutos particulares, os quaes para serem guardados, como convêm, tem o Bispo obrigação de os fazer pôr em devida observancia. Tem os redditos Ecclesiasticos em commum, de que se mantem, e se dividem por pessoas eleitas. Tem em Espanha a côrdo habito de que usaõ, que he negra: tem

tem as Murças, e as capas do Côro por commum habito canonical, e até os edificios das mesmas Sés conservaõ ainda as claustras, o que tudo se tomou dos Monges, como logo veremos.

Consta do Sermaõ 56. de Diversis, de Santo Agostinho, (*) em que deu a regra de vida commum aos seus Conegos, que o habito que traziaõ, era o Birro, e Tunica de linho: como bem o notou Baronio tom. 2. anno 261. §. 42. e os que escrevêraõ a vida do mesmo Santo modernamente, como o Padre Fr. Luiz dos Anjos, e Fr. Jeronymo Romano, que o trazem de muitos Authores. Era o Birro veste commum a todos os Sacerdotes, e Bispos daquelle tempo, como se vê de Paladio in laut. cap. 51. e de Venancio Fortunato, e Gassiano: mas naõ se chamava *Birro*, simplesmente, senaõ *Lacernum Birrum*, segundo parece dos actos do martyrio de S. Cypriano. Porque onde Paulo Diacono diz *Expoliavit se Birro, & tradidit carnificibus &c.* Diz o Author daquelles actos: *Exvit se Lacernum Birrum, quem indutus erat, &c.* E outros

(*) *Murça.*

tros actos do mesmo Santo: *Et ita idem Cyprianus in agrum sexti perductus est, & ibi se Lacerno Birro expoliavit.* De maneira, que o Birro, e Lacerna era tudo huma cousa. Para o que he de saber, que Lacerna foi hum habito, que os Romanos usáraõ de feltro curto, que cobria a parte do corpo, que ha dos hombros até a cintura, como agora fazem as capas dos feltros, ou as esclavinas dos peregrinos. Usavaõ os Antigos desta Lacerna nos caminhos. E diz Lazaro Baifo capit. 16. que se chamava Lacerna: *Quasi Lacerna, quod capite minus sit.* E de Cicero, Plinio, e Festo Pompéo, confirma esta verdade Baronio anno 261. §. 40. Por onde Venancio Fortunato tratando de S. Germano Bispo de Pariz, quando visitou a El-Rei Clotario, lhe chama com razaõ Palliolo, ou capinha, dizendo delRei: *A-lambit sancti viri palliolum.* Esta Lacerna, ou Lacernum (que de ambos os modos se acha escrito) tomou o nome *Birrum*, que segundo Festo significava antigamente entre os Latinos côr vermelha, e se derivou de *Pirrobon, idest purpureum*, como o toca eruditamente

o Padre Fr. Luiz dos Anjos , porque as lacernas eraõ ordinariamente desta cõr vermelha (posto que tambem as havia de outras cõres) e assi lhe vieraõ a chamar Birros tomando a cõr pela veste. Esta mesma *Lacerna* , ou *Birro* , que como vemos era huma murça sem capelo , ou cogulla , foi commua a todo o Clero , e affirmaõ alguns Authores , que a tomaraõ por habito os Ecclesiasticos da primitiva Igreja , porque sendo o mesmo que capa de caminho , significavaõ com ella que deviaõ usar das cousas deste mundo só como peregrinos , e passageiros confessando com ella aquillo do Apostolo : *Non habemus hic civitatem permanentem , sed futuram inquirimus*. Consta ser este o trajo entaõ commum dos Clerigos além dos Autores allegados pelo Concilio Gangrense onde cap. 12. se diz : *Siquis virorum propter continentiam , quæ putatur , amictu pallii utitur , quasi per hoc habeat se justitiam credens , & despicit eos , qui cum reverentia Birris , & aliis communibus vestibus , & solitis utuntur , anathematisit , &c.* O mesmo se vê de Cassiano

quan-

quando fallando de certas capas , que traziaõ os Monges do Egypto , diz : *Et ita planeticarum , atque Birrorum pretia simul , & ambitionem declinant.*

Este Birro , ou murça (*) sem cape-
lo he ainda hoje commua a todos os
Clerigos de Portugal , que a querem tra-
zer posto que muito mais se usa nos
Beneficiados das Cathedraes , que naõ
faõ Conegos , e particularmente na Sé
de Evora , e só se differença esta mur-
ça das murças dos Conegos , em as dos
Conegos terem Capêlo , como tem as
dos Bispos , e Cardeaes : o qual cape-
lo parece sem duvida a cogula mona-
cal , que os Conegos lhe acrecentáraõ ,
quando aceitáraõ o Monaquismo. Pro-
vase isto claramente por duas razões evi-
dentes. A primeira , porque o Capêlo ,
ou Cogulla he só insignia de Monges ,
e propria sua. A segunda , porque ain-
da hoje só os Clerigos , que foraõ Mon-
ges , que faõ os Bispos , e os das Ca-
thedraes , e os regulares as trazem com
Capelo , e os mais sem elle.

Ser a Cogulla propria insignia dos
Mon-

(*) *Inst. monast. lib. 1. c. 7.*

Monges , e antiquissima nelles , se vê de muitos Authores , e em particular de Niceforo Calixto lib. 9. cap. 11. Sozomeno lib. 3. cap. 13. S. Jeronymo in vitis Patrum lib. 3. cap. 15. e finalmente de Cassiano lib. 1. cap. 4. o qual diz , que nesta veste quizeraõ os Monges mostrar a innocencia de vida , e castidade , que professavaõ tomando-a dos mininos , e donzellas , que entãõ a traziaõ no Egypto , como ainda agõra a trazem em Castella em terra de Valledolid , e Medina do campo , onde os meninos de pequena idade , e as donzellas usaõ estes capellos , ou capirotos , e os deixaõ quando casaõ. As palavras de Cassiano saõ estas : *Sunt præterea quædam in ipso Ægyptiorum habitu non tantum ad curam corporis , quantum ad morum formulam congruentia , quo simplicitatis , & innocentie observantia , etiam in ipsa vestitus qualitate teneatur. Cucullis namque per parvis , usque ad cervicis , humerorumque demissis confinia , quibus tantum capita contegant , indefinenter diebus utuntur ac noctibus , scilicet , ut innocentiam , & simplicitatem parvulorum jugiter custodire , etiam*

etiam imitatione ipsius velaminis commoneantur qui reversi ad infantiam Christi cunctis horis cum effectu, ac virtute decantant, &c.

Daqui tomáraõ tambem no Occidente os Monges de S. Bento, e outros, que se delles derivaraõ os capellos, e Cogullas, e assi mesmo os de S. Agostinho, o qual a recebeo dos Monges, que vio em Italia, que parece tiveraõ seu principio da boa vinda de Santo Athanasio a Roma, que succedeo no anno de Christo de 340. a cuja imitaçaõ fez depois em Africa hum Mosteiro junto a Hippone em hum horta que para esta obra lhe deu Valerio Bispo Hiponense. E sendo Bispo, seguiu as pizadas de Eusebio Vercellense na reformaçaõ do Clero, fazendo na sua Episcopal hum Colegio dos Clerigos da sua Igreja, com os quaes se recolheo ordenando-lhes hum religioso Instituto, misturado do Clero, e do Monaquismo, e para que no traje se visse que seguiaõ a vida Monastica lhe acrecentou aos Birros (que até entãõ eraõ sem Capello) a Cogulla, ou Capello Monacal com que agora os trazem os Conegos das Cathedraes, e os outros

tros que chamamos regulares, a que elle tambem deu principio.

Passou este habito a Italia, onde já hoje o não uiaõ mais que os Cardeaes, e os Conegos Regrantés, como nota o Cardeal Cesar Baronio no lugar allegado, e nem aos Bispos de Italia o concede o novo Ceremonial Romano, senão em suas proprias Provincias, como se vê do livro I. cap. I. Porém em França, parece commum aos Conegos segundo Lazaro Baifo cap. 16. nestas pavras: *Sacerdotes, qui Canonici dicuntur, lacernis nigris ornatur, ut cucullo, cum in ædis choro sedentario Divinos Davidis versus alternis ultro citroque vicibus de cantant: tempore vero æstino utuntur amictu pelliceo, quem ab amiciendo opinor vulgo aumuciam vocant. Quin etiam videntur lacernæ esse ea, quibus Cardinales Romæ obsequitando triumphatium more utuntur, Sacerdotii, ut ita dicam, Dibaphicilus adepti cum cucullo, &c.* O mesmo uso parece do Concilio Basiliense, que houve em Alemanha; suas palavras são estas, fallando dos Clerigos das Igrejas Cathedraes sess. 21. *Horas Canonicas*
di-

*dicturi, cum tunica talari, ac superpelliciis mundis, ultra tibias longis, vel cappis, juxta temporum, ac regionum diversitatem Ecclesias ingre-
diantur, non caputia, sed almucias, vel Birreta tenentes in capite &c.*

Porém neste Reino se conserva mais que em nenhuma outra parte o uso das murças, porque além dos Bispos as trazerem por habito proprio todos os Conegos das Igrejas Cathedraes, e como tal em muitas constituições de Bispados, he prohibido aos outros Clerigos, principalmente no Arcebispado de Evora; e na Sé de Braga, manda hum Estatuto do Côro, (*) que sem murça não possaõ os Conegos ser contados ás horas. E modernamente em Lisboa as forraraõ os Conegos de vermelho, para com esta differença ficar o dito habito Canonical mais distinto das outras murças dos Quartanarios, ainda que as dos Quartanarios saõ sem capellos. Esta he a origem das murças dos Conegos, o qual nome tomáraõ, deixando o de Birros, e Lacernas, segundo parece a Lazaro Bai-

(*) *Estatuto do Regimento do Côro, cap. 23*

Baifo , pela razaõ que na sua authoridade referida aponta.

Além da Murça , trazem tambem os Conegos outra Veste por habito Canonical , chamada Capa de Coro , a qual he commum aos Bispos , e Conegos : della se faz mençaõ no Ceremonial Romano lib. 1. c. 3. onde manda que vaõ com ella vestidos os Bispos quando fórem admitidos no lugar do Consistorio em Roma , e que nas suas Igrejas assistaõ com ella aos Officios Divinos. E na Sé de Evora ha humã declaraçãõ da Congregaçãõ dos Ritos , que ordena se naõ faça Ceremonia alguma ao Bispo na Igreja , assistindo sem capa. A mesma capa dá o Ceremonial por habito aos Conegos em certos tempos do anno , como no Advento , e Quaresma , e outros segundo o particular uso que cada Igreja nisso observa. Esta Veste tomáraõ os Bispos , e Conegos do Monaquismo , como o affirma o Padre Fr. Jeronymo Romano (ainda que erradamente lhe chama Birro) e D. Bernardo de Sandoval Mestre Escola da Sé de Toledo no seu Tratado do Officio Divino p. 5. c. 1. e se vê claramente da mesma fórma dos Capel-

pellos dellas, que he propria dos Mon-
ges de S. Bento, e dos forros de pel-
les, que nellas se usaraõ sempre em mui-
tas partes, de que já falla Cassiano, e
o Ceremonial Romano ainda agora faz
mençaõ. Por isso se permittem ainda ho-
je estas capas de chamalote, que se te-
ce dos pelos de camelos, ou de cabras,
e assi parece, que se trazem em lugar
das capas de pelles, que sobre as mais
vestiduras traziaõ os Monges do Egy-
pto, os quaes as tomaraõ já dos pri-
meiros instituidores de vida Eremitica,
de quem o Apostolo diz: *Circuierunt
in me lotis, & pellibus caprinis.* Af-
si o confessa Cossiano liv. 1. cap. 8. *Ul-
timus est habitus eorum pellis caprina.*
E mais abaixo: *Qui tamen habitus pel-
lis caprine significat mortificata omni
petulantia carnalium passionum debere
eos in summa virtutum gravitate con-
sistere, nec quidquam pitulcum, vel
calidum juventutis ac mobilitatis an-
tiquæ in eorum corpore residere &c.*

Destas capas de côro parece, que
tiveraõ origem os Pluviaes, a quem cha-
mamos ordinariamente capas de Asper-
ges, porque nos capellos, e feiçaõ se
pa-

parecem com ellas , e como taes manda o Ceremonial Romano , que nos Pontificaes dos Bispos só os Conegos as vistaõ , e affistaõ com ellas no côro , como habito canonical , naõ concedido aos outros Beneficiados.

A côr de ambas estas vestes murça , e capa de côro he negra , (*) e por ella se vê cleramente , além do que temos dito , serem Monachaes. Porque a côr negra era antigamente propria das vestes dos Monges , e naõ dos Clerigos , como consta de S. Jeronymo , que dando regra a Nepociono , como se havia de haver no Clericato , lhe diz: *Vestes pullas devita , atque candidas*. Quasi dizendo , que fugisse á hipocresia das vestes negras , e a louçainha das brancas , por serem as negras só dos Monges , e que professavaõ vida penitente ; porquanto foi costume dos Orientaes , e particularmente dos de Palestina , vestirem-se de negro , os que se confessavaõ por réos , e pediaõ misericordia , como o traz Baronio , de Josepho anno Christi. 34. §. 81. E como esta era

(*) Côr negra do habito Canonical,

a profissaõ dos Monges, segundo affirma S. Jeronymo ad Rusticum : *Monachus non Doctõris , sed plangentis habet Officiũ*. Todos os Monges mais antigos tomáraõ esta cõr, como foraõ os de S. Antaõ, S. Basilio, S. Agostinho, e S. Bento, e por se differencarem delles os outros Relegiosos que depois vieraõ, mudáraõ, e tomáraõ outras cõres, e particularmente o branco por contraposiçaõ, como se vê nas Religiões, que sahiraõ das de S. Bento, qual he a da, Camaldula, Valumbrosa, Cister, &c. e depois á imitaçaõ destas usaraõ do babito branco, os Cartuxos, Dominicos, e outros, que foraõ largo referir.

Ambas estas vestes murça, e capa de cõro usaõ os Conegos sobre Sobrepellizes, ou Tunicas lineas, como lhe chama S. Agostinho, e alguns dos Padres antigos, ás quaes deraõ depois nome de *superpellicium*, ou Sobrepellizes, segundo Guilhelmo Durando lib. 3. c. 1. por serem antigamente estas as ultimas vestiduras, que se lançavaõ sobre outras de pelles, que entaõ o Clero trazia *Dictum est super pellicium*,

diz elle: *eo quod antiquitus super tunicas pellicias de pellibus mortuorum animalium factas induebatur, quod adhuc in quibusdam Ecclesiis observatur, &c.*

A fórma em que se usaõ as sobrepellizes nas Igrejas, he varia, segundo as Provincias; porém a que tem as nossas sobrepellizes de Portugal, que he ser huma veste como hum capuz, comprida, sem mangas, e que igualmente dece dos hombros, por todas as partes até os pés, he da maior antiguidade da Igreja. Porque ou estas nossas sobrepellizes de Portugal saõ as mesmas planetas antigas com que se dezia Missa, ou he manifesto que as planetas naõ differiaõ na fórma dellas em cousa alguma, senaõ fosse na materia. Que se jaõ as planetas, casullas, ou vestimentas, com que na primitiva Igreja se dizia Missa, e ainda muito perto de nossos tempos, da mesma fórma das nossas sobrepellizes, o confessaõ muitos Autores graves, e expressamente se confirma, naõ só com exemplos das casullas com que em muitas partes se pinta S. Pedro, e os outros Apostolos, mas

O que mais he com algumas, que ainda se conservaõ daquelle primeiro tempo, e particularmente com a que Nossa Senhora deu a S. Illefonso, da qual diz alli o Padre Francisco Porto Carreiro da companhia de Jesus na vida deste Santo, cap. 31. quando trata das reliquias que se acháraõ na arca dellas, que está em Oviedo: *La ultima fue la casulla, que se ballo en el rincon de la dicha arca, en una caxita pequena con su titulo, y abierta se allo la dicha casulla embuelta en tres lienzos, la qual era de un delicadissimo sendal, sin costura, ni textura, su color turquezada de color de cielo, su hechura de fôrma de un capuz Portuguez sin Capilla, &c.* Do mesmo modo saõ as casullas de S. Rozendo, de quem Morales fallando do Mosteiro de Conegos regrantes de Caveiro, (*) que este Santo fundou, diz o seguinte: *Alli muestran una casulla mui antigua, y de estraña hechura, es de la propria forma de un capuz sin capilla, y ansi era menester, que le alçassen al Sa-*
cer-

(*) Morales lib. 16. c. 36.

cerdote , quando estava vestido , lo que le cahia sobre los braços y se lo embiessen por de dentro , o quedasse por de fuera , como quando alcan los lados del capuz. Alli dizen fue aquella casulla de los Apostoles. Mas yo tengo por cierto ser aquella dada alli por sant Ru- zendo , y que era de la forma ordinaria de las casulas de aquel tiempo , pues otra que muestran en el Monaste- rio de Cella nova , con que el santo di- zia Missa , es del todo semejante a aquella.

A mesma fórma se confirma destas palavras do liv. 3. cap. 9. Da Missa , de Hugo de Sancto Victore : *Casula autem talia significat opera , quæ in itinere observari non possunt : significat enim per latitudinem suam , charitatis amplitudinem , hæc autem exigitur & in loquendo , propter quod collo circumdatur , & in eperando , quia super utrumquæ brachium replicatur , & in cogitando , quoniam pectus inde tegitur , &c.*

O Padre Fr. Jeronymo Romano lib. 4. cap. 20. de sua República Cristãe , affirma o mesmo do seu tempo : *De- la*

la casula , diz elle , atreverme yo a dizer , que tuvo principio dello que llamamos capuzes Portuguezes. La razon que tengo , es que se mira cen las casullas de Italia , y de Francia , ballaran que emanaron de los capuzes , porque van muy tendidos por los hombros y , porque para alçar la Hostia y Caliz , embaraçan y ni pueden menear los braços , en acabando de dizir el Sacerdote sanctus , el que ayuda ala Missa , le pone sobre los hombros todo aquello que se estende por los hombros abaxo , para que mas desembaraçadamente pueda alçar la Hostia , Caliz , de manera , que como qua usan nuestros Españoles alçar los capuzes sobre el hombro para desembaraçar el brazo , y mano , asi lo hazem con la casulla los Sacerdotes en Italia , y Francia ; y ansi aquel alçar la consello por de traz , quando el Sacerdote alça , no es ceremonia , mas necessidade para que el Sacerdote baga mas desembaraçadamente los signos , y pueda alçar el Caliz y Hostia ; nos otros vemos polido mas aquel ornamento , y ellos tambien lo van puliendo cada dia , &c.

Finalmente o muito erudito Padre Henrique Henriques confessa esta verdade mais claramente que todos p. 2. lib. 9. De Missa. cap. 29. nestas palavras: *Casullam, seu planetam, quæ erat ut superpellicium rotundum, sine manicis, cujus limbus super brachia projectus circuibat totum corpus.* E logo na Glosa diz. *Planeta dicitur à Plane, scilicet, erorre quasi errabunda vestis, ea forma antiqua fiunt apud Luzitanos superpellicia, & caputia, sine manicis, ad honorem.*

O outro ponto da casulla ser o mesmo que a sobrepelliz agora, parece, que consta do lugar referido de Cassiano lib. 1. cap. 7. em que dá o uso da planeta por universal ao Clero, como a dos Birros. E de Amalario Fortunato Arcebispo de Treveris, que confessa que a casulla pertence a todos os Clerigos, como hoje a sobrepelliz, o que não disséra, se fora só dos Sacerdotes: Suas palavras são estas, lib. 2. cap. 19. *De Ecclesiastico Officio: Casulla vero, quæ pertinet generaliter ad omnes Clericos debet significare opera quæ pertineant ad omnes, hæc enim sunt*

sunt fames, sitis, vigilia, nuditas, lectio, psalmodia, oratio, labor operandi, doctrina, silentium, & cætera hujusmodi, &c. Comprovase mais esta opiniaõ; porque as vestimentas, com que se dizia Missa, na primitiva Igreja eraõ de linho, como ainda se usa em parte na Igreja Grega. E poucos annos ha que com ellas celebravaõ os Sacerdotes dos Christãos de S. Thomé no Oriente, como o affirma Fr. Antonio de Gouvea Bispo de Syrene lib. 1. c. 3. da jornada da Serra do Arcebispo de Goa. Pelo que sendo a nossa sobrepelliz da mesma fórma das casullas da primitiva Igreja, ou sendo ella em todo, he mui digna de veneraçãõ, e que todos os Prelados deste Reino pretendaõ conserva-la na mesma fórma em que atégora a usaraõ em suas Igrejas, e naõ consintaõ, que se acabe em Portugal esta taõ santa, e veneranda antiguidade.

Assi como o Clero naõ fez mudança na casulla, ou sobrepelliz, assi a naõ fez em outras insignias do Sacerdocio, e Ordens Sacras, pela grande excellencia destes grãos. Pelo que conservou o

modo da tonsura da cabeça, e barba, a qual se costumou sempre na Igreja Romana, e teve principio segundo Amalario Fortunato de officio Ecclesiastico lib. 4. c. 39. do Apostolo S. Pedro, que a usou, em memoria da paixão de Christo nosso Senhor, significando nella a sua Coroa de Espinhos. E Germano Bispo Constantino diz, que S. Pedro foi pelos Gentios rapado em Roma dos cabellos da barba, cousa de insigne afronta naquelles tempos, a qual depois foi havida por taõ honrada na Igreja em sua lembrança, que por isso a usaraõ, e usaõ os Clerigos por todo o Occidente, como o nota largamente Baronio no primeiro tomo de seus Annaes anno 58. onde traz huma Epistola de S. Gregorio VII. a Jacobo Bispo Calaritano em que lhe diz que constanja aos Clerigos a que cortem as barbas, por ser este costume des do principio da Igreja, e o Cardeal Bellarmino lib. 2. De Monachis, cap. 4. : controv. 5. refere muitas authoridades de Padres antigos, porque consta o costume da tonsura, e o Concilio Carthaginense can. 44. manda. *Quod Clerici nequa comma*

enutriant, neque barbam. E o Can. cap. Clericus 3. *De vita & honestate Clericorum*, onde se lê: *Os Clerigos, que criaõ o cabello, & barba, sejaõ trosquiados, ainda, que seja contra suas vontades pelos Arcediagos*: O qual texto he do Papa Alexandre III. ao Arcebispo Canturiense. Bem sei, que Pie-rio Valeriano pretende mostrar, que estes textos se lem corruptamente, e que só falaõ do cabello da cabeça, e não da barba. E profegue esta materia prolixamente em huma larga declamação, que fez em favor das barbas dos Sacerdotes. Porém claramente se vê, que a correcção, e emenda, que elle dá a estes textos, não he boa, pois não foi admitida nas muitas impressões, que depois se fizeraõ dos textos dos Canones, nos quaes se emendaraõ outras muitas palavras que por negligencia dos escreventes tinhaõ entrado nos textos. Além do que se mostra pelo uso antiquissimo, que até o seu tempo se tinha observado na mesma Italia, França, e Hespanha, onde os textos mandavaõ, que a barba se cortasse, pois o tal costume se observou com a tonsura da Cabeça,

o que não fora , se o texto mandára o contrario : pelo que devemos entender , que naquella declamação mais quiz fazer o gosto a quem lha mandou fazer , que sentir , e ter por verdadeiro , o que dizia , pois aprovando o criar as barbas , elle a trouxe sempre rapada , como ainda hoje se vê dos seus retratos , que andaõ em suas obras. E quando estas razões não houvéra , bastava-nos a authoridade do Santo Cardeal Carlos Borromeo , o qual desejando restituir , e conservar no seu Clero os antigos , e santos costumes da primitiva Igreja sendo já Arcebispo de Milão , e trazendo até aquelle tempo barba comprida : elle a cortou , e a fez cortar aos Clerigos de sua obediencia , e sobre isso lhes escrevêo huma excellente Epistola exhortatoria , em que os persuade a conservar este antigo costume , com taes palavras , e razões , que bem parecem saídas do animo de tão Santo Prelado. Anda esta Epistola na 3. parte dos seus Actos da Igreja de Milão , na qual ainda que se não alleguem as authoridades de Pierio , he assaz mais authorizada , assi por se fundar no costume anti-
go

go, e Canones da Igreja, como por seu Author, que por sua santidade, e dignidade não sómente fica excedendo notoriamente a Pierio na pessoa, mas ainda no exemplo, pois o Santo depois de trazer muitos annos barba a cortou, tendo por melhor a tonsura della. E Pierio louvando o uso das barbas, não o seguiu. Porém nem por isso se deve condemnar o costume dos que usaõ as barbas, porque cada hum deve guardar o da sua Provincia, como o diz o Cardeal Bellarmino no lugar allegado: *Nec tamen propterea reprehendimus usum hujus temporis, quo Clerici, & monachi raduntur: nam nec unquam fuit prohibitum radi, & propterea hujusmodi ceremoniæ pro temporum, & locorum diversitate variari possunt.* E o Cardeal Baronio anno 58. de Christo. *Sed de his pene jam contrarius irrepsit usus, nec constans habetur ubique ritus, cum alii tondant, radant alii, alii rursus barbam promittant absque jactura fidei, unusquisque abundans in sensu suo.* Com tudo podemos prezar muito de neste Reino se guardar ainda inteiramente este costume. E por-
 que

que nos de Castilla começava ja haver alguma alteraçã nelle , ordenou agora o Senhor Cardeal Infante D. Fernando Abbade de Alcobaça , e Prior do Crato neste Reino , e perpetuo Administrador do Arcebispado de Toledo , no Synodo que mandou fazer na mesma Cidade , no anno de 1620. em que presidio em seu nome o Doutor Alvaro de Vilhegas Conego Magistral daquella Santa Igreja , & seu coadministrador , que o costume da tonsura da barba , se guardasse inteiramente , como se vê destas palavras lib. 3. const. *Fue instituido , que los Clerigos elegidos para servicio de Dios truxesen coronas en sus cabeças , y habito decente , y diferente de los seglares : porque por ello fuessen conocidos por Ministros de Dios. Por lo qual los Pontifices , y Emperadores los decoravan com grandes privilegios , y exempciones en sus personas , y bienes : de que só vistos hazerse indignos , y negar su profession , quando las tales personas encubren , y dexam de tener su habito Ecclesiastico , conveniente a su menisterio , y nos queriendo proveer de remedio ácerca de lo uso dicho , y*

lo que conviene a su vida , y honestidad S. S. A. declaramos , y ordenamos , que los Clerigos de Ordem sacra , y Beneficiados de qualquier beneficio traygan la corona abierta , y la rasura de los Presbiteros , se a del tamaño del circulo mayor , que aqui mandamos poner , y de los Diaconos , y Subdiaconos , sea del tamaño del segundo circulo , y de los de menores y de corona se a del tamaño del tercero circulo menor , que aqui vá señalado , y que traigan el cabello cortado igualmente , y llano , y la barba hecha baxa , pareja redonda , sin punta , ni vigote? &c.

He tambem o Barrete , veste commua a todos os Clerigos. Faz-se menção d'elle , como de veste Ecclesiastica no cap. 2. do Ritual Romano. §. 2. e no Ceremonial lib. 1. c. 18. quando manda , que o tragaõ os Bispos debaxo da Mitra , e por imposição do barrete se daõ as collações dos beneficios Ecclesiasticos. Os Antigos lhe chamaraõ *Pileus* , ou *Birretum*. O nome de *Pileus* , diz Lazaro Baifo , lhe deraõ , porque se fazia de Pelos , ou porque cobria os da cabeça , como se vê do cap. 20. nestas

palavras. *Pileus*, quod & *pileum* dicitur (ut quidam putant) vel quod ex pilis fieri soleret, vel quod pilos capitis, tegeret. O nome de *Birretum*, lhe veio de *Birro* (que he o mesmo que *Lacerna*) como já vimos. E porque o Birreto era do mesmo panno, e côr do Birro, e servia de cobrir a cabeça, lhe chamaraõ diminutivamente *Birretum*. Mostra-se isto claro de hum lugar de Marcial lib. 14. Epigram. 132. onde debaixo do titulo de *Pileus*, diz assim :

*Si possem totas cuperem misisse Lacernas,
Nunc tantum capiti munera mitto tuo.*

Antiquissimo foi o uso do Pileo, como o mostra Lazaro Baifo de muitos lugares de Plutarco, Estrabo, e outros Authores. E Pierio Valeriano nos seus Hieroglyphicos lib. 40. trata delle largamente, e diz que o costumáraõ os Gregos, e os Latinos, e affirma, que era proprio trajo dos nobres, e dos livres, que não reconheciaõ senhorio de Reis *Is apud græcos*, diz elle, *nobilitati-indicium fuit, hique ea de causa ulyssis capat peleatum fieri solitum autumant, quod magna, scilicet, ab utroque*

que parente nobilitas illi obtigisset, &c. E pouco depois. Quod vero Castorum quoque capita pileata pingerentur, nihil aliud sibi velle tradunt, nisi ut inditio esset eos fuisse Lacones, hos vero pileatos pugnaremos fuit, quod indomitum animum adversus barbaros Reges, & tyrannos significatione libertatis ostentarent. Quique aliquot ab hinc annis Venetias confugerunt Graci, extorres à Turca facti, nobilitatem suam, & ingenuam libertatem unanimiter pilei illius sui gestatione profitentur, &c.

Em confirmação de o pileo significar liberdade, traz o mesmo Pierio muitas medalhas antigas, onde se vê impresso juntamente com a palavra *libertas*, e Alciato fez hum emblema de huma que se acha de Bruto, e Cassio, quando com a morte de Cesar tornáraõ a introduzir a liberdade da patria, em que está huma espada, e hum barrete para mostrar que com ella alcançáraõ a liberdade. por esta razaõ usaraõ os Persas, e as outras Nações Orientaes do barrete nos seus Principes, e Sacerdotes; por quanto os Sacerdotes

antigos, nos trajos sempre se igualáraõ com os Principes. E os Flamines a quem Numa Pompilio fez semelhantes nas vestes aos Reis de Roma, traziaõ tambem o Pileo, como o mostra Pierio no lugar allegado. Esta foi a causa segundo parece, porque se deu tambem aos Pontifices, e Sacerdotes no testamento velho de quem, segundo muitos Authores, o tomáraõ os Sacerdotes da lei da graça.

A fórma deste barrete foi em todas as partes até nossos tempos redonda, e não quadrada, como consta de todas as estatuas, e pinturas de Italia, França, Alemanha, e Espanha, e se vê das palavras de S. Jeronymo, ad Fabiolam: *Quartum genus est vestimenti rotundum pileolum, quale pictum in ulisseo conspiciamus quasi sphaera media sit divisa, ut pars altera ponatur in capite, hoc Graeci, & nostri tyarum, non nulli galorum vocant Hebraei Misnephit: non habet acumen in summo, &c.* E logo diz abaixo: *Hic quatuor vestimentis, idest, feminalibus tunica, linea, cingulo, & pileo, de quo nunc diximus, tam Sacerdotes quam Pontifices utuntur.* E

mais

mais exprefamente de S. Ifidoro *Pileus est ex byffo rotundus, quasi fphæra media caput tegens Sacerdotale.* E Guilhélmo Durando no feo Racionali lib. 3. cap. *De indumentis legalibus*, diz que a Tyara commum dos Sacerdotes era: *Quasi formam rotundi caffidis repræfentans.* O mefmo confella Pierio no lugar allegado, dizendo: *Antiqua vero forma pilei est, quam Lucianus in Dypfade describit. Dimidiam quippe corticis alicuius ovi, &c.* E a nova fórma dos quatro cantos, com que em Italia fe ufa, he coufa de feo tempo como elle refere lib. 40. De Pileo. §. ultimo De fórma pilei onde diz: *Neque tamen nescius sum pilea apud Romanos ex lacernis cæfis confui folita, quod & apud Papinium, & Martial habetur. Quem morem longo antiquatum tempore, noftra ætas revocavit, pileoque elegantiffima ex conjunctis panni frustulis quatuor, tam adornatum capitis, quam etiam ad umbræ ufum fecit, non ea tamen ovi fingula dimidii fpeciem referentia, fed quatuor veluti costis ad quatuor inftar mundi cardinum affurgentibus divifa, &c.*

Com tudo os barretes, que os Bispos trazem debaxo da mitra, ainda são redondos, como notoriamente se vê, e o aponta o S. Cardeal Carlos Barromeu na supellectile do Bispo. Pelo que os barretes redondos, que ainda usa o Clero de Portugal, são os mais antigos da Igreja, e por tanto mui dignos de os conservarem nesta fórma os Ecclesiasticos deste Reino, pois sem ser natural delle, o fez assi o insigne Doutor Martin de Alpilcueta Navarro, que conhecendo a grande antiguidade deste nosso Barrete, o estimou tanto, que nunca mais usou d'outro depois que veio a Portugal, e com elle andou em Roma todo o tempo, que nella viveo até seu fallecimento.

Loba chamamos outra veste commua a todo o Clero de Portugal, mas mais usada nos Conegos das Cathedrais, principalmente na Sé de Evora: a qual teve sua origem segundo os Padres Fr. Joaõ de Madriaga Cartuxano, e Fr. Jeronymo Romano, das dalmaticas, e ainda hoje parece que tem quasi a mesma fórma, e feitio dellas. Foi a Dal-

ma-

matica commua a todo o Clero , (*) como até nossos tempos se vê na Igreja Oriental da Ethyopia , a que chamamos Preste Joaõ , e se prova dos Actos do martyrio de S. Cypriano : porque onde dizemos seus Actos *Tunicam tulit , & Diaconis tradit* , diz Paulo Diacono , *Dalmaticam tradit Diaconis &c.* De maneira , que já naquelle tempo traziaõ os Bispos a dita dalmatica , ou Loba por veste do seu Habito , como ainda agora a trazem em Portugal os Bispos e Conegos. Porem não sómente foi geral ao Clero a Dalmatica , mas tambem aos Monges : E segundo os mesmos Authores era o Colobio de quem Cassiano faz menção lib. 1. c. 5. o qual em tudo se parecia com a Dalmatica , tirando na materia , que era de linho , ainda que depois a usaraõ do mesmo pano dos seus habitos , e della tiveraõ origem os Escapularios dos Religiosos. Por esta razaõ diz o Padre Fr. Joaõ de Madriaga na vida de S. Bruno , que não usaõ na Relegiaõ da Cartuxa de Dalmaticas nas Missas solemnes : porque

(*) *Repub. Christ. lib. 4. c. 4.*

que estes seus mesmos escapularios , ou colobios saõ as verdadeiras Dalmaticas , da Igreja ; e o serem abertas , ou cerradas , naõ lhe muda a sustancia : e que aos Frades Leigos da mesma Ordem prohibiraõ os Padres desta Sagrada Religiãõ trazerem estes escapularios , por naõ serem Ministros do Altar , e lhe concederaõ sómente Cogullas curtas , como insignia propria de Monges.

O manteo Clerical he o mesmo , que o antigo Pallio usado dos Philosophos Gregos , como o mostra largamente Lazaro Baifo c. 23. e se vê de todos os Authores antigos , e era veste taõ propria sua , que por ironia diz de hum Aulo Gelio : *Video barbam , & pallium , Philosophum non video*. Este uso se communicou por todas as Provincias de Asia trazendo-o as pessoas graves que tratavaõ do desprezo do mundo , e como tal usaraõ delle os Apostolos. (*) Era o Pallio antigo quadrado , e chegava até o chaõ , atava-se no collo com huma fivella , como agora vemos as capas dos Religiosos , e por denotar particular

es-

(*) *Baron. ann. 57. §. 95.*

estado de perfeição, ainda que muitos Christãos usavaõ delle, naõ eraõ todos, mas sómente aquelles que professavaõ mais estreita vida, como se vê no Concilio Gangranse cap. 12. já referido, que poem excomunhaõ áquelles que usando dos Pallios desprezavaõ os que traziaõ os Birros. Esta veste chamamos agora Manteo, nome Grego, derivado de Mantyen, que quasi era o mesmo, que o Pallio, segundo Polidoro Virgilio nos seus Authores das cousas lib. 3. c. 6. e Lazaro Baifo cap. 16. E daqui parece, que ficou o nome de Mantos, ás capas dos Religiosos, e o de manteletes aos que trazem os Prelados Italianos.

Ao chapeo chamaõ os Latinos Pileus, e Galerus. O nome de Pileus lhe veio, por ter seu principio do Pileo, ou barrete, segundo quer Pierio Valeriano, o qual no liv. 40. §. Forma pilei, diz: *Variatum autem apud has, & illas nationes ut alii marginem dilatarint, tam pluviis a moliendis, quam sereno umbris captandis.* E S. Jeronymo no lugar allegado ad Fabiolam, depois de descrever o barrete diz: *Hoc nostri, & Græci tyarum, nonnulli gale-*

lerum vocant. Porem o Ceremonial lhe chama sempre Pileo, e não Galero.

Usavaõ do chapeo os Antigos nos caminhos sómente, e na Cidade era insignia propria do Pontifice Maximo entre os Romanos, como entre outros o nota Alexandre ab Alexandro lib. 2. c. 8. & lib. 6. c. 12. A sua antiga fórma era de aba larga, e copa baxa, como hoje trazem os Prelados, e Cardeaes em Roma. Entre os Ecclesiasticos he trajo antiquissimo, e nelle falla o Ceremonial novo Romano lib. 1. cap. 1. e 2. e ordena, que os Bispos o tragaõ forrado de verde, e com cordões da mesma côr. Pelo que pois he Veste Ecclesiastica se deve usar na mesma fórma antiga, e não mudar-lha fazendo o alto de copa, e curto de aba, tirando-lhe os cordões, com que os Ecclesiasticos vem a ficar semelhantes aos seculares. Assi o ordenou o Senhor Cardeal Infante D. Fernando nas suas Constituições Synodaes de Toledo, já referidas lib. 3. Const. 1. como se vê destas palavras: *Los sombreros para quando los devieren, y pudieren usar, y traer, no sean boleados, ni como los usan los*
le-

legos, centillos de fieltro, o de seda, o toquilla, sino con cordon, y con falda larga no menor que seis dedos, y la copa, enproporcion y no puntiaguda.

Este grande zelo, que hoje reiplandece no Senhor Cardeal Infante D. Fernando he mui justo, que seja imitado de todos os Prelados de Portugal, pois floreceo tanto em seus antecessores, que nunca permitiraõ aos seus Clerigos alterarem alguma cousa nos costumes Ecclesiasticos antigos. E sendo notados todos os Portuguezes de mudarem com facilidade o traje, e de serem mais afieçoados ao estrangeiro, que ao proprio, com tudo a vigilancia, e tanto zelo dos Bispos fez permanecer sempre nos Clerigos Portuguezes hum mesmo costume, des da primitiva Igreja atégora, conservando por tantos seculos o habito que receberaõ da Igreja Romana. E naõ basta para se cuidar o contrario, vemos, que ao presente em Italia está alterado em parte, porque do mesmo modo se guardaõ ainda hoje muitas Ceremonias na Igreja de Portugal, que tiveraõ sua origem da Roma, as quaes já se naõ observaõ em

Ita-

Italia : fazendo o tempo nisto sua mudança como o costuma nas outras coufas , ainda que Authores (*) graves dão o principio desta alteraçãõ na larga residencia , que os Summos Pontifices fizeram em Avinhaõ , donde quando tornáraõ a Italia trouxeraõ os Clerigos Romanos alguns costumes Francezes.

Para confirmaçãõ disto trarei sómente dous exemplos , com que se dará fim a este discurso. (**) primeiro seja a cerimonia , de se levantar o Clero em pé , da Igreja Latina , quando se canta o verso : *Gloria Patri* , o qual costume he taõ antigo , que já Cassiano faz delle mençaõ liv. 2. cap. 8. dizendo : *Illud etiam quod in hac provincia vidimus uno cantantes in clausula Psalmi , omnes stantes consinant cum clamore : Gloria Patri , & Filio , & Spiritui Sancto , nusquam per omnem Orientem audivimus.* Deste costume , como universal faz particular mençaõ. S. Boaventura , (***) e

(*) Fr. Bernardo Sandoval. *Tratat. de of. divino.* (**) *Observancia de Portugal nas ceremonias Romanas.* (***) *S. Boavent. esp. disp. c. 15.*

o Concilio Basiliense sess. 21. manda que todos o guardem , dizendo : *Cum dicitur : Gloria Patri , & Filio , & Spiritui Santo omnes conjurgant , &c.* Esta cerimonia taõ fãnta , e pia , se guardou sempre em Portugal com grande observancia , e ainda hoje se guarda , e pelo contrario em Italia estã de todo esquecida , segundo se vê do Ceremonial Romano.

O segundo exemplo sejaõ os nomes dos Dias da Semana , os quaes começando já no tempo dos Apostolos a chamar-se Domingo , Segunda , Terça , Quarta , Quinta , Sexta feira , e Sabbado , segundo prova largamente Baronio anno 58. de Christo , §. 86. até 90. com muitos lugares dos primeiros Padres da Igreja , depois S. Sylvestre mandou por hum decreto universal , que assi fossem nomeados por todos os Catholicos. Este decreto , e costume se guarda ainda em Portugal sómente , e naõ nas mais provincias de Europa , onde tirando os nomes do domingo , e Sabbado , nos outros dias usaõ ainda , com grande indecencia , dos nomes Gentilicos : do que com razãõ se doe Polido

ro Virgilio, e diz, que he cousa vergonhosa não se observar este preceito entre todos os Christãos, para que os falsos Deoses dos Gentios não tenhaõ ainda entre nós taõ honrosa, e assinalada lembrança, como se vê destas palavras lib. 6. c. 5. : *Multo ante Sylvestrem, aut Constantinum Pius Pontifex constituisse perhibetur, (sicut infra de monstrabitur) Pascham Dominico die celebrari, & Tertullianus eum diem Dominicum appellat, ut proximo capite docuimus. Quare istud institutum, forte id temporis minus servatum, Sylvester per hunc modum innovasse dicitur. Cæterum hæc dierum ratio nunc tantum in rebus divinis habetur, cum vix Dominico die, cum Sabbato suum tenent locum (& id credo permittentibus Sole, & Saturno) reliqui pristinum nomen recuperaverint, unde profecto pudendum est, simulque dolendum quod non ante hac data sint istis diebus Christiana nomina, ne Dii gentium inter nos tam memorabile monumentum haberent, &c.*

Destes exemplos fica claro, como os costumes, e ceremonias que em Portu-

tugal se usaõ , foraõ tomadas da Igreja Romana ainda que ao presente haja em Roma , e Italia outro costume. E com quanto maior razaõ condena Polidoro Virgilio as outras provincias por naõ guardarem este preceito do Santo Pontifice Sylvestre , tanto fica sendo mais digno de louvor o nosso Portugal na singular observancia , com que depois de tantos seculos conserva ainda os antigos preceitos , e Canones da Igreja , assi nas ceremonias como no habito Clerical , o qual , quando de nós naõ fora muito estimado , por ter taõ santos principios , bastava só ser este o costume geral do Reino , para se naõ alterar. Deixo já , que toda a novidade dos trajos traz consigo pela maior parte huma certa especie de louçainha , a qual he taõ alheia dos que servem na casa de Deos , como propria daquelles que habitaõ os paços dos Principes , segundo o mesmo Senhor no Evangelho afirma : *Qui molliter vestiuntur in domibus Regum sunt.* Por onde he muito justo , que todos os Ecclesiasticos sigaõ aquellas divinas regras , que o veneravel Abbade Cassiano lhe dá nesta ma-

teria, dizendo: que o seu vestido ha de ser tal que cubraõ com honestidade o corpo, e naõ com vaidade, e taõ pouco assinalado pelas cores, e novidade do feitio, como pela demasiada vileza, e desprezo, e que naõ fuja menos á imitação dos trajos seculares que a singularidade dos mesmos Ecclesiasticos, porque tudo o que entre os servos de Deos se pretende introduzir, naõ por decreto comum, mas por opiniaõ de hum, ou de poucos, mais tras especies de vaidade, que de vertude, e que por tanto só aquelles costumes se devem de ter por mais louvaveis nos Ecclesiasticos, que trazendo seu principio dos primeiros Padres da Igreja; se guardaraõ depois por seus successores até nossos tempos, como se póde ver mais largamente nestas palavras l. 1. c. 3. *Opperimenta que corpus operiant tantum, non quæ amictus gloria blandiantur: ita valia, ut nulla coloris, vel habitus novitate inter ceteris hujus præpositi viros habeantur insignia: ita studiosis accuratioribus altena, ut nullis rursus sint affectatis per injurias sordibus decalora-*

*rata Postremó sic ab hujus smundi sepa-
rentur ornatu , ut cultui servorum Dei
in omnibus comunia perseverent. Quid-
quid enim inter famulos Dei præsumi-
tur ab uno , vel paucis , nec catholice
per omne corpus fraternitatis tenetur ,
aut superfluum , aut elatum est , & ob id
noxium judicandum est , magisque spe-
ciem vanitatis quam virtutis ostentans.
Et id circo hæc quæ nec a veteribus
sanctis qui hujus professionis fundamen-
ta jecerunt , neque a patribus nostri
temporis qui eorum per successiones ins-
tituta , nunc usque custodiunt , tradi-
ta videmus exempla , ut superflua , &
inutilia nos quoque ressecare conveniet.*

FINIS.



V I D A

D E

JOAÕ DE BARROS.

NA Republica de Athenas (que entre os antigos foi a primeira que ensinou a honrar com premios públicos as virtudes excellentes dos Cidadãos (não se via levantado maior numero de estatuas aos Capitaens, que aos Escretores; antes eraõ estes tanto mais galardoados, que só a Demetrio Phalereu, discipulo de Teofrasto, dedicaraõ mais de 300. em seu louvor: e muito mór cuidado pozeraõ em escrever as vidas dos seus Filósofos, e Oradores, que as dos Principes, e Capitaens da mesma Republica. Moviaõ-se, parece, os Athenienses, a premiar taõ largamente o trabalho da escriptura, não só por elle ser espirital, e o da milicia corporal pela maior parte, mas por ainda nesta parte lhe levarem os escretores muita vantagem; porque na milicia não

M

póde

póde hum Capitaõ alcançar victoria sem o valor dos soldados , a quem deve grande parte de sua gloria : mas os Escriptores acabaõ naõ menores emprezas na composiçaõ de suas obras , sem se valem nellas mais que de seu trabalho , e valor proprio. E do mesmo modo , na milicia trabalhaõ muitos pella conservaçaõ de hum só Principe , ou Governador , que muitas vezes he hum tyranno da Republica ; e na escritura hum só trabalha pela conservaçaõ de todos , e faz com ella viver na lembrança dos homens , aquelles , que pela patria entregaraõ liberalmente as vidas , e conservando a memoria das cousas passadas , dá regras para acertar nas futuras. Porém como este bom costume de Athenas tem cessado ha muitos annos , vemos agora isto pelo contrario , sendo muitos os que escrevem historias de Capitaens , e raros os que se occupaõ em nos dar noticia dos que as escrevêraõ , particularmente neste Reyno , onde , ainda que naõ he pequena a falta que temos do conhecimento dos Escritores antigos , he mais para sentir o pouco , que communmente se alcança do nosso grande Joaõ de Bar-

Barros , trabalhando elle toda a vida por illustrar a patria , e deixar de seus natu-
raes gloriosa memoria. Pelo que , por
naõ perecer de todo com o tempo , a
que d'elle ainda se conserva , e por sa-
tisfazer em parte á obrigaçaõ em que
todos os Portuguezes lhe estamos , direi
o que d'elle pude alcançar , assim por in-
formaçoens de pessoas graves , que del-
le tinhaõ noticia , como do que elle
mesmo de si refere em seus livros , e de
outras escrituras , que pertencem a suas
coufas.

Nasceo Joaõ da Barros pelos annos
de mil e quatrocentos , e noventa e seis.
(*) Sobre o lugar da patria ha varias
opinioens ; porque como o nascimento
dos bons , segundo Santo Ambrosio , se-
ja bem comum , pertendem muitos ser
delle participantes. Huns affirmaõ que
he de Braga , confundindo (pode ser)
seu nome com o do Doutor Joaõ de Bar-
ros , Autor da Descripçaõ d'entre Dou-
ro , e Minho , que della foi natural : ou-
tros o fazem de Vizeu , onde seu Pai foi
morador , e ainda tem parentes ; e al-
guns

M ii

guns

(*) *Patria de Joaõ de Barros.*

guns de Villa Real , e finalmente muitos o tem por natural do Pombal , porque alli teve sua fazenda , e alli se retirou muitas vezes a huma quinta sua , e esta escolheo por vivenda na ultima velhice , que he o tempo , em que os homens tornaõ com natural desejo a buscar a patria , para acabar , parece , o circulo da vida no ponto donde a começaraõ. Seu pai se chamou Lopo de Barros , pessoa nobre , e dos principaes desta familia , porque era filho de Lopo de Barros , e neto de Alvaro de Barros senhor do morgado de Moreira , junto a Braga , que dizem ser fundador do Mosteiro de Raquim , da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista , cujo Avô foi Martim Martins de Barros , hum dos mais antigos fidalgos , que se achaõ desta linhagem , os quaes tomaraõ o appellido do lugar de Barros entre Douro , e Minho , e naquella Comarca possuem ainda alguns morgados , e antigamente tiveraõ Lugares com jurisdicçaõ. Destes foi hum Nuno Fernandes de Barros , a quem ElRey D. Pedro deo a terra de Perozello , e Gonçalo Nunes de Barros , que por mercê de ElRey D. Joaõ Primeiro foi senhor de

de Castro d'Airo, de juro, e herdade. E ainda que esta linhagem tenha estas, e outras semelhantes memorias, de que se póde gloriar, naõ a honraráõ menos os Varões que nella se dedicáraõ ás letras, entre os quaes (além do nosso Joaõ de Barros, bastante por seu engenho para illustrar muitas familias) se deve perpetuo louvor a D. Fr. Brás de Barros (primeiro irmão do mesmo Joaõ de Barros) Religioso que foi de S. Jeronymo, (*) e depois primeiro Bispo de Leiria, o qual sendo por sua virtude, e doutrina, eleito Reformador dos Conegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra, além de reduzir aquella Casa, e Religiaõ á sua antiga observancia, persuadio a ElRey D. Joaõ Terceiro, que impetrasse a desmembraçaõ das rendas de Santa Cruz para fundaçãõ da insigne Universidade de Coimbra, com que deu occasiaõ, e principio, a florescerem os naturaes deste Reino naõ menos nas letras, que nas armas, como o testificaõ tantos, e taõ grandes sujeitos, que destas Escólas tem sahido, com cu-
jos

(*) *Chr. de S. Hier. de Ciguenc. p. 3. lib. 2. c. 42.*

jos escritos não sómente se tem illustrado este Reino, mas ainda toda Hespanha.

Entrou Joaõ de Barros no serviço d'ElRey D. Manoel, de tão poucos annos, que elle mesmo confessa, que da idade do jogo de peaõ começára a servir no Paço. (*) Costumavaõ naquelle tempo os Reis de Portugal mandar doutrinar os moços fidalgos, (**) e os da Camara, de que se serviaõ, em toda a boa disciplina, e tinhaõ para isso mesmos tres no Paço, que lhes ensinavaõ as linguas, sciencias Mathematicas, letras humanas, dançar, jugar as armas, e outros virtuosos exercicios; e os Mestres tinhaõ certo dia no mez, em que ElRey sabia delles, quem bem exercitava estas Artes, ou quem se havia remisso, e negligente nellas. E era tão grande a benignidade daquelles Principes, que se lembravaõ de louvar a huns, e reprehender aos outros, com o que muitos se accendiaõ nos desejos de aprender. (***) Estes foraõ os claros estudos, em

(*) *Exclamação contra os abusos do tempo.*

(**) *Estudos de Joaõ de Barros.*

(***) *Prologo de Clarimundo.*

em que Joaõ de Barros cultivou seu engenho, como elle refere a ElRey D. Joaõ III. E quanto elles se pódem menos comparar na antiguidade, e fama das letras, com as celebres Universidades de Europa, tanto são de maior honra para Joaõ de Barros; pois elle sómente foi bastante para honrar aquellas Escólas, que o houveraõ de honrar a elle. Aqui aprendeo a lingua Latina, e Grega, e as sciencias Mathematicas, e letras humanas com grande perfeiçaõ. Entre os Poetas, se deo mais á liçaõ de Virgilio, e Lucano, e nos Historiadores, á de Salustio, e Livio, dos quaes imitou bem o juizo, e estilo levantado, que vemos em suas obras, como elle o dá a entender no Prologo do seu Clarimundo. (*) Com estas, e outras boas partes, se aventajou tanto a seus condiscipulos, que por ellas o deo ElRey D. Manoel ao Principe D. Joaõ por seu Moço da Guardaropa, quando lhe assignou casa: e indo cada vez crescendo mais em Joaõ de Barros a noticia das letras, levado do amor da patria, determinou de

(*) *Ub. sup.*

de occupar todo seu engenho em serviço della , escrevendo huma universal historia de Portugal. Porém como a grandeza desta obra era tamanha , que parecia temeridade cometella , sem primeiro experimentar suas forças , compoz hum livro de historia fabulosa , (*) a que deo titulo do Emperador Clarimundo , para provar o estillo ; como fazem os bons soldados , que antes da batalha se exercitaõ em pelejas , e escaramuças fingidas , para depois se acharem adestrados nas verdadeiras.

Era entãõ Joãõ de Barros de pouco mais de vinte annos de idade , (**) e como andava em serviço do Principe , que lhe occupava a mór parte do tempo , só nos espaços , que lhe restavaõ , publicamente , e como elle diz , na mesma Guardaropa do Paço , sem outro repouso , nem mais recolhimento , onde o juizo quieto pudesse escolher as cousas que a fantasia lhe representava , em oito mezes compoz esta historia , que para tal idade , e occupaçaõ se póde ter por grande cousa. Ainda que o Principe

D.

(*) *Composiçaõ de Clarimundo.*

(**) *Ub. sup.*

D. Joaõ (a quem elle communicou seu intento) o favorceo tanto , que elle mesmo lhe hia revendo , e emendando os quadernos que compunha : (*) este favor lhe fez publicar logo o livro : e estando ElRey D. Manoel na Cidade de Evora , no anno de mil e quinhentos e vinte , lho apresentou , dizendo-lhe , que a intençãõ com que o fizera fora para se empregar na historia de Portugal , e principalmente na Conquista do Oriente , por ser couza mais sua : ElRey lhe mandou ler alguns Capitulos , e fatisfazendo-se do estilo , lhe disse , que havia dias desejava mandar pôr em memoria as cousas da India , mas que nunca achara pessoa de quem as fiasse , que se elle se atrevesse a sahir com esta empresa , naõ seria seu trabalho ante elle perdido. Com esta confiança , que ElRey delle mostrou , começou logo Joaõ de Barros a aperceber-se para esta obra ; e estando , como elle diz , para abrir os alcerces de taõ grandioso edificio , succedeo a morte d'ElRey D. Manoel d'ahi a pouco mais de hum anno , que foi no

de

(*) *Dedac. 1. da Asia no principio.*

de mil e quinhentos e vinte e hum, em treze de Dezembro, com que ficou suspensa a empresa; porque entrando o Principe nas occupaçoens da administração do Reyno sobresteve por alguns annos, com que cessou de todo a pratica da historia Oriental.

Despachou ElRey D. Joaõ III. neste principio de seu governo alguns criados, que o tinhão servido sendo Principe, entre elles foi dos primeiros Joaõ de Barros, que havia pouco que cazára em Leiria, deo-lhe a Capitania da Mina, (*) a qual naquelle tempo ainda que rendia mais aos Reys, naõ era de tanto Proveito aos Capitaens, como depois foi.

Partio Joaõ de Barros para a Mina no anno de mil e quinhentos e vinte e dous, e desta sua viagem faz elle menção na Decad. 3. lib. 3. cap. 1. quando conta como indo hum dia navegando com prospero tempo, começou a estremecer subitamente o Navio, e acodindo todos a saber a causa, viraõ fóra da agoa hum grande bico de peixe, o qual
prezo

(*) *Viagem da Mina.*

prezo em hum anzol que o Piloto levava por popa para as Albecoras, barafustando para se soltar, fazia aquelle tremor na embarcaçaõ; o que vendo os marinheiros, com fiças, e harpoens trabalháraõ tanto até que o mataraõ, a alaraõ acima. Duvidaõ alguns se este peixe he o Remora, de que Plinio faz mençaõ no lib. 32. cap. 1. e no lib. 9. cap. 25. e parece que naõ póde ser, porque o Remora celebrado de Plinio he muito pequeno, e por tanto admira mais poder deter huma embarcaçaõ á véla, mas estoutro he taõ grande, que diz Joaõ de Barros, que vinte homens o naõ podiaõ arribar ao convés, e outro semelhante que encontrou a Náo de D. Joaõ de Barros Lima de que o mesmo Joaõ de Barros neste lugar faz mençaõ, e era ainda maior: pelo que claramente se vê ser outra especie de peixe muito differente, á qual os nossos mareantas do Oceano chamaõ Agulha.

Vindo da Mina lbe deo ElRey em Maio de 1525. o Officio de Thesoureiro da Casa da India, Mina, e Ceita, o qual servio até Dezembro de 1528. e depois de dar conta, continuou em Lisboa, até que os rebates do mal da peste

(que

(que no anno de 1530. começáraõ na
 quella Cidade) obrigaraõ a cada hum
 buscar os ares puros dos campos, e po-
 voar as quintas. Com esta occasiaõ se foi
 Joaõ de Barros para huma, que tinha
 junto a Pombal, chamada a da Ribeira
 de Alitem. (*) Alli lhe mandou pedir
 Duarte de Resende, parente seu, algu-
 ma obra sua, pelo bem que lhe pare-
 cera o seu Clarimundo quando o vira em
 Ternate, donde havia pouco que tinha
 vindo de Feitor: Joaõ de Barros por o
 comprazer acabou de compor hum Dia-
 logo moral, que antes tinha começado,
 ao qual destes dous nomes gregos, *Ropica*,
 e *Pneumaticos*, faz por opposiçaõ
 hum composto, de *Ropica neuuma*,
 a que em nossa lingua podemos cha-
 mar *Mercadoria espiritual*. Neste collo-
 quio, que quasi todo he metaforico, in-
 troduz por pessoas o Entendimento, e a
 Vontade, que saõ as principaes partes
 da Alma, as quaes deixando a razaõ
 sua superior se ajudáraõ com o Templo,
 e se fizeraõ mercadoras de espirituaes
 mercadorias que saõ os vicios, que estas
 duas

(*) *Prolog. e Dedicatoria da Ropica neuuma.*

duas potencias acceitaõ , e compraõ , quando defobedecem á razaõ , e por este modo mostra as vias por onde muitos officios , e cargos da Republica saõ administrados viciosamente , e as cautelas , e meios , que para isto tem achado o tempo , na figura do qual representa o appetite desenfreado , e solto de toda a lei , pondo os argumentos que o incitaõ a buscar os bens deleitaveis , e nos outros interlocutores lhe da as devidas respostas , e mostra os erros do tempo. Esta Obra imprimio depois em Lisboa em Maio de 1532. (*) dedicada ao mesmo Duarte de Resende , o qual por pagar a seu parente Joaõ de Barros este obsequio lhe dirigio tambem depois hum tratado , que compoz da navegaçaõ , que Fernaõ de Magalhães , e seus companheiros fizeraõ ás Ilhas de Maluco , (**) como quem tivera na maõ todos os papeis , e roteiros daquella jornada por entaõ estar servindo de Feitor da nossa fortaleza de Ternate. Mas tornando á *Ropica neuima* , ella foi naquelle tempo tida em tanta estima , que

o

(*) Decad. 3. lib. 5. cap. ultim.

(**) Decad. 3. lib. 5. cap. 10.

o eruditissimo Ludovico Vives se moveo por este respeito a dedicar a Joaõ de Barros outro tratado que fez da Oraçaõ mental no anno de 1535. intitulado: *Exercitationum anni Deum*, como se vê destas palavras da Dedicatoria, que anda com esta obra no segundo Tomo daquelle Autor. *Christophorus Mirandius meus declaravit nobilitatem tui generis, tum ingenium, eruditionem, & probitatem, quæ ego ex opusculo quodam tuo, vestrati lingua conscripto facile perspexi: non potui, non complecti, & suspicere dotes animi, exercitas inter negotia tam varia & magna &c.* Este Dialogo da Ropica neuma correo até o anno de 1581. o qual sahio no Cathalogo dos livros prohibidos neste Reino, de D. Jorge d' Almeida Arcebispo de Lisboa, e Inquisidor Mór, em que se vedou, naõ por conter condemnada doutrina, mas porque naõ tomassem delle alguns occasiaõ para usarem em seus officios das invenções viciosas que tinha achado o tempo; porque está taõ enferma nos costumes a natureza humana, que as mais das vezes convertem os homens em peçonha, os

mes-

mesmos meios , que lhes daõ para seu remedio.

Passada aquella contagiaõ, e outros trabalhos , que naquelle tempo succederãõ a este Reyno , de grandes inundaçoens de agoa , e tremores de terra , veio Joaõ de Barros a Lisboa , onde ElRey o provêo do Cargo de Feitor da Casa da India, e Mina, (*) de propriedade ; e segundo parece , foi este Provimto no anno de 1532. porque no de 1534. diz elle , que por razaõ do Officio mandára certas embaixadas a alguns Principes de Guiné, como se vê na primeira Decada lib. 3. cap. 12. Estes cargos (que agora estaõ repartidos por o Provedor da Casa da India , e outros Officiaes) eraõ naquelle tempo de grande cuidado , e importancia , assi pelo muito que entaõ rendia o commercio de Asia, e Africa, como por tudo pender da industria do mesmo Feitor que o administrava. E sendo estes Officios occasiaõ de grande acrescentamento de fazenda aos que os trataraõ , para Joaõ de Barros foraõ de muito pouco , porque ainda que lhe naõ faltava industria

(co-

(*) *Feitor da Casa da India.*

(como quem sabia tanto dos costumes do tempo) sempre a limitou dentro das balizas da consciencia.

Mas posto que esta grande occupaçaõ lhe fazia , como elle diz , acurvar a vida com seu pezo , (*) levando-lhe todos os dias com o despacho das armadas , e commercios , e outros negocios bastantes para affogar , e cativar todo liberal engenho ; todavia naõ deixou nunca a liçaõ dos livros : porque como este exercicio era nelle natural , foi sempre mais prompto em dar este fructo como proprio , que naõ o dos negocios como encomendado. E nem por isso se ha de entender , que faltou no cuidado que devia a seus cargos , antes foi nelles taõ pontual , que todas as mercês que dos Reys deste Reyno recebeo (depois de os aceitar) lhe foraõ feitas por respeito da satisfacaõ com que os servio : por onde parece que naõ estudava menos em huma occupaçaõ que na outra , tendo tambem esta administraçaõ publica por parte da boa Philosophia , como o entenderaõ grandes Varoens , e de si o dizia Plinio II. quando se queixava a seu ami-

(*) *Prolog. da 1. Decad.*

amigo Clemente, de outra occupaçaõ semelhante: (*) *Distingor officio, ut maximo* (diz elle) *sic molestissimo, sedeo pro tribunali, subnoto libellos, conficio tabulas, scribo plurimas, sed illiteratissimas literas; soleo non nunquam* (nam id ipsum quando contingit.) *de his occupationibus apud Euphratrem queri: ille me consolatur: affirmat etiam esse hanc Philosophiæ, & quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum &c.* Para acudir a ambas estas obrigaçõens partio o tempo, dando os dias aos negocios públicos, e as noites aos seus proprios, que eraõ os livros, como elle o diz em muitas partes de suas obras.

Neste tempo quiz ElRey D. Joaõ III. mandar povoar a Provincia de Santa Cruz, vulgarmente chamada Brasil, que Pedralvres Cabral levado da força dos ventos descobrio nas primeiras prayas do Mundo novo, indo para á Índia no anno de 1500. E para se apovoaçãõ fazer com maior facilidade, e menos despeza da fazenda Real, re-

N

par

(*) *Plin. Epist. lib. 1.*

partio ElRey aquella Provincia em varias Capitanías, na forma que os Reys primeiros fizeraõ povoar as Ilhas achadas no mar Oceano; mas naõ foi igual o successo, porque sendo cada Ilha humma pequena porçaõ de terra, onde naõ havia habitadores, que defendessem a entrada aos estrangeiros, foi facil cousa povoar cada Capitaõ a sua; ajudando-se principalmente da visinhança do Reino, e da prestança, que humas ás outras se faziaõ, por estarem perto, e quasi á vista. Porém no Brasil como cada Capitanía era de cincoenta leguas de costa, e habitada de gentes guerreiras, tendo o soccorro de Portugal duas mil legoas distante, e cada Capitanía taõ fraca, que naõ podia soccorrer a vesinha, vieraõ as mais destas povoações, que intentaraõ os Donatarios, a perecer de todo, e só quasi tiveraõ bom successo as que os Reis tomaraõ para si; porque como as fazendas neste Reino, pela estreiteza delle, sejaõ muito limitadas, naõ tiveraõ aquelles povoadores cabedal para se valerem do novo soccorro, se padeceraõ qualquer infortunio, principalmente nos principios. Joaõ de Barros

ros com tudo como era de nobre espirito, e desejofo de se empregar em coufas grandes, pedio a ElRey huma destas Capitanías, e elle lha concedeo de juro, e herdade, com os privilegios, e doaçõens das outras; mas alcançando bem as difficuldades da empresa, determinou dar parte della a Aires da Cunha, e a Fernão Alvrez d'Andrada Thefoureiro mór do Reyno (pai de Francisco d'Andrada Chronista mór) para, com este cabedal maior, poder reduzir a empreza a prospero fim. Fez-se por parte desta companhia a maior armada, que para aquellas partes até entãõ tinha ido, porque se aprestaraõ dez Navios, com nove centos homens, dos quaes eraõ mais de cento de cavallo; e com todo o necessario para a jornada, de mantimentos, muniçoens, e artilheria, se fizeraõ á véla no anno de 1539. indo por Capitaõ o mesmo Aires da Cunha, que levava com siigo dous filhos de Joaõ de Barros.

Era a Capitania que lhe coube em forte a do Maranhão parte septentrional do Brasil, e a mais enobrecida delc, em grandeza de rios, fertilidade de

plantas, abundancia de animaes, e fama de riquissimas minas. Foi este Rio descoberto por Vicente Annes Pinçon, no anno de 1499. pela Coroa de Castella, mas por estar na demarcação da conquista deste Reyno, deixáráõ depois os Castelhanos de o povoar. Chegado Aires da Cunha à barra do Maranhão, com a pouca pratica que inda os Pilotos tinhaõ d'elle, deo em huns baixos que tem á entrada, por espraiair alli o mar muito, em que se perdeo com toda a armada, sahindo só alguma gente em terra em huma Ilha, que está na boca do rio, onde se conservaraõ algum tempo, fazendo pazes com os Gentios Tapuias, que por aquellas praias habitavaõ: até que vendo que não podiaõ levar avante a povoação por falta de gente, e mais cousas necessarias, se tornáraõ para o Reyno. Deste modo ficou desamparado aquelle porto, e conquista até o anno de 1614. em que ElRey Dom Filippe II. de Portugal enviou Jeronymo de Albuquerque Coelho de Pernambuco, com huma armada para fundar huma nova Colonia, o que elle fez com muito cuidado, e com igual esforço des-

ba-

baratou hum bom numero de Francezes, que o assaltáraõ para o fazer deixar o sitio, querendo-se conservar sómente nelle, por huma fortaleza, que já tinhaõ na Ilha, a qual pouco tempo depois lhe tomou tambem Alexandre de Moura, com que os nossos ficáraõ de todo senhores daquelle porto, e a nova Colonia vai cada dia em maior crescimento por os socorros com que sua Magestade lhe tem mandado acudir. Donde se vê claramente, que semelhantes emprezas de conquistar, e povoar novas terras, naõ se podem reduzir a perfeito fim por homens particulares, especialmente neste Reyno, senaõ por Principes e Republicas.

Este taõ desgraçado successo deixou a João de Barros mui gastado de fazenda, perdendo taõ grande cabedal, como naquelle negocio tinha metido, sem nenhum fructo: mas foi tal seu animo, que compadecendo-se do infortunio de Aires da Cunha, e de outros, pagou ainda por elles o em que ficáraõ empenhados para esta preza, como o testifica Antonio Galvaõ, (*) dizendo:

Foy

(*) *Galvaõ nos descobrimentos do mundo an. 1531.*

Foi tambem a este rio do Maranhão hum fidalgo Portuguez que se chamava Aires da Cunha, levou dez Navios, novecentos Portuguezes, cento e trinta cavallos, fez grandes gastos, em que se perderão os que armaraõ, e o que mais perdeu nisto foi Joaõ de Barros Feitor da Caza da India, que por ser nobre, e de condiçaõ larga, pagou por Aires da Cunha, e outros que lá falleceraõ, com piedade das mulheres, e filhos, que lhes ficaraõ &c. Porém era tal seu animo, que parece que nenhum successo prospero, ou adverso, o tirava da applicaçãõ de seus estudos; porque pouco depois deste naufragio se offereceo de novo a ElRei D. Joaõ para escrever as cousas da India; aceitou-lhe ElRey o offerecimento, porque tendo encomendado este cuidado a Lourenço de Caceres Mestre do Infante Dom Luiz, no anno de 1531. era já fallecido sem ter dado principio a taõ grande obra. Começou Joaõ de Barros logo esta Historia, (*) e com tudo, antes de imprimir a primeira Decada a interrompeo antepondo a seu gosto a piedade christãa,

(*) Prologo da Decada 1.

tãa , e proveito publico , em cujo beneficio sahio com alguns opúsculos á luz, (*) e tambem para em idade mais madura tornar a provar o estilo. Dos tratados que entãõ publicou entre outros, foi huma Grammatica Portugeza , á qual lhe deo occasiaõ a conversãõ dos Malavares, ou Paravás da costa da Pefcaria , que succedeo pelos annos de 1538. donde vieraõ a este Reyno quatro dos principaes aprender a lingua Portugeza , para assi poderem ser melhor ensinados na Fé , e preceitos da Igreja ; os quaes Malavares mandou El-Rey recolher na Casa de S. Eloy de Lisboa com os Ethiopes nobres de Congo , que ahi estudavaõ , para assi todos serem melhor doutrinados. Esta obra imprimio no anno de 1539. dividida em dous tratados , no primeiro ensina a ler , e para com maior facilidade aprenderem os principiantes as letras , em cima de cada huma dellas poz huma figura , cujo nome se começa pela tal letra a modo de Arte memorativa , ficando o A. debaixo de huma Arvore , e o B , de huma Bésta , e assi as mais ;

(*) *Dialogo da viciosa vergonha.*

o que foi tambem achado , e proveito-
tolo , que ainda hoje se conserva ; e
porque a dedicou ao Principe Dom Fi-
lippe , filho d'ElRey D. Joaõ III. que
entaõ começava a ler , e elle aprendeo
por ella , sendo seu mestre Frei Joaõ
Soares , Bispo que depois foi de Ccim-
bra , anda esta Cartilha erradamente
com titulo do Bispo , sendo verdadeira-
mente de Joaõ de Barros , o qual ajun-
tou tambem nella em certos circulos to-
da a diversidade de syllabas , que a na-
tureza de nossa linguagem padece , e
depois acrescentou os preceitos da lei
de Deos , os Mandamentos da Igreja ,
e hum tratado da Missa com algumas
oraçoens , para que por ella se ensinaf-
sem os meninos a ler. No outro trata-
do escreveo os preceitos da Grammatica
Portugueza , e Ortografia , e foi o pri-
meiro Author , que reduzio nossa lingua
a Arte , e com muita brevidade. A'
Grammatica ajuntou hum Dialogo em
louvor da lingua Portugueza , em que
mostra a grande afinidade , que tem
com a Latina , e para prova disto traz
huns versos Portuguezes , e Latinos ,
que foraõ os primeiros deste genero.

Ou-

Outro Dialogo imprimio , a que intitulo da Viciosa vergonha , naõ sómente para evitar que naõ lessem os meninos por feitos de Tabellioens , que ordinariamente saõ de ruim letra , e sem nenhuma Ortografia , com que ficaõ escrevendo depois barbaramente ; mas por lhes tirar a occasiaõ de aprenderem por autos publicos de causas criminaes , e traças civís , de que ficaõ ensinados em vicios , em lugar de boa doutrina : e assi para estes tenros fugeitos compõz este Dialogo da Viciosa vergonha , em que lhes dá os avisos necessarios para aquella idade. E era tanta a diligencia que fazia para estar bem inteirado das cousas , que havia de tratar , que pedio ao Doutor Antonio Luiz , grande Medico , e Filosofo daquelle tempo , que lhe desse o que nesta materia da vergonha tocava á Filosofia natural , para com toda a perfeiçaõ , e certeza poder tratar de seus naturaes principios , ainda que o Tratado era moral. Porque os doutos quanto mais o saõ , tanto menos se satisfazem de si , entendendo o muito que ainda ha para saber ; que he o que disse o outro Filosofo : que só huma cou-

fa

sa sabia, que era não saber nada a respeito do muito que via lhe faltava. Por onde só os sabios duvidaõ, e tem por honra perguntar, e consultar suas coufas com quem lhes pôde dar acertado parecer: o que não alcançando os ignorantes, o julgaõ por coufa affrontosa, e assi ficaõ sempre no mesmo estado, sem procurarem de se melhorar. Fez o Doutor Antonio Luiz o que Joaõ de Barros lhe pedio, compondo hum tratado, que intitolou *De Pudore*, que lhe dedicou, e anda entre outras obras deste Author, que se imprimiraõ em Lisboa no anno de mil e quinhentos e trinta e nove. Porém Joaõ de Barros não se aproveitou deste tratado, porque he muito differente do da Viciosa vergonha, e Antonio Luiz pertendeo só nelle trazer todos os lugares que achou nos Authores, que tocassẽ á vergonha, como se vê destas palavras de sua dedicatória: *Prius itaque aliqua quæ Philosophi de pudore censerunt, apponemus, deinde vero ejus parentes, si quos invenire poterimus, reddemus, ultimo exempla &c.* Tambem nas obras de Plutarco anda hum discurso, que elle intitolou:

tulou: *De immodica verecundia*, no qual ainda que em parte leva o intento de Joaõ de Barros, segue outro caminho, como póde ver quem ler ambas as Obras.

Esta occupaçaõ (que em tal idade teráõ muitos por desigual á reputaçãõ de Joaõ de Barros) lhe fez tomar o zelo da honra de Deos, e o desejo de aproveitar a todos, sentindo-se por devedor naõ sómente aos doutos, mas aos barbaros, e assi aos grandes como aos pequenos: e esta julgou elle pela maior honra, que lhe podia vir, como o confessa nestas palavras, no Dialogo da lingua Portugueza: *Certo he, que naõ ha gloria, que se possa comparar a quando os meninos Ethiopes, Persianos, e Indios dáquém e dálém do Ganges em suas proprias terras na força de seus templos, e pagodes, onde nunca se ouviu o nome Romano, por esta nossa Arte aprenderem a nossa lingoagem, com que possaõ ser ensinados em os preceitos da nossa Fé, que nella vaõ escritos. &c.*

Outro semelhante zelo o fez intentar outra obra de naõ menor engenho, (*) e

(*) *Decada 2. lib. 4. cap.. 4.*

e foi, que vendo como os homens occupavaõ o mais do tempo jugando, inventou hum jogo de taboas, a que reduzio as Ethicas de Aristoteles, introduzindo nelle as virtudes, e vicios, por excesso, e por defeito: o qual jogo imprimio no anno de 1540. e o dedicou à Infanta Dona Maria, Princeza que depois foi de Castella, a qual o jugava com ElRey Dom Joaõ seu pai destramente, segundo elle affirma em varias partes; e teve intenção de pôr a Economica também em jogo de Cartas, e a Politica no Enxadres, por estes tres jogos serem os mais communs, e para nelles, ao menos, aprenderem os homens o nome das virtudes, e como se devem de haver no uso dellas, já que não ha modo para deixar de jugar; mas vendo os poucos que se afeiçoáraõ ao primeiro, deixou de salhir à luz com os outros.

Estas, e outras obras compôs Joaõ de Barros, pela maior parte em Dialogo, seguindo o estylo de Plataõ, que neste genero de escriptura nos deixou toda sua doutrina: e na verdade os Dialogos tem para isto muita conveniencia;

por-

porque como nestas materias se tocaõ opinioens diversas, he necessario haver perguntas, e repostas, para melhor se satisfazer ás duvidas; donde louva muito Guarino Veronense a Plataõ, por illustrar este estilo, dizendo *Omnia vero quæ gravius, accuratiusque disputanda fuerunt, in Dialogorum forma conscripta fuisse, & recte sane; ea enim, quæ hujusmodi colloquendi ratione tractantur, introductis pro dignitate personis, apertius disputantur, & vehementius imprimuntur &c.* Pela mesma razaõ usou tambem Tulio delles, como o diz no primeiro das suas Tusculanas; *Quo commodius disputationes nostræ explicentur, quasi agatur res, non quasi narretur.* Nestes Dialagos se introduz ordinariamente fallando com seu filho Antonio de Barros, ainda que tinha outro filho mais velho, o que parece fez, ou por o bom sujeito que neste achava, ou por aquella sua idade ser entaõ mais propria de aprender, e por isso lhe dedicou alguns tratados moraes, como tambem fizeraõ outros grandes Filozofos a seus filhos, particularmente Aristoteles, de quem lemos as

Ethi.)

Éticas que compôs ao seu Nicomato, e Tulio o livro dos Officios a seu filho Marco, com que os deixaraõ mais lembrados nas memorias dos homens, do que o puderaõ fazer com rendozas, e magnificas heranças.

Deo o Papa Paulo III. o Capello de Cardeal ao Infante D. Henrique Arcebispo de Evora, (*) na undecima creação que fez de Cardeaes em 16. de Dezembro de 1545. Mandou logo o Infante no anno seguinte de 1546. daras graças desta dignidade ao Summo Pontifice por Gaspar Barreiros Conego de Evora, discipulo, e sobrinho de João de Barros, filho de Maria, de Barros sua irmãa, e de Rui de Barreiros. Concorriaõ em Gaspar Barreiros muitas letras, e engenho, e porque naõ fizeffe o caminho infructuosamente, lhe encomendou (segundo o mesmo Gaspar Barreiros refere ao Cardeal na Dedicatoria da sua Corographia) que escrevesse particularmente todos os lugares por onde passasse, com tudo o que ácerca de suas fundaçoens, nomes antigos, e mudança delles pudesse saber por quanto espera-

va-

(*) *Corographia de Gaspar Barreiros.*

va de se aproveitar desta informaçã na
 sua Geographia, que havia annos tinha
 começada. Fez Gaspar Barreiros esta di-
 ligencia com tanta perfeiçã, que se
 pôde dizer por elle o que outros affir-
 máraõ de Cesar: que querendo dar ma-
 teria aos Escriptores nos seus Cõmenta-
 rios, lha tirara, porque da Corographia
 destes lugares, desde Badajóz até Milaõ
 compôs hum volume taõ erudito, que
 he tido de todos universalmente em gran-
 de estima, e assi podemos agradecer a
 Joaõ de Barros, o possuirmos hoje esta
 excellente obra, com a qual tomou oc-
 casiaõ Lopo de Barros, Conego tambem
 de Evora para imprimir outros opuscu-
 los de seu Irmaõ Gaspar Barreiros, que
 todos andaõ no mesmo volume da Coro-
 graphia impressos em Coimbra no anno
 de 1561. como foraõ os Cõmentarios
 de *Ophira regione*, e as censuras sobre
 os fragmentos suppositicios, que hoje
 correm com o nome de Beroso Caldeo,
 Maneton Egyptio, e Marco Portio Ca-
 taõ de *Originibus*, as quaes censuras por
 sua muita erudiçã andaõ traduzidas em
 Latim na Bibliotheca Hespana, por An-
 dré Scotto. Nestas, e outras obras me-
 receo

receo bem Gaspar Barreiros o nome de sobrinho , e discipulo de Joaõ de Barros , ainda que na ultima recebeu o maior louvor de todos , que foi deixar tudo por amor de Deos , e entrar na Religiaõ de S. Francisco , onde morreo com grande opiniaõ de Virtude.

O dezejo , que Joaõ de Barros tinha de aproveitar a todos , fez que pedindo-lhe no anno de 1549. Joaõ Ricio de Monte Policiano Arcebispo de Sypono (que naquelle tempo estava em Lisboa por Nuncio do Papa Paulo III.) algumas informaçoes das partes da India , lhas desse liberalmente , para mandar ao Cardeal Farnes , que lhas pedia á instancia de Paulo Jovio celebre Escriitor daquelle tempo , e com ellas lhe deu mais dous livros , hum de escritura dos Chinas , e outro dos Persas : naõ se havendo nesta materia com a escaceza que alguns costumãõ , procurando esconder o thesouro de semelhantes obras , para elles sòs com avarento animo as lograrem. Porém pagou-lhe mal este beneficio Paulo Jovio , porque escrevendo larguissimamente as cousas da Persia , e do Oriente , e allegando para isso as informaçoes

goens Portuguezas, nunca, nomêa a Joaõ de Barros, no que se houve affaz differente de Plinio, que no principio de sua natural historia, foi o primeiro que pôs o Cathalogo dos Autores donde a collegia, accrescentando aquella taõ louvavel sentença, que o fazia, porque era de animo nobre publicar os nomes daquelles, por quem nós melhoramos: *Ingenui est enim animi fateri per quos profeceris.* Porém com isto ser assi, ainda hoje tem mais imitadores o silencio de Jovio, que o agradecimento de Plinio.

No anno de 1552. imprimio Joaõ de Barros a sua primeira Decada da Asia, e foi tambem recebida de todos geralmente, que ainda que havia Chronista no Reyno, ElRey Dom Joaõ lhe encommendou logo a Chronica de ElRey D. Manoel seu pay (*) entendendo da perfeiçaõ, e gravidade de estilo com que escrevera esta Decada, que ninguem poderia compôr aquella Chronica com a devida eloquencia aos feitos que se nella tratavaõ, como Joaõ de Barros, o

()

qual

(*) Chronica delRey D. Manoel p. A. c. 37. e no Prolog.

qual aceitou a empresa , parecendo-lhe que para tal occupação lhe dessem o repouso necessario : mas como estes serviços muitas vezes pezem pouco diante dos Reis, não alcançou Joaõ de Barros a cômodidade que esperava ; e assi não se pode empregar de novo na composiçãõ desta Chronica , além da Historia da Asia , que já tinha entre mãos , cuja segunda Decada imprimio no anno seguinte de 1553. Por onde vindo a fallecer ElRey Dom Joaõ no de 1557. foi entregue Damiaõ de Goes do cuidado da Chronica delRey Dom Manoel , por ordem do Cardeal Infante Dom Henrique ; que então governava , e ainda que o mesmo Damiaõ de Goes affirme no cap. 37. da 4. parte da mesma Chronica , que nella não trabalhou Joaõ de Barros cousa alguma ; com tudo , não poderá negar , que nas Decadas da sua Asia , que já naquelle tempo tinha impressas , achou larga , e ordenadamente escrita toda a historia da India , que a ElRey Dom Manoel pertencia. De maneira , que aos escritos do mesmo Joaõ de Barros podemos attribuir grande parte da sua Chronica. No mesmo anno de 1553. em que

imprimio a segunda Decada tornou a imprimir segunda vez o seu Clarimundo, o qual depois no de 1601. se tornou a estampar terceira vez: e sendo este livro fabuloso, e o primeiro parto de sua idade juvenil, teve melhor fortuna nas impressoens, que as outras obras, e Decadas do mesmo Autor: donde se vê como o gosto do vulgo não se governa pela razão, senão por appetite, e que o bom de ordinario contenta aos menos.

A terceira Decada imprimio no anno de 1563. e com esta tirou á luz tres Decadas da Asia, obra tão perfeita, e louvada de todos, que se tem por huma das melhores, que naquelle genero de escriptura se compuserão. He a historia (segundo de Tullio em outra parte temos mostrado) o sugeito mais capaz da Oratoria que nenhum outro, porque nella se usa do genero Demonstrativo, contando varios feitos, condenando os vicios, e louvando as virtudes; e do Deliberativo, introduzindo oraçoens, conselhos, e discursos, e muitas vezes do Judicial, o qual raramente se aparta do Deliberativo. Em todos estes generos he esta historia de Joaõ de Barros

admiravel, porque além do sujeito que trata ser nobilissimo, pela variedade, grandeza, e novidade dos casos admiraveis, guardou com summa inteireza todas as leys da historia, assi as effencias que se nella requerem; que são verdade, clareza, e juizo, como as outras partes, a que chamaõ integrantes.

Consta a verdade da Historia assi da certa noticia, que o historiador tem do que ha de dizer, como do verdadeiro animo do mesmo historiador em naõ callar o bem, ou mal, que fizeraõ aquelles, de quem trata. Para escrever com noticia verdadeira teve Joaõ de Barros as mais certas Relações, que para tal materia se podiaõ alcançar; porque havendo de tratar de tres cousas que eraõ os Feitos dos Portuguezes, a Noticia dos Reys, e Nações do Oriente, e a verdadeira situação Geografica daquellas Provincias: Para o que tocava a historia Portugueza lhe foraõ entregues todos os papeis, assi dos Regimentos Reaes, como das Relações, e cartas dos Vice-Reys, devassas, diligencias, mais cousas, que àquella materia pertenciaõ, como se vê na Decada

1. liv. 3. cap. 13. quando trata das cousas de Guiné, e na Decada 2. liv. 8. c. 1. e na Decada 4. liv. 10. cap. 21. onde diz, que só de papeis do Governador Nuno da Cunha lhe foraõ entregues duas arcas: Para a noticia dos Reys do Oriente, e seus póvos, naõ se contentou com menor diligencia, que mandar buscar as Chronicas daquelles mesmos Reynos, escritas em suas proprias lingoas, como consta da 1. Decada liv. 8. cap. 6. (*) em que refere a Genealogia dos Reys de Quilóa tirada da sua mesma Chronica, e no liv. 9. cap. 3. diz, que conta as cousas dos Malavares tiradas de hum livro da sua Religiaõ, e historia: houve outra Chronica dos Reis de Ormuz, e outras dos Reis de Gusarate, Bisnagá, e Decaõ; e para dar noticia dos Arabes, e Persas, (***) mandou vir o seu Tarigh, que he hum summario de todos os Reis, que foraõ da Persia, (***) até que os Arabios com sua feita a subjugarãõ, e dos feitos que os seus Califaz fizeram na conquista das partes do Oriente.

(*) Decada 2. liv. 2. cap. 1. (**) E liv. 2. c. 9.
 (***) Decada 1. liv. 1. c. 1. Decada 2. liv. 4. c. 4.
 E liv. 10. c. 5.

te, os quaes llyros lhe foraõ interpreta-
dos, como elle refere allegando-os em
muitas partes, cousa que naquelle tem-
po era facil, por terem os Reis deste
Reino muitos homens assallariados pra-
ticos nas principaes linguas do Oriente
para lhe servirem deste mister. Pelo que
com pouca razaõ affirma Pero Teixeira
(*) nas suas Relaçoens da Persia (ti-
radas da Historia do Tarigh) que o nos-
so Joaõ de Barros por falta de interpre-
te nos naõ deo mais noticia delle, que
do nome, sendo assi que das cousas da
Persia trata larguissimamente, allegando
este livro de que as tirou: e de sua in-
terpretaçaõ faz particular mençaõ na 2.
Decada liv. 2. cap. 2. e no liv. 4. cap. 4.
onde acrescenta, que até da vida do
Gran Tamorlaõ, que tambem alcançou
escrita naquella lingua; tinha feito tra-
duzir a maior parte. Pelo que parece
que naõ faltaria na traduçaõ do Tarigh,
que tanto lhe importava, quem fazia
occupar o interprete em outra obra,
que quasi lhe era desnecessaria.

Para a graduaçaõ das Provincias se
valeo dos nossos mesmos pilotos Portu-
gue-

(*) Teixeira no Prologo das Relaçoens.

guezes, (*) que navegando todos aquellos mares com o Astrolabio, e fonda na maõ, fizeraõ reprovar as mais das opinioens dos Gregos, e Romanos, que fallaraõ das cousas do Oriente com muito pouca noticia; cheas estaõ as Decadas (***) destas emendas, e correccõens feitas a Ptolomeo; Arriano, e aos mais Geografos antigos, que da India trataraõ. (***) E para poder descrever as Provincias mediterraneas, mandou vir os livros, que de sua Geografia se poderaõ haver, como foi hum da Geografia da China, com todas suas Regioens em taboas, e para o Interpretar comprou hum Chim douto em suas letras, que lhe servio deste officio. E na Decad. 2. liv. 5. cap. 1. allega outro livro da Geografia da Persia. Pelo que com razaõ lhe deraõ muitos Authores taõ grande lugar entre os famosos Cosmografos do mundo.

Pois o animo verdadeiro, com que tratou dos homens, vemos bem claro nestas Decadas, onde com summa liberdade reprova os vicios, e louva as virtudes.

(*) *Noticia da Geografia.* (**) *Dec. 3. liv. 2. c. 1.* (***) *Decad. 3. lib. 2 cap. 1.*

tudes, que alguns Capitaens tiveraõ, dando a cada hum o seu; e assi o protesta elle na 1. Decad. liv. 3. cap. 12. dizendo: *Pois a Deos aprouve que naõ por officio, mas por inclinaçaõ, naõ por premio, mas de graça, e mais offerecido que convidado, tomasse o cuidado de escrever as cousas, que passaraõ neste descobrimento, e conquista do Oriente, naõ permitirá, que eu perca algum premio, se o deste trabalho posso ter, trocando, ou negando os meritos de cada hum &c.* E se alguem lhe notar, que deixou de escrever algumas particularidades, que houve por vezes entre os nossos mesmos Capitaens, a isso responde elle, que nestas suas Decadas mais trabalhou por referir o essencial da historia, que naõ em ampliar miudezas, descobrindo vicios alheios, de que muitos naõ sabiaõ parte, com que sem beneficio publico se infamaõ as almas dos defuntos, naõ servindo tais exemplos senaõ de accrescentar odios entre seus descendentes, e de ser mais licença de vicios, que abstinencia delles, o que em toda a boa historia se deve com muito cuidado evitar.

A clareza da narrativa he affás evidente, por fallar com palavras muito proprias, e naturaes, e com tudo se vê nelle tanta magestade, que causa admiração poder ajuntar com tanta gravidade, tanta clareza; porque nas disposições he taõ facil, que muitas vezes parece mais poeta, que historico, posto que nesta parte a historia. e poesia sejaõ muito conformes. Vejaõ-se nesta materia as descripções das tromentas, das batalhas, das baterias, as vistas, e embai-xadas, onde àlém de escrever tudo como se o visse diante dos olhos, move notavelmente os affectos de admiração, e alegria: e as descripções das Provincias, Ilhas, Cidades, e portos, declara com taes palavras, que escusou pór ta-boas Geograficas: porque comparando cada cousa destas a algum final conhecido (segundo as regras da Arte Memorativa) faz comprehender dos leitores a figura, ou cousa, de que trata, com summa distincão.

O Juizo consta naõ só em observar as leys integrantes da Historia, mas na boa ordem, e disposiçãõ della, e no julgar o que se errou, ou acertou nas ac-ções

çoens publicas, e particulares de que trata. As leys da Historia integrantes seguio propondo no principio a materia que tratava, introduzindo hum excellente exordio da origem das guerras entre os Mouros, e Portuguezes: no que tem faltado muitos modernos, que começaõ suas historias como se escreveraõ huma carta; naõ se pejando de professarem compor em huma Arte, sem aprenderem primeiro os preceitos, e regras della.

A ordem da Historia foi convenientissima, seguindo os annos; e os governos, e dividindo-a por Decadas; divisaõ tambem achada, que a ella se tinhaõ já reduzido os livros de Tito Livio, e depois seguiraõ nella a Joaõ de Barros os que escreveraõ as Historias das Indias Orientaes, e Occidentaes, como o vemos em Diogo do Couto, e Antonio de Herrera. As digressões saõ poucas, e essas necessarias, e taõ cheas de exemplos, e casos raros, que de muitos delles se aproveitou Joaõ Botero nos seus Apothemas. As mais perfeiçoens desta Historia pode julgar quem a ler, e verá nella muitos discursos, conselhos, e casos diversos, que sempre
resol-

resolve, e refere o Autor com acertado parecer, e assi aqui se achão as sentenças, os prognosticos, e excellentes elogios: onde, como diz Tullio, se vê: *hominum ipsorum tum gesta, tum mores, et ingenium*. E desta parte judicial tirou Dom Fernando Alvia de Castro huns Aphorismos politicos com tanta erudição, e exemplos, que se podem comparar aos melhores de Tacito, e fazem muita ventagem a outros que neste genero de escritura se compuserão. Finalmente pelas excellencias desta obra he tido Joaõ de Barros universalmente por hum dos mais insignes Historiadores do mundo, e celebrado de muitos e graves Authores com titulos honorificos, dos quaes Frei Vicente Justiniano, (*) e o Padre Maphau lhe chamaõ *Grave Escriitor*. (**) Joaõ de Pineda, *Preclaro*, o Author das Viagens do Mundo, (***) *Diligentissimo*, Fr. Simaõ Coelho, *Muito douto, e elegante*. Pero de Magalhaens, Pero de Mariz, Diogo do Couto, e o

Chro-

(*) *Fr. Vicente vida de S. Luiz Beltraõ.*

(**) *Mapb. l. 1.* (***) *Pineda de Reb. Salom. l. 4. c. 11. Viagens do Mundo p. 1. in fine. Chronic. do Carmo l. 2. c. 6. Possiv. Sect. 6. fol. 199.*

Chronista mór Joaõ Bautista Lavanha, *Es-criptor famoso*. Porém outros naõ contentes só com estes illustres epitetos se alargaraõ a maiores encomios, como se vê nestas palavras do Padre Antonio Possivino, que na sua Bibliotheca Selecta tratando dos Historiadores diz delle: *Joanes de Barros Lusitanus in Asia ab se descripta, qui egregium se scriptorem hac nostra etate prestitit &c.* O Padre Fr. Antonio de S. Romaõ (1) lhe chama Tito Livio Portuguez dizendo: *Juam de Barros unico Tito Livio de aquellos Reynos, cuyas, Decadas, aunque se traduxeron en Italiano, se ban consumido de manera, que no se allan, aun entre sus mismos naturales, deviendo perpetuar se cosa tan memorable en tablas de bronze &c.* E Dom Fernando Alvia de Castro (**) o compara a Homero, a quem os antigos tiveraõ por Pay da historia, dizendo: *Juan de Barros excellente historiador Portuguez lo escribe con tanta perfeccion, que si el mismo Alexandro le alcançara no embidia-*

(*) Fr. Antonio de S. Romaõ prologo da Historia geral da India. (**) D. Fernando Alvia na dedicatoria dos Aphorismos.

bidiana a Achilles por Homero &c. E Affonso de Ulhoa na Dedicatoria da traducão Italiana ao Duque de Mantua afirma ser esta historia huma das melhores, que se compuseraõ no mundo: E una delle rare, e pretiose cose che in questo soggetto fin hoggidi sieno state vedute &c.

Esta estimaçaõ dos doutos approvaraõ tambem os Principes do mundo, porque em Veneza se mandou pôr sua imagem entre os Varoens famoços: (*) e o Papa Pio IV. a fez collocar nos Paços do Vaticano junto com a de Ptolomeu: e ElRey D. Filippe II. de Portugal só por conservar a memoria de tal historiador, e por participar o mundo de suas obras, mandou imprimir á custa de sua Real Fazenda a quarta Decada da Asia, que Joaõ de Barros tinha deixado ainda imperfeita, sem embargo de estarem já aquellas mesmas historias escritas neste Reyno, e impressas por Fernaõ de Castanheda, Diogo do Couto, e Francisco d'Andrada. A estes dous testemunhos dos Principes, e doutos,

po-

(*) Magalhaens no Dialogo da lingua Portugueza. Petronio Cronica do Carmo ubi supr.

podemos accrescentar a commua opiniaõ de toda a Europa, onde foraõ taõ buscadas, estas Decadas, que chega a affirmar Diogo do Couto, (*) que na India naõ ha mais de humas, e em Portugal pouco mais de dez, tanto se levaraõ pelos estrangeiros, e com taõ excessivos preços, que quasi naõ he crivelo que nisto passa: e fazendo-se huma traduçaõ dellas em lingua Italiana por Afonso de Ulhoa, se gastaraõ de maneira, que nem em Italiano, nem em Portuguez se achaõ de venda em parte alguma, como já o vimos na autoridade referida do Padre Fr. Antonio de S. Romaõ, e o affirma D. Fernando Alvia de Castro (**), elegantemente nestas palavras: *Viendo que cara a cara no podia calumniar sus Decadas, por haver guardado com igualdad, y primor, las tres partes necessarias a una buena historia, verdad, claridad, y discurso, como rabiosa, traidora, de mala casta, parece dispuso para dissimulacion de su gloria, se ayan acabado tantas, que ay*

(*) Couto no Prologo da Decada 4.

(**) D. Fernando Alvia no prologo dos Aphorismos.

mui pocas, y quasi ninguna de venta, aun a mucho, precio, que qualquiera mereciera, mejor que el grande, que se dio por el pinzel de Apelles, cujas figuras, aun que de suma perfeccion, eran al fin muertas, y Barros con su pluma dexa vivos en la fama, y celebrados perpetuamente los gallardos Portuguezes, que murieron vitoriosos de varios, admirables, y felices succesos &c. De maneira que quem alcança hoje hum livro destes, o tem em preço de huma joia de grande valor.

Porém quanto mais são estimadas as obras com que sahio á luz, tanto maior pena nos podem causar as que deixou começadas; e intentadas, que sem duvida seriaõ de grande ornamento para este Reyno; mas pois não pudémos lá lograr a excellencia destes volumes, apontarei aqui, ao menos, a traça, e desposição delles, para ainda assi serem de porveito (como já foraõ) aos curiosos. Que se são tidos dos Architectos em muito preço os livros de pinturas, e desenhos de edificios imaginados, com quanta mais razão se devem estimar os pensamentos de Joaõ de Barros, que

que trataõ de outras fabricas , tanto mais nobres quanto as obras manuaes cedem as do entendimento ?

Da historia deste Reyno alèm da sua Asia , prometeo compor Joaõ de Barros tres partes intituladas , *Europa* , *Africa* , e *Santa Cruz* : na Europa determinava tratar da Milicia dos Portuguezes , começando do tempo que os Romanos conquistaraõ Hespanha , na qual guerra os Lusitanos alcançaraõ ácerca delles grande nome por feitos illustres , (*) e dahi discorrendo por os tempos té o Conde Dom Henrique , e seu filho Dom Affonso , e seus successores. Desta promessa se desobrigou no Prologo da quarta Decada , pela contradiçaõ que achou em alguns emulos , dizendo , que o mesmo direito o favorecia para naõ cumprir o prometido , pois lhe naõ fora aceitado. Ao que tambem se ajuntou o pouco descanso , e tempo que teve para se occupar em taõ grande escriptura : porèm com este seu intento deu motivo a que esta historia se compuzesse depois pelo Padre Fr. Bernardo de Brito nas duas partes da Monarquia Lusitana , que prin-

(*) *Decad. 1. liv. 1. cap. 1.*

principalmente contém as guerras dos Romanos em Lusitania com o mais que nella succedeo até a ultima doação que se fez de Portugal ao Conde D. Henrique, como elle o dá a entender na dedicatória da sua primeira parte: e assi mesmo foi tambem occasião para o Licenciado Duarte Nunez de Leão por mandado delRey D. Philippe I. reformar algumas cousas que andavaõ escritas nas Chronicas de Portugal, como o mesmo Author (*) confessa na censura da Chronica d'ElRey D. Affonso Henriques, seguindo a opiniaõ, que Joaõ de Barros teve em favor da fama deste valerosissimo Principe, e da Rainha Dona Tareja sua mãy, onde diz, que se Joaõ de Barros escrevera os livros de sua Europa, fora elcensada nesta materia toda a outra diligencia, e trabalho. A mesma occasião deu Joaõ de Barros a Damiaõ de Goes para escrever na Chronica do Principe D. Joaõ hum largo discurso em favor da honestidade da Rainha Dona Joanna de Castella mulher d'ElRey D. Henrique IV. como se vê do Prologo da terceira Decada contra Antonio de Nebrixa, cuja

P

mal

(*) Decad. 3. liv. 1. c. 4.

mal fundada opiniaõ condenou depois Damiaõ de Goes com taes palavras, que o Condestabel de Castella Joaõ de Valasco exclama invocando-o a elle contra o Padre Joaõ de Mariana, por falar com a inurbanidade de Grammatico nas pessoas dos Principes indecentemente, e contra o decóro da perfeita Historia.

A outra parte da milicia de Portugal, que Joaõ de Barros juntamente prometteo chamava, Africa, cujo principio começava na tomada de Ceita. Este livro, ainda que o allega muitas vezes nas suas Decadas, naõ o compôs, e deixou de o fazer pelas mesmas razoens que dissemos da Europa: porém, se bem considerarmos, naõ he pouco benemerito aos trabalhos, que os Portuguezes passaraõ no descobrimento desta parte do mundo, pois os primeiros tres livros da sua primeira Decada naõ trataõ de outra cousa; além do que depois escreve no processo da mesma historia tocante a Africa, como saõ os successos de Quilóa, Mombaça, Sofalla, e Ethiopia sobre o Egypto, a que vulgarmente chamamos Reino do Preste Joaõ.

A ultima parte da milicia Portu-
gue-

gueza intitidou *Santa Cruz* (que he a Provincia que agora dizemos Brasil) e lhe dava principio no descobrimento de Pedralvres Cabral, desta se naõ acha nada escrito ; que naõ he pequena falta para este Reino, porque tendo hoje esta Provincia crescido notavelmente em riqueza, e policia, com muitas povoaçoens populosas, e nobres, está quasi totalmente falta de Historia, defendendo nella os Portuguezes aquelles pórtos, e costas maritimas contra poderosos Piratas, que juntos com os barbaros Gentios, obrigaraõ os nossos a militar mais, que a cultivar a terra por muitos annos : estando naquelle tempo os pórtos abertos, sem Fortalezas, ou Castellos, que prohibissem estas entradas, em que houve casos mui dignos de memoria, e sendo as cousas naturaes da terra mui notaveis, e estranhas a nós, por quam maravilhosa se mostrou nellas a natureza, he mais para sentir a falta que nesta parte nos faz a Historia de Joaõ de Barros.

Em materias moraes, além das obras que imprimio, e de que já fallamos, faz elle mençaõ do Tratado de

Causas, ou Problemas moraes, e o allega no Dialogo da Viciosa vergonha fallando com seu filho Antonio de Barros, para que o compunha, pelo discurso dos tempos, onde lhe diz estas palavras: *As causas do teu tratado não são naturaes, mas moraes, ou por fallar verdade, são de homens temporaes, que em humas mesmas obras deraõ diversos frutos por diferentes causas, donde nasceo o titulo ao teu tratado.* Esta obra me affirmaraõ algumas pessoas graves, que viraõ de todo acabada, e que o original estava em Viseu em poder de hum sobrinho do mesmo Author.

No prologo da quarta Decada allega tambem outro tratado, que intitula das Abusoens do tempo, e diz que lhe dá este titulo, por ser em defençaõ de suas occupaçoens, a que os amigos, e parentes davaõ nome de Abusoens, e diz que nelle particularmente escreve das abusoens, de que o tachavaõ, e das que vio usar ao mesmo tempo, e que nelle se verá a razãõ porque imitou antes a doutrina de Tales, que a mercancia do seu azeite. Este tratado compôs em trovas pequenas de oito syllabas, a que
cha-

chamaõ, *Redondilhas*, e o dedicou a Joaõ Rodrigues de Sá de Menezes, com quem tinha particular amizade: o titulo d'elle he *Exclamação contra os vicios*: são mais de 460. coplas, e a primeira começa:

Em aquella eternamente

Alta luz inacessivel, &c.

Repartio-o em tres partes, a que reduzio todos os actos da Filosofia, e parece o escreveu no anno de 1561. segundo de tudo me advertio o Licenciado Francisco Galvaõ de Mendanha, que o leo, e me communicou esta, e outras muitas particularidades de suas obras.

Das obras Mathematicas deixou imperfeita a sua Geografia Universal, (*) a qual hia compondo em lingua Latina de todo o descoberto, assi em graduacão de taboas, como em commentarios sobre ellas, applicando o moderno ao antigo, como o declara no primeiro capitulo de sua primeira Decada, e no liv. 4. da mesma cap. 2. diz, que nos primeiros livros da sua Geografia escreve do Astrolabio, e adiante no capitulo sexto allega o capitulo dos instrumentos da nave-

(*) *Decada 1. lib. 1. cap. 1.*

vegação, por onde parece que primeiro dava os preceitos da Arte, e depois descrevia as Provincias: os commentarios tambem deviaõ ser muito eruditos, pois tratavaõ das fundaçoens das Cidades, da Religiaõ, e costumes das gentes, e outras cousas raras, como se vê de muitos lugares das suas Decadas, em que deixa semelhantes noticias para a sua Geografia. Esta obra parece dividia em quatro partes, segundo se collige da segunda Decada liv. 8. cap. 2. em que diz, que faz huma quarta parte da sua Geografia, em que trata particularmente de todas as Ilhas do mundo: o qual conceito seguiu depois Joaõ Botero, como se vê nas suas Relaçoens Univerfaes. Naõ ficou esta Geografia de todo acabada, ainda que fez grande parte della, e quando ultimamente deixou o intento de compôr a Europa, e Africa, foi para se dedicar todo a esta empresa, segundo parece do Prologo da quarta Decada. Porém como depois de seu fallecimento correrãõ seus papeis por tantas mãos, he pouco o que chegou a poder de Joaõ Bautista Lavanka Chronista mór deste Reino, a quem ElRey D Filippe II.

de

de Portugal os mandou entregar. Mas ainda que não compôs a Geografia inteiramente, affaz deixou escrito nas suas Decadas das Regioens de Africa, e Asia, de maneira que he hoje a melhor cousa que ha nesta materia: e assi as descripçoens Geograficas da sua primeira Decada, como cousa rara, andaõ traduzidas em Italiano no fim do primeiro volume das Viagens do Mundo. Tambem na sua quarta Decada sairaõ algumas taboas daquellas Provincias da Asia com largas relaçoens della, no que puseraõ os nossos maior cuidado, por ser materia de intelligencia, que em pintar figuras de homens, e mulheres, como fizeram os Olandezes enchendo grandes volumes destas impertinentes pinturas, e na materia da Geografia, que era o essencial, não deraõ noticia alguma de novo, que fosse de consideração; como que importava mais para o bem do mundo ver pintados os furtos que se fizeraõ em Goa, que a Geografia da mesma Provincia. Mas como não haja conselheiro mais cego que o odio, este fez escurecer huma obra taõ insigne, como são os livros das suas navegaçoens Orientaes,

taes, com estas, e outras semelhantes relações, e pinturas: pois sendo taõ geral em todas as Republicas succederem casos facinorosos, e algumas empresas menos prosperas, a paixãõ, e inimidade que contra nós tem, lhes cegou o entendimento de maneira, que estes acontecimentos particulares nos imputaõ por crimes de toda a naçaõ, mal lembrados daquelle excellente dito de Menon Capitãõ de Dario, o qual ouvindo a hum seu soldado praguejar de Alexandre, lhe respondeo: *Calate que te não dou soldo para dizeses mal de Alexandre, senãõ para pelejares contra elle.*

Outra obra tinha tambem intentado Joaõ de Barros, que intitulava, *Sphera da instrução das cousas*, o qual livro allega na parte da Mecanica, que diz ser toda de Architectura, como se vê na segunda Decada lib. 1. cap. 3. que tambem não sahio á luz.

Além da historia militar da Asia prometteo Joaõ de Barros, pelo que tocava ao commercio, escrever hum livro de todas as cousas naturaes, e artificiaes, que da India (*) se traziaõ a estas partes,

(*) Dec. 1. c. 1. l. 6. c. 4. l. 8. c. 6. Dec. 2. l. 2. c. 3.

tes, declarando a qualidade, e natureza de cada huma dellas, com os pesos, medidas, e preços communs das cousas; para que o commercio que, como elle diz, andava por todas as gentes sem lei, nem regras de prudencia, e sómente se governava pelo impeto da cobiça que cada hum tinha, o reduzisse a Arte, com regras universaes; e particulares; como as tem todas as sciencias, e Artes activas para se exercitarem bem, e politicamente. Segundo isto continha esta obra dous argumentos, hum era a historia natural do Oriente das plantas, e animaes daquellas Provincias, e outro das obras artificiaes, e cousas pertencentes á commutaçaõ, e commercio: de ambas estas materias deviaõ de ficar fragmentos que não sairaõ á luz. Mas em lugar de Joaõ de Barros escreveo das drogas do Oriente em vulgar o nosso Doutor Garcia d'Orta com grande louvor, cujos livros saõ mui estimados, e andaõ traduzidos em lingua Latina por Carolo Clusio, impresso em Anvers no anno de mil e quinhentos setenta e tres, e despois outro discipulo do mesmo Garcia d'Orta chamado Christovaõ da Costa,

ta, natural de huma das nossas Colonias de Africa, seguiu esta empresa mais largamente, no tratado que compôs em lingua Castelhana, das drogas, e medicinas do Oriente, com os retratos das mesmas plantas, o qual no seu Tratado do Elefante diz, que tambem tinha escrito outro livro de todas as Aves, e outros animaes da Asia: (*) pelo que com pouca rezaõ dizem de nõs alguns estrangeiros que passamos á India só com cobiça de suas riquezas, e naõ com curiosidade de manifestar ao mundo as maravilhas que nella tem obrado a natureza. O outro Tratado das cousas artificiaes dá a entender Joaõ de Barros que o deixou quasi acabado, posto que se naõ publicou, e os Olandezes aproveitando-se deste conceito, trataraõ esta materia em muitos lugares de seus livros das navegações Orientaes: de maneira, que ainda que Joaõ de Barros naõ acabou esta, e outras obras; com tudo foi causa de termos hoje muitas dellas, ou dando o conceito, ou ainda insinuando a ordem, e materia. E podemos ter por sem duvida, que todas estas empre-

(*) *Lagun. sobre Dioscorid.*

fas acabàra se tivera livre o tempo , que o Cargo lhe roubava , como o diz largamente o Padre Mestre Fr. Simaõ Coelho Carmelita em hum discurso que faz sobre Joaõ de Barros, lamentando-se ainda em vida do mesmo Author , de lhe não darem os Principes o descanso necessario a seus estudos , o qual conclue com estas palavras : *Este mal, como natural enfermidade , tem soterrado este Varaõ digno de o porem com muita honra , e descanso em lugar que com mais facilidade pudesse avivar com sua penna a fama de sua Patria , como atéqui o fez com muito trabalho.* (*) Não devemos com tudo de nos espantar de faltar a semelhantes engenhos este repouso , pois he taõ grande a escaceza com que o mundo galardoa , que em todas as Republicas ha muitos Ministros com poder de castigar , e hum só o tem , para dar o premio.

Porém levando o Officio a Joaõ de Barros os dias inteiros , só lhe ficava parte das noites para poder compor , e assi não lómente devemos ter em muito , que hum homem dividido em taõ varios negoci-

(*) Chron. do Carm. ubi sup.

gocios se applicasse tanto ás letras , mas ainda que pudesse acabar com perfeição tantas obras no pouco espaço que lhe restava das noites. Pelo que com razão se admirão d'isto Ludovico Vives no lugar já referido , (*) e o Doutor Antonio Luiz , que fallando com o nosso Author diz assi: *Quavis tum Regnum, tum Reipublicæ negotia tuis humeris incumbant; tot tamen legisti, & scripsisti naturali quadam mentis adintus acie, ut legentibus occasionem inquirendi tribuas, quando homini tam occupato, & tantis curis restricto ast hæc tam concinna, tam docta scribere vacavit &c.* Daqui podemos julgar, que se os antigos celebráram tanto as Lucernas de Cleantes , e Aristofanes , que ficáram em adagio ácerca dos Gregos , e Latinos , com resultarem só deste estudo algumas poesias tragicas; com quanta mais razão devem ser estimadas as vigias do nosso João de Barros , pois dellas nasceraõ , naõ sonhadas fabulas , mas historias verdadeiras , e gravissimas , e tantas outras obras mathematicas , e moraes , as quaes podem além d'isso servir de exemplo aos estu-

(*) Na dedic. do opusculo de Pudore.

estudiosos para não defanimar no meio de grandes occupaçoens, entendendo que lhe não faltará tempo para si, e para seus estudos, pois não faltou a Plinio, (*) e a Joaõ de Barros entre tantos negocios publicos se o souberaõ a proveitar, como estes Varoens fizeraõ, por ser certa aquella sentença de Seneca, que o tempo não falta se o não perdemos: *Nan exiguum temporis habemus*, diz elle, (*) *sed multum perdimus, satis longa vita, e in maximarum rerum consumationem large data est, si tota bene collocaretur, sed ubi per luxum ac negligentiam defluit, ubi nulli rei bonæ impenditur, ultima demum necessitate cogente, quam ire non intelleximus, transisse sentimus*: De maneira, que não somos pobres de tempo, senaõ prodigos d'elle.

Destes fragmentos, e obras posthumas de Joaõ de Barros mandou ElRei D. Felippe I. de Portugal (como protector que sempre se mostrou das boas artes) recolher no anno de 1591. as que se puderaõ achar em poder de Dona Luiza

za

(*) Plinio Epist. liv. 3.

(**) Seneca, de Brevit. vit. cap. 1.

za Soares, Nora de Joaõ de Barros, que ficara viuva de Jeronimo de Barros seu filho mais velho, e só pelos quader-nos da quarta Decada, e Geografia, lhe mandou dar quinhentos mil reis, e desejando que saísem á luz mandou en-tregar estes papeis a Dom Fernando de Castro Pereira Fidalgo de grandes par-tes, e muito douto nas letras humanas, o qual por fallecer dahi a pouco, tem-po, os não pôde aperfeiçoar. Por sua morte ordenou ElRei, que se recolhes-sem estes originaes em Saõ Roque, com tenção de fazer vir o Padre Christovaõ Clavio da Companhia de Jesus para dar fim ao livro da Geografia, o que não teve effeito pelas occupaçoens em que estava em Roma das suas Composiçoens. Daqui mandou entregar a quarta Deca-da a Duarte Nunes de Leão, pela opi-niaõ que delle tinha em materia de his-toria, e a outros homens doutos, que por diversos impedimentos não puderaõ tirar estas obras á luz: o que sentindo ElRei, e querendo que ao menos se con-servasse a ordem, e estilo desta historia, mandou a Diogo do Couto que se seguis-se a da India do ponto em que Joaõ de Bar-

Barros deixara a terceira Decada, o que elle fez com diligencia, e acabou ainda em vida do mesmo Rei a quarta no anno de 1597. como se vê da dedicatoria da mesma. Porém succedendo depois El-Rei Dom Felippe II. e querendo fazer mercê á memoria de Joaõ de Barros, e a todo este Reino, ordenou, que estes fragmentos da sua quarta Decada se entregasse a Joaõ Bautista Lavanha, quasi cincoenta annos depois de compostos, os quaes elle com muito trabalho, e diligencia reformou, e os illustrou com annotaçoes, e taboas Geograficas, de modo que ficou esta quarta Decada hum dos melhores livros, que hoje temos em nosso vulgar.

Estas foraõ as obras de Joaõ de Barros, o qual no fim do anno de 1567. achando-se cansado dos trabalhos, e Cargos, que tinha, e de algumas enfermidades, que já por a idade o molestavaõ, desejou de se tirar de negocios, para que dedicado todo a seus estudos vivesse só para si; e posto que tinha filhos em idade sufficiente para quem pudera pedir o Officio, naõ o fez assi, antes livremente o renunciou nas maõs del-Rei,

Rei, querendo mais deixar seus filhos menos ricos, e fóra de occasioens, em que podiaõ enlaçar a consciencia, que, por ficarem com mais rendas, mete-los nestes perigos. Aceitou-lhe ElRei D. Sebastiaõ a cessaõ do Cargo, e por este respeito lhe fez algumas mercês, de que as principaes foraõ, dar-lhe mil cruzados de tença em vida, e licença para poder mandar trazer da India tanto em drogas, e mercadorias, que lhe ficassem no Reino quatro mil cruzados de ganho liquidos; e libertando-o de todos os direitos, e fretes: filhou-o por Fidalgo com dous mil reis de moradia, e que por sua morte ficassem cincoenta mil reis de tença a sua mulher Maria de Almeida, e cento cincoenta mil reis a seu filho Jerõnymo de Barros, até o provêr de huma Commenda de mór quantia, e para casamento de huma de suas filhas lhes deo a Capitania de duas Náos de viagem da India, o que tudo depois se cumprio.

Concluidos estes despachos em Janeiro de 1568. foi-se Joaõ de Barros para a sua quinta da Ribeira de Alitem junto a Pombal para possuir aquelle ocio
da

da velhice, pelo qual suspiração tanto os homens, que só o cuidar, e fallar nelle tem por descanso, como de si confessava o Emperador Augusto, quando escrevendo ao Senado lho dizia: (1) *Me tamen cupido temporis optatissimi mihi provexit, ut quanquam rerum latitia moratur, adhuc perciperem aliquid voluptatis ex verborum dulcedine.* Para este repouso desculpaõ os homens todos os tratos, trabalhos, e perigos da vida, e com tudo saõ rarissimos os que o alcançaõ, por grandes, e poderosos que sejaõ, padecendo os mais delles o naufragio da morte, antes de tomar este porto; ou em chegando a elle.

*Que a vida já gastada em buscar vida;
Falta para a lograr quando se alcança.*

Como bem disse hum Poeta nosso: de maneira, que acabaõ a vida quando cuidaõ que começaõ a viver. He porém esta vida solitaria do campo mui propria dos velhos, e sabios, segundo Tullio, que por este respeito tem esta idade por melhor afortunada: e tanto a estimou o famoso Similo de Diaõ Cassio, que só os annos que a possuio, confes-

Q

lou

(*) Senec. de Brevit. vit. cap. 8.

fou em feu epitafio , que vivera.

Durou este repouso a Joaõ de Barros perto de tres annos , nos quaes parece que tratou mais comfigo , que com os livros ; porque levando a quarta Decada acabada de Lisboa (segundo se vê da sua Apologia , que mostra ser feita servindo ainda o Officio) nem a imprimio neste espaço , nem deo fim á sua Geografia , e ainda que as indisposiçoes daquella idade (que já segundo a Escritura hia entrando nos annos de trabalho , e dôr) pôdem ser desculpa deste silencio , affaz a tem tambem se tomou este tempo para si mesmo , pois tantos annos tinha vivido para os outros : e nelle se aparelhou para a ultima jornada , para se não achar naquella hora desapercebido , a qual lhe sobreveio neste terceiro anno a 20. de Outubro de 1570. e foi enterrado em huma Hermida da invocação de Santo Antonio , que está além do rio Arunca , no termo de Leiria. Ao tempo que falleceo devia de ser de 70. annos , e mais : o que se vê claro , porque ElRei Dom Manoel lhe encomendou a historia da India no anno de 1520 em que ao menos devia ser de 20. até

até 25 annos , pois ElRei o julgava já por pessoa de quem se podia fiar tal empresa , e accrescentando mais os cincoenta , que vaõ até o de 1570. fazem mais de 70. e por estas conjecturas se pôde ter por certo o anno do nascimento , que lhe dei ao principio desta Relação.

Era Joaõ de Barros (segundo me referio o Padre Joaõ Alvares , Assistente , e Provincial que foi da Companhia de Jesus deste Reino , que o vio , e tratou em Lisboa no anno de 1563. e se vê do seu retrato) homem de veneravel presença , alvo de côr , olhos espertos , e nariz aquilino , barba comprida , e toda branca , magro , e naõ grande do corpo , na pratica ainda que grave , era aprasiavel , e de grande conversação. Foi Varão de vida exemplar , e mui pio , como se vê bem de suas obras , que pôdem ser nisto exemplo a outros Escritores modernos ; os quaes compõem seus livros com tal esquecimento das cousas divinas , que lidos elles , naõ se pôde determinar , se he o Author Christaõ , se Gentio , como já se disse de Joviano Pontano , e de outros. Esta piedade lhe fez procurar por tantas vias o melhoramento dos costumes

mes de seus naturaes, compondo tantas obras, como foraõ as de Espiritual mercancia, Viciosa vergonha, Exclamações contra os vicios, Jogo das virtudes, e ainda os Tratados da Grammatica; de maneira que tomou o Officio de Prégador com naõ pequeno fruto para todos os tempos, e idades; o que sendo nelle tanto de louvar deo occasiaõ á aquelles que naõ querem ver seus vicios reprehendidos, para o notarem de atrevido, de maneira que lhe foi necessario responder no Dialogo da Viciosa vergonha a seu filho Antonio de Barros entre outras estas palavras: *Naõ fez Deos differença de genero de idade, ou de algum estado, que desobrigue de aprender, e ensinar os preceitos da lei, a todos em comum está encomendado. Naõ te pareça, que este cuidado se encarregou só a Doutores graduados em Pariz, a graça do Bautismo habilitou a todos: muitos offerecêraõ no Templo grandes offertas, e sòmente louvou Christo a megalha da pobre Viuva, porque deo de coração toda sua possibilidade. Todos corremos em aprazer ao Senhor, e quem zelar sua lei merecerá ser aspirado para o ministerio*

terio della , e dado que eu não seja dos escolhidos para o ministerio do ensinar , sou dos chamados para obsequio da lei , e se me por isso reprehendem , bemaventurados aquelles que padecem perseguição pela justiça , mas não mereço tanto ante Deos , que veja esta bemaventurança.

A inteireza , e verdade com que procedeo , sem ser vencido do interesse , podemos ter por milagrosa , pois a Sagrada Escriitura lhe dá este titulo , quando diz , que o homem que despreza o ouro , faz milagres em sua vida. O como nesta materia se houve Joaõ de Barros , consta da abonação dos mesmos Reis , a quem servio , os quaes em todas as provisoens das mercês , que lhe fizeram , dizem sempre , que lhas fazem pela satisfação com que servio o Officio de Feitor da Casa da India , e Mina , como o já referimos. He tambem affaz bom testemunho disto , o pouco que deixou a seus herdeiros , havendo outros , que com o mesmo Officio os encherão de heranças ; e assim desculpando-se elle com seu filho Antonio de Barros no Dialogo da Viciosa vergonha , diz que o
que-

queria deixar bem herdado em virtuosos costumes, e em outras praticas de sciencias, por ser herança composta de suas proprias achegas; e logo segue dizendo: *Trabalharei por te não envergonhar com edificios, que tem a magestade, e opiniaõ da Torre de Babylonia, os quaes depois de compostos, vem a confusãõ eterna, que os devida em tantas linguas, quantas foraõ as achegas de que se fundaraõ: e daqui vem quantas heranças vemos sem proprias herdeiros; porque como se ajuntaraõ de estranhas fazendas, estranhos as herdaõ. Cre-me, que nunca a quem perdeo o proprio; e por isso me ficaõ deste meu trabalho duas esperanças, huma que nunca por elle serás citado, pois são noites minhas veladas, e a outra, que tempo virá em que serei julgado por homem zeloso do bem da patria.* Neste lugar vai discursando sobre os excessos, que os pais comettem por deixarem os filhos ricos leja donde for, ganhando com isso muitas vezes para si proprios condenaçaõ eterna, e deixando os filhos não herdados de bons costumes, mas ázados para lançarem maõ de todos os vicios, e para per-

perderem tanto da honra de seus avós, quanto ganharaõ outros, que naõ herda- raõ esta ilca de erros. Tambem no Pro- logo da Quarta Decada se torna a des- culpar com os seus desta continua quei- xa, que delle tinha, dizendo: *Se no mesmo Officio naõ temos tanto ser, co- mo elles dizem, que viveraõ aquelles, a quem nós succedemos, naõ será, porque elle tivesse nelles mais do que tem em nós, mas porque elles tiveraõ delle mais do que nós tivemos. E a causa fique para outro lugar, porque aqui naõ soffre o tempo ser manifesta &c.* Esta rara inteiri- ceza moveo aos Reis a lhe fazerem por vezes algumas mercês, entre as quaes El- Rei Dom Joaõ III. no anno de 1550. lhe deo licença para em quanto vivesse po- der mandar vir por sua conta da India tantas mercadorias, que tirasse dellas fôr- ros cada anno no Reino quinhentos cru- zados. E ElRei Dom Sebastiaõ lhe per- do-ou as dividas em que lhe estava de certa artilheria, armas, e munições, do tempo da viagem do Maranhão, que importariaõ mais de seiscentos mil reis. E no anno de 1563. lhe fez mercê de algumas mercadorias, que estavaõ na Ca-
la

sa da India, e outras cousas de valor de seiscentos e cincoenta mil réis. Depois de seu fallecimento pelo mesmo respeito fez mercê a sua mulher da quantia de quinhentos mil réis. E ElRei D. Felippe I. deo cem mil réis de tença a Jeronymo de Barros seu filho, com licença de testar de trinta mil réis delles, em quem lhe pareceffe. Mas se por cumprir Joaõ de Barros com sua obrigaçaõ, não deixou grandes heranças a seus descendentes, nem por isso se devem elles ter por menos afortunados; porque se os pais ajuntãõ estas riquezas para que fiquem seus filhos mais honrados na Republica, não podiaõ os de Joaõ de Barros possuir morgados, por mais rendosos que fossem, que tanto os honrassem, como terem tal pai, o qual por suas illustres obras he taõ insigne no mundo, que lhe pôdem ter inveja muitos poderosos, e Principes delle; pois he certo, que hum engenho raro, e eminente, honra não sómente huma familia, Cidade, e Provincia inteira; mas ainda a idade, e seculo em que nasceo fiea illustrado com produzir hum Varaõ taõ excellente.

Teve felice memoria, á qual ajudou
mui-

muito com a artificial. Foi de grande conselho, prudencia, verdade, e credito com todos; e por estas, e outras boas partes era buscado, e amado de muitos: posto que lhe não faltaraõ alguns emulos (de quem se elle queixa na sua Apologia da Quarta Decada) que he final manifesto de virtude; porque os máos naturalmente aborrecem os bons, por serem contrarios a seus costumes. Foi casado com Maria de Almeida, irmãa, de Lopo de Almeida, morador em Leiria, e filha de Diogo de Almeida de Pombal, da qual teve dez filhos, que foraõ, Jeronymo de Barros; Antonio de Barros, e Joaõ de Barros, que lhe ElRei Dom Joaõ filhou por moços fidalgos: Lopo de Barros, a quem tambem filhou ElRei Dom Sebastiaõ no mesmo foro. Das filhas, huma foi Dona Maria de Almeida, de que faz mençaõ no Dialogo do Jogo das virtudes moraes, e a outra Dona Isabel de Almeida, que casou com Lopo de Barros, e Dona Catharina de Barros, mulher de Christovaõ de Mello, filho de Diogo de Mello da Silva, Veador da Rainha Dona Catharina; de ambas estas filhas ha hoje descen-

endencia. Das outras duas, não chegaram os nomes á minha noticia. Dos filhos, o mais velho, Jeronimo de Barros, casou com Dona Luiza Soares, e morreu sem ter geração; dos outros, João de Barros morreu na batalha de Alcacere. A' India foraõ Diogo de Barros, a quem mataraõ os Mouros, e Lopo de Barros, que foi Capitaõ de Baçaim, e casou lá com Dona Mecia de Sequeira, de quem teve a Dona Catharina de Barros, mulher de Pero Peixoto da Silva.

Esteve o corpo de João de Barros naquella Hermida de Santo Antonio até o anno de 1601. Em que o Bispo Cappellaõ mór D. Jorge de Ataíde, Comendatario perpetuo do Mosteiro de Alcobaça, lhe fez trasladar os ossos para a Capella mór da Igreja Parochial da mesma Villa de Alcobaça, que elle mandou acabar, onde lhe queria fazer huma sumptuosa sepultura. Procedeo este piedoso cuidado ao Bispo, de saber que fora João de Barros seu padrinho de pia, porque o Conde da Castanheira o tomou por compadre no tempo de sua mór valia, antepoendo as virtudes, e partes que ha-

havia nelle, aos titulos, e honras, que outros em semelhantes actos pertendem. Naõ pôde todavia o Bispo Capellaõ mór acabar esta obra com aquella grandeza, e perfeiçaõ, com que fez outras muitas neste Reino, porque lho atalhou a morte. Porém se nesta sepultura faltaõ a Joaõ de Barros os tumulos de marmore, Pyramides e outros ornamentos funeraes, com que os poderosos do mundo procuraõ dilatar sua lembrança, tem logo com seus escritos, e virtudes levantado na memoria dos homens maiores, e mais duraveis Mausoléos, que os que em Asia fizeraõ, huma das maravilhas do mundo.

IN IMAGINEM JOANNIS BARROS.

ELOGIUM.

JOANNES Barros hic est, scriptor
 Asiæ, sed non Asiaticus: qui res
 Indicas in ultimo Occidui Oceani
 litore, toto pene divisus orbe, in annales
 contulit: provincias, litora, promonto-
 rio, insulas, portus delineavit: mores,
 & ingenia gentium descripsit, ea fide,
 atque diligentia, ac si manibus negotia
 contrectasset, pedibus terras percurrisset:
 tanta vero luce, ac venustate, ut scriptor,
 an pictor prorsus dubites. Adeo legentem
 capit, non tam sermonis lenocinio, quam
 placido, & occulto quodam, si fas est di-
 cere, veneficio. Unde videtur gentile cog-
 nomen, *Barros*, non casu sed Vaticinio ade-
 ptus, e arum futurus provinciarum historio-
 graphus, quæ *Barris*, id est elephantis,
 sunt frequentissimæ: ea ingenii felicitate
 atque excellentia scripturus, inter omnes
 tam veteres, quam recentiores (nullum ex-
 cipimus) orbis scriptores, qua Barros cæte-
 ris

ris animantibus vastitate corporis, & solertia quadam mentis natura prætulit. Sed primam ætatem varia fortuna exercuit. Studiis liberalibus, simulque Principis Joannis, cui famulabatur, obsequiis deditus, inflorentissima, juxta & moratissima Regis Emmanuelis aula, animum bonis artibus sanctisque moribus excoluit. Et cum vix otium esset, fabulam pene puer succisivis horis contexuit vernaculo sermone, quæ typis sæpius mandata, Clarimundo fuit nominis, præfagiumque atque commendatio ad eam gloriam, quam postea ex Indica descriptione comparavit. Inde in præmium aulici meriti donatus à Rege, nobilis emporii præfectura in Africam navigavit Minam vocant. Pars est Occidentalis Æthiopiæ, illustrium virorum, vel regimine, vel sepulcris vertente tempore nobilitata. Auriferax regio, Mercurio vix unquam operantem, Minervæ semper, scientiis, quam pecunia opulentio remisit. His fidei obsidibus, Ærario primum Regio ab Joanne III. mox Indiæ Basilicæ procurandis Orientis mercibus præficitur: quo in honore egregium veri laboris, & temperantiæ præstitit exemplum. Nam cum unti incumberent universa negotiationis munia, quæ postea ob magnitudinem, & difficultatem in plures distribu-

tā sunt ministros : solus ipse omnia obire ,
 solus assiduitate, & consilio omnibus suffice-
 re : & quod maius est, unde multi agro sibi
 & prædia singuli paraverunt, palatia ædifi-
 caverunt : ille in summa copia inops, in a-
 bundantia Tantalus, nullo corrumpi avari-
 tiæ contagio satis amplum se liberis suis pa-
 trimonium nominis, & memoriæ relicturum
 ratus. Quin interim, ut fortunas omnes suas
 Patriæ impenderet, longinquā, & gravissimi
 sumptus expeditionem in Bratiliam suscepit,
 quam Maranione flumine alluitur. Classē
 comparavit, melite, equitatu, machinis, &
 omni bellico apparatu instruxit: in super me-
 liori sui parte, hoc est duobus filiis tyroci-
 nium ibi ponere iussis ornatam amicis com-
 misit: quæ fæliciter delata in fluminis ostiam
 mox allisis ad ignota vada navibus, pene
 omnis miserē periit. Sed mirum dicto, quo
 animo adversitatem tulerit, edoctus à Philo-
 sophia, quam facile Fortunæ bona esfluant, &
 naufragorum sublevavit inopiam, & amico-
 rum æs alienum de suo solvit. Nec tamen à
 studiis unquā feriabatur, diem regio negotio
 noctē suo, nempe scribēdo impertiēs. Ingra-
 vescente ætate modico prædio, quod amabat,
 ad Palumbatiam oppidum se condidit, pau-
 cisque quos sibi soli viveret sumptis diebus,
 obiit

obiit septugenarius XIII Kalend. Novembris anno 1571 Sacello D. Antonii ad Aruncam fluvium in agro Leyriensi humatus, eandem moriens in eligendo sepulcro modestiam servavit, quam in cæteris vitæ actionibus. Suos tamen vera virtus semper invenit patronos. Post. 39. annum vir gravissimus, Georgius Ataydius Visiensis Episcopus, amici Paterni ac dese non minus, quam de patre benemeriti, quippe qui ejus se ductu, & auspicio, undis sacris fuisse lustratum noverat, ossa in primarium Alcobaccæ templum transferri, digne collocari, marmore, & elogio ornari curavit. Ejus hæc sententia. Joanni Barros, cujus scriptorum majestate nom minus Lusitaniæ Regibus blandita est Fortuna, quam per fractis, Indici Oceani clauëtris, & subactõ Oriente, ne humili solo inter suos delitesceret mortuus, qui exteris nationibus notissimus in omnium ore atque, sermone meritò virtutis, & studiorum laude vivit, Georgius Visiensis Episcopus, duorum Philipporum, primi, & secundi, maior Capellanus, amico paterno, ac suo optimè merenti libens posuit anno 1610.

VIDA DE
DIOGO DO COUTO,
CHRONISTA DO ESTADO DA
India, e Guarda mór da Torre do
Tombo della.

TEM tanta força as obras dos homens doutos, para fazer estimar seus Authores em toda a parte, que não sómente ganhaõ com particular affeição as vontades dos que os vem, mas ainda levaõ a pôs si os desejos dos ausentes para pertenderem sua communicação. Estes me fizeraõ procurar com cartas desde este Reyno a amisade de Diogo do Couto na India, e agora me obrigaõ a que ponha em lembrança a noticia, que alcancei de suas cousas, assi por cumprir em parte neste officio com o que lhe devo, como por entender, que com isso faço huma obra agradavel a todo este Reyno, de que pelo muito, que trabalhou no serviço publico, com razão he tido por merecedor de outras avantejadas memorias.

Foi Diogo do Couto filho de Gas-

R

par

par do Couto , e de Isabel Serrá de Calvos , pessoas nobres , e ella foi filha de Valco Serrão de Calvos , por cuja via ficava Diogo do Couto , segundo primo daquelle insigne prégador , e grande Religioso o Padre Luiz Alvarez da Companhia de Jesus. Nasceo Diogo do Couto em Lisboa no anno de 1542. estando seu pay Gaspar do Couto em serviço do Infante Dom Luis, aquem o dera El-Rey D. Manoel. Por esta razão entrou Diogo do Couto, como teve idade, no serviço do Infante, o qual o mandou estudar em Lisboa, e de onze annos começou a ouvir grammatica entre os primeiros estudantes do collegio de Santo Antão da Cidade, que foi o primeiro collegio que a Religiaõ da Companhia teve em toda Europa. Seu mestre na lingua latina foi o padre Manoel Alvarez celebre humanista , e Author da Arte da grammatica , que hoje se lê em todas as Universidades, e estudos , que a Companhia tem a seu cargo. A Rhetorica ouvio do Padre Cypriano Soares que compôs a Rhetorica, porque se ensina esta Arte nas escholas da Companhia. E se he verdadeira aquella sentença ,

ça, que: O primeiro fervor, e motivo da sabedoria, he a excellencia dos mestres, com razão se podem ter em muito as obras de Diogo do Couto, pois além de serem nascidas de seu grande engenho foi elle cultivado por taõ celebres, e doutos varões daquelle tempo.

Acabados os Estudos da humanidade parou Diogo do Couto na continuacão das escholas, porque ainda entaõ se não liaõ em Lisboa, mais que as letras humanas. e assi ficou continuando no serviço do Infante, o qual mandando algum tempo depois o Senhor Dom Antonio seu filho, ao mosteiro de Bemfica para ouvir a Filosofia do Santo varão Fr. Bertolameu dos Martyres, que depois foi Arcebispo de Braga, vendo a boa, e natural habilidade, que já em Diogo do Couto se descobria, lho deu por condiscipulo. Aprendeo Diogo do Couto deste insigne mestre, não sómente as Artes liberaes, em que elle foi eruditissimo, mas juntamente as virtudes, que nelle mais resplandeciaõ, como bem o mostrou depois na temperança, modestia, e piedade, que em toda sua vida guardou, assi no estado de soldado, como

no de cidadão, sem lhe as delicias da India poderem fazer mudança nos costumes em taõ largos annos, como teve de vida.

Falleceo o Infante ao tempo, que Diogo do Couto acabava a Philosophia, e pouco dipois desta perda, recebeu a segunda com a morte de seu pay, e assi cortandose-lhe o curso de suas esperanças, foi constringido a mudar de estado, e deixando as letras, seguiu as armas, a que seu animo naõ pouco o inclinava. E como já naquelle tempo naõ havia outra conquista, senaõ a do Oriente, por quanto ElRey D. Joaõ III. tinha largado os lugares de Africa, sustentando sòmente aquelles que podiaõ servir de roteiro de Hespanha, determinou passar à India, como o fazia entaõ a mór parte da Nobreza de Portugal, por nesta empreza terem muitos em breve tempo ganhado honra, e proveito, o que sempre assi acontecera, se os que depois vieraõ, quiserãõ continuar no valor, e virtudes dos primeiros, que àquellas partes passaraõ, e naõ seguirãõ os vicios da sensualidade, e avareza, com que corromperaõ aquelle taõ bom prodecimento antigo.

Em-

Embarcou-se Diogo do Couto no anno de 1556. militou na India oito annos, achando-se nos mais dos feitos affinalados de seu tempo, mostrando com particular valor, que as letras não impedem antes favorecem as armas, como de raõ a entender antigamente os Gregos na imagem de Apollo, a quem pintavaõ armado de arco, e setas, e o veneravaõ juntamente por Deos das sciencias. Cumpridos dez annos de milicia continúa, tornou ao Reyno, a requerer o premio de seus trabalhos, e ainda, que chegou a Lisboa, quando com maior força ardia o mal de peste, que vulgarmente se chama, grande, foi brevemente, e bem despachado, com este despacho se partio logo para a India, onde se casou na Cidade de Goa com Luiza de Mello, pessoa nobre, cujo irmaõ foi o Padre Fr. Deodato da Trindade, da Religiaõ de S. Agostinho, que depois cá no Reyno, lhe assistio à impressaõ das suas Decadas.

Tanto que o estado de Cidadãõ pacifico, e livre das occupaões da guerra, lhe deu lugar para se lograr do ocio, tornou a renovar no a nimo os antigos es-

estudos das letras humanas, e assi por estas, como por sua cortezia, e boa condiçaõ se fez mui conhecido na India, e amado de todas os doutos, nobres, e curiosos, e atè dos Principes pagãos da quellas partes.

Foi Diogo do Couto mui douto nas mathematicas, e particularmente na geographia, soube bem alingoa latina, e Italiana, nas quais compoz alguns poemas, e assi na nossa vulgar, em que teve particular graça, tudo obras Liricas, e pastoris, de que deixou hum grando tomo de elegias, eglogas, canções, fonetos, e glosas. Teve particular amisade com o nosso excellente Poeta Luis de Camões, oqual o consultou muitas vezes, e tomou seu parecer em alguns lugares dos seus Lusíadas, e a seu rogo commentou Diogo do Couto este seu heroico poema, chegando com os commentarios até o quinto Canto, oqual naõ acabou detodo por outros impedimentos, que lhe occorreraõ. Porém nem por isso deixaõ de ser muito estimados estes seus fragmentos, e em poder de D. Fernando de Castro Conego de Evora está o volume original delles, que foi de seu tio D. Fernando de

de Castro Pereira , aquem Diogo do Couto o enviou , por ser particular amigo seu.

Sucedendo ElRey Dom Felippe I. na Coroa destes Reynos , como era Principe taõ prudente , e que sempre trazia nos olhos o bem cõmum de seus vassallos , desejou de mandar profeguir a historia da India , do tempo , em que a deixou o nosso Joaõ de Barros , e que se continuassem as suas Decadas com o mesmo titulo , e estillo , pelo grande aplauso , com que as tres primeiras foraõ recebidas em toda Europa. Para tam grande empresa foi nomeado a ElRey Diogo do Couto , ainda que estava morador em Goa , abrangendo tam longe a fama de suas partes. Encarregou-o ElRey desta obra com titulo de Chronista da India , aqual Diogo do Couto aceitou animosamente , e a trouxe a taõ perfeito fim , como depois se vio.

A primeira cousa em que pôs a maõ , foi a decima Decada , por começar do dia , em que o mesmo Rey foi jurado , e recebido naquelle estado , e assi lho mandar sua Magestade , mais , segundo parece , por pagar primeiro a divida em
que

que estava aos vassallos que o serviraõ naquellas partes , que pelo gosto que Tullio confessava ter ao historiador Lucio , de ver suas proprias acções escriptas em historia , ainda em vida sua.

Por esta razaõ acabou a decima Decada concludindo-a com o governo de Manoel de Sousa. Estimou ElRey muito esta obra , e a agradeceo a Diogo do Couto por carta sua, encomendando-lhe de novo, que tornando atras com a historia continuasse as Decadas do tempo , em que Joaõ de Barros as deixara. Obedeceo Diogo do Couto , e com grande brevidade compôs a quarta Decada , e assi a quinta , sexta , e setima , undecima , e duodecima.

A oitava , e nona , a cabou no anno de 1614. no qual , querendo-as mandar ao Reyno , enfermou taõ gravemente , que esteve desconfiado da vida. Com esta occasiaõ lhe desapareceraõ estes dous volumes de casa , tomando-os alguem para se depois aproveitar dos trabalhos alhêos. Mas foi Deos servido de dar saude , e forças a Diogo do Couto (que já neste tempo era de setenta e dous annos) para das lembranças , que lhe ficàraõ , e da
me

memoria , que atinha felicissima , ajuntar outra vez o que naquellas duas Decadas tratava ; de que fez hum só volume , recopilando nelle as cousas de mór importancia , e relatando as maiores mais largamente , com que remediou este furto , de maneira , que quando alguma hora apparecerem , assi pela ordem , como pela materia , publicarão claramente seu Author.

Destas Decadas estaõ sómente atégora impressas , a quarta , quinta , sexta , setima porém à sexta succedeo hum grande desastre , foi que estando a impressãõ acabada em casa do impressor , se acendeo o fogo nas casas , e arderaõ todos os volumes , escapando sómente seis delles , que a caso estavaõ já em o Convento de S. Agostinho de Lisboa. As mais Decadas não fairaõ ainda á luz , e quando falleceo Diogo do Couto , ficaraõ empoder do Padre Fr. Deodato da Trindade seu cunhado.

O estillo que nestas Decadas guardou Diogo do Couto , he muito claro , e chaõ , mas chèo de sentenças , e com que julga as acções de cada hum , e mostra as cousas dos successos adversos , e prosperos ,
que

que naquellas partes tiveraõ os Portuguezes. Porém ainda que nesta parte pôde ser com outros comparado na verdade do que escreve, que he a alma da historia no que trata dos Principes do Oriente, nos costumes daquelles povos, e remotas provincias, na situaçaõ da sua verdadeira Geografia, levou a muitos conhecida ventagem: como se pôde claramente ver das suas Decadas, nas quaes se mostraõ os erros que nestas materias tiveraõ, os que antes d'elle escreveraõ as cousas do Oriente. Para esta noticia além da grande applicaçãõ, com que se deu ao estudo dos Geografos antigos, e modernos, lhe valeo a assistencia, que teve naquellas partes por mais de cincoenta annos, nos quaes vio por razãõ da milicia, e commercio, muitos daquelles Reynos, e depois sendo cidadão d'Goa, cabeça daquelle Estado pôde bem alcançar a verdade dos successos que tefere, pois naquella Cidade assistem todos os Visoreys, e della faem todas as Armadas, e a ellas se tornaõ a recolher, de maneira, que recebeo as informações dos mesmos que se achãraõ nas empresas, e a tempo, que as testemunhas de vista, que

que na mesma Cidade havia , os obrigaraõ a fallar verdade. A esta razaõ se lhe acrescentou outra , que foi a do officio de Guardamór da Torre do Tombo do Estado da India , o qual cargo lhe deu ElRey D. Felippe I. quando mandou ordenar este arquivo pelo Visorey Mathias de Alburquerque , no qual se recolheraõ todos os contratos de pazes , provisões , registos de Chancellaria , e os mais papeis de importancia , que costumavaõ andar em poder do Secretario , e de outras pessoas da quelle Estado , com que lhe ficou huma noticia original de tudo o tocante aquella historia , donde com razaõ podemos ter esta por naõ menos verdadeira , que a de Polibio , e Salustio , aquem este desejo levou de Grecia a Italia , e de Italia a Numidia , para verem os sitios das Provincias , de que aviaõ de escrever , e alcançar as informaçoens dos feitos , de que tratavaõ , dos quaes (por serem passados muitos annos antes) de força lhe faltaria a noticia em muitas partes essenciaes , tendo juntamente o mesmo tempo , mudada a face das terras , e lugares , como cada dia vemos.

Naõ he menos de estimar esta obra
por

por sua grandeza, porque além de escrever Diogo do Couto noventa livros nestas nove Decadas, numero a que raras escriptores chegaraõ, foi toda esta historia escrita por elle novamente, e não tomada de outros Authores, no que se mostra bem a grandeza, e valor de seu engenho, a que não chegou Livio, ainda que lhe excedeo no numero dos volumes, por quanto a maior parte de sua historia foi tomada de outros, e principalmente de Polibio, o qual tambem confessa de si, que das obras que muitos escriptores tinhaõ publicado de cada conquista dos Romanos, em particular, compusera a sua universal historia. Mas Diogo do Couto foi o primeiro que tirou á luz a historia da India, do tempo, em que a deixou Joaõ de Barros (senão foi o que até o principio do governo de Nuno da Cunha tinha escrito Fernaõ de Castanheda. Por quanto a Quarta Decada de Joaõ de Barros, que acaba com o governo do mesmo Nuno da Cunha sahio muitos annos depois.

Para aperfeicoar esta obra, e dar huma consumada noticia do Oriente compôs outro livro, a que chamou Epilogo da historia

ria da India, no qual tratando de cada fortaleza nossa, aponta as cousas principaes que ali acontecerão, as em que faltaraõ os nossos historiadores, e outras que de novo foraõ sucedendo, de maneira, que neste volume està sumariamente tudo o que toca à historia, commercio, e policia Oriental, acomodando o estilo a este compendio com muita clareza, e brevidade. Naõ foi menos eloquente no estilo Oratorio, porque além do que se vê nas suas Decadas, que naõ he pouco, por insigne nesta faculdade foi escolhido para fazer as praticas aos mais dos Governadores, e Visoreis, que em seu tempo entraraõ em Goa, mas isto naõ era só pela linguaagem, e ornato de palavras com que fallava, mas pela verdade, e desengano com que as dizia, das quaes algumas andaõ impressas, que naõ deſdizem de seu Author.

Acompanhou a Diogo do Couto desde seus primeiros annos hum grande zelo do bem publico da patria, que junto com o entendimento e experiencia, de que era dotado, lhe fez considerar as causas de alguns inconvenientes, que havia no governo da Republica, e prin-
ci-

principalmente no estado da India , onde elle assistia , e onde por ausencia dos Reys , e excessos dos ministros, hiaõ as desordens em maior crescimento. Para remedear este mal , vivendo ainda ElRey D. Sebastiaõ compôs hum livro , a que chamou, o *Soldado pratico* , noqual introduzio por modo de Dialogo hum Visorei novamente eleito , fallando com certo soldado velho da India , que andava na Corte em seus requerimentos , para se informar das cousas que lhe importavaõ para a jornada , e do mais que tocava ao governo da Fazenda Real , e milicia daquelle estado , e em todas estas cousas aponta com cortezaõ estillo , e brevidade, o que se deve seguir , ou evitar , dando os exemplos , e razões fundamentaes , de maneira que póde ser huma excellente instruçãõ para a quelle governo. Porém antes de aperfeiçoar esta obra , lhe foi furtado o original della , e sem mais o poder haver ás mãos , chegou a este Reyno sem nome de Author , onde se tresladaraõ algumas copias , que foraõ tidas em grande estima dos que as puderaõ haver. Sendo disto advertido no anno de 1610. por hum amigo seu , tornou a reformar esta obra ,

obra, ou quasi a fazela de novo; porque introduzio por pessoas do Dialogo hum Governador, que tinha sido da India, com hum soldado pratico della, ambos em casa de hum despachador, tratando sobre as cousas daquelle Estado, traſendo-as ao tempo presente; com tanta ponderaçãõ, e juizo que sómente pôde servir de Norte aos que o governarem, mas em todo o tempo de claro desengano das cousas delle. Esta obra didicou ao Marquez de Alemquer: e o original está na livraria de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, a quem elle o mandou.

Este zelo da honra da patria lhe fez escrever hum livro, contra o que compôs o Padre Frei Luis de Ureta Dominico, da historia, e policia do Reyno da Ethiopia, a que vulgarmente chamamos, Preste Joãõ, no qual o Padre com a pouca noticia, que tinha do Oriente, e sem ler as historias da India nem deste Reyno (como quem escreveu entre os bosques e dilicias de Valença, sem ver mais que hum só homem, que o informou, e a quem creõ) disse muitas cousas contra toda a verdade da historia, sen-

fendo todo o seu livro huma obra fabulosa, e temeraria. E posto que os Padres Fernão Guerreiro, e Nicoláo Godinho da Companhia tinhão respondido ao Padre Urreta com particulares Apologias; os mesmos Padres da Companhia de Goa, pediraõ a Diogo do Couto respondesse tambem pela honra deste Reyno, o que elle fez, estando ja quasi com o corpo na sepultura, mas com tanto vigor de animo que bem parece que se lhe faltavaõ as forças corporaes, que as do entendimento são sempre em maior perfeiçaõ. Este livro trouxeraõ os Padres da India ao Arcebispo de Braga D. Fr. Aleixo de Meneses por ordem de seu Author.

Com estas occupações não pode acabar de todo outra empresa, que deixou começada para luz do comércio da India: em que tratava de todos os tempos, e monções, em que se navega para todas as partes do Oriente, e dos pesos, medidas, e moedas, com todas as mais cousas que a este particular pertenciaõ.

Nestas taes obras gastou Diogo do Couto a maior parte de sua idade: exer-

citando o talento que lhe foi entregue, como bom, e util servo, até o anno de 1616. noqual sendo de 74. annos o levou Deos para si, sabado a 10. de Dezembro para lhe dar o premio que suas obras mereceraõ. Foi Diogo do Couto hemem de mêm estatura, de alegre, e veneravel presença, olhos vivos cor atereciada, o nariz algum tanto aquilino, mui laborioso, como o mostra a multidaõ de seus escritos, teve grande conselho, e por essa causa era chamado muitas vezes dos viso-Reys a elle, nos negocios de mór importancia. Era pouco cobiçoso, que para homem que viveo tantos annos na India, grande he maravilha, e assi foi mais rico de partes, e merecimento, que de fazenda, posto que esta lhe naõ faltou em seu estado, como quem sempre passou honradamente.

De sua molher, com que viveo largos annos teve huma so filha que morreo antes de casar, donde naõ ficou delle gèraçaõ, o que os antigos julgavaõ por infelicidade, porém naõ tal que lhe possa tirar a bemaventurança, que os mesmos antigos tinhaõ por grande, que era escrever feitos alhios, e dar materia para que se escrevessem os seus proprios, o

que elle fez na sua milicia, e historia; compondo, e peleijando. Pello que com razaõ lhe puferaõ a quelle Distico ao pé de seu retrato, que como estatua immortal lhe imprimiraõ nas suas Decadas, que diz:

*Exprimit effigies, quod solum in Cæsare
visumest.*

Historiam calamo tractat, et arma manu.

F I N I S.



V I D A D E
LUIZ DE CAMÕES.

JULGAVA Plinio por a maior felicidade da vida fazer hum homem taes obras , que todos desejassem saber qual fosse o Author dellas : *Ut equidem arbitror* (diz elle) (*) *nullum est felicitatis specimen , quam semper omnes scire cupere qualis fuerit aliquis.* Nasce este delejo da condicão do entendimento humano , o qual como o seu fim seja o conhecimento da verdade , não se satisfaz , como diz o Filosofo , até não alcançar a causa verdadeira das cousas. Daqui tiverão seu fundamento todas as disputas , e questões das sciencias , querendo mostrar cada qual , que a sua noticia está mais ajustada com a razão natural de cada cousa. Daqui nasceo escreverem-se sobre huma materia tantos livros. Daqui tambem comporem-se tantas historias da vida

S ii

(*) *Plin. l. 35 c. 2.*

da de hum mesmo Principe, ou varaõ illustre, nas quaes o que ultimamente a refere, procura apurar a verdade com mais particulares circumstancias, contando naõ sómente os casos, e succellos das cousas, mas os conselhos, e razões com que foraõ feitas. Pelo que por satisfazer a este taõ devido desejo, nos pareceo, deviamos tambem escrever a Vida do nosso Poeta Luiz de Camões Principe dos Heroicos de Hespanha, por quanto o que d'elle anda impresso he taõ pouco, e diminuto, que naõ satisfaz em muita parte com o que todos pertendem saber de semelhantes varões; como he a qualidade, vida, costumes, engenho, feições, e outras particularidades, sem as quaes fica muito imperfeita a noticia que se requer na historia de hum homem insigne. De todas estas cousas vai accrescentada esta Relação quanto foi possivel á boa diligencia que sobre isso se fez, aproveitando-nos principalmente do que o mesmo Luiz de Camões de si refere em seus versos, onde ordinariamente os Poetas deixaõ escritas suas vidas; porque he natural aos homens deleitar-se

de

de contar os trabalhos que padecêraõ, depois de escaparem delles. E como Luiz de Camões passou a maior parte da vida em perigrações, e successos varios, naõ he muito que os deixasse postos em memoria; e porque a pobreza com que viveo tinha escurecido em parte a clareza de seus antepassados, começaremos esta Relação de sua vida, dando-a hum pouco mais larga de sua familia, para que sobre este illustre fundamento fique mais estimado seu engenho.

A familia dos Camões he natural do Reino de Galliza; seu appellido dizem alguns que he alcunha tomada do passaro Camaõ, a que os antigos chamáraõ *Porfirio*, celebrado de muitos Authores pela admiravel propriedade de morrer vendo commetter adulterio contra o senhor da casa. Alciato o traz no Emblema 47 por simbolo da vergonha, e honestidade, com estes versos:

*Porphyrio, domini si incestet in adibus uxor,
Despondetque animum, præque dolore perit
Abdita in arcanis naturæ est causa: sit index
Sincera hæc volucris certa pudicitia.*

O mesmo refere Camões em huma
Car-

Carta em verso , que anda nas suas primeiras Rimas , dizendo :

Experimentou-se alguma hora

D' Ave que chamaõ Cãmãõ ,

Que se da casa onde mora

Vê adultera a senhora ,

Morre de pura paixãõ.

Porém o mais certo he naõ fer este sobrenome alcunha, fenaõ appellido tomado do Castello de Camões , taõ antigo no Reino de Galliza que já se faz delle mençaõ na Chronica de S. Maximo , situando-o junto do promontorio Nereo , que agora se chama Cabo de Finis terra. Deste territorio ha noticia , que tomáraõ nome os peros chamados camoezes , taõ conhecidos em toda a Hespanha , e que daqui se leváraõ para as outras Provincias della , onde hoje se vem em grande cópia , e o que mais he :

Melhor tornados no terreno albéo.

Principalmente neste Reino , porque saõ os nossos muito avantajados no sabôr , e suavidade aos de Galliza , e por isso muito mais prezados. O primeiro da familia de Camões que passou a Portugal foi Vasco Pires de Camões em tempo

po delRei D. Fernando , por ter seguido suas partes contra ElRei D. Henrique de Castella o bastardo. Deo ElRei D. Fernando neste Reino a este fidalgo em lugar do que deixára em Galiza , as villas do Sardeal , Punhete , Maraõ , e Amendoa , com o Concelho de Gestaço , e as herdades , e terras que foraõ em Estremõs , e Avis da Infante Dona Beatriz ; e o fez Alcaide mór de Portalegre , e Alemquer , e hum dos principaes fidalgos de seu Conselho. Obrigado Vasco Pires destas mercês seguiuõ depois as partes das Rainhas Dona Leonor , e Dona Beatriz contra ElRei D. Joaõ I. de Portugal , como largamente se contém tudo nas Chronicas do mesmo Rei (*). Pelo que sendo prezo na batalha de Aljubarrota perdeo todos os Vassallos , e fortalezas que tinha no Reino , e sómente lhe deixou a benignidade Real as terras , e herdades de Estremõs , e Avis , e outros bens particulares que tinha em Alem-

(*) *Chron. del Rei D. Joaõ I. p. 1. c. 30. e 160. e 168. 179. e p. 2. c. 39. 46. 62. e Registos del Rei D. Fernando.*

Alemquer , e Lisboa de que seus descendentes instituiraõ depois morgados rendosos , principalmente em Aviz , e na Cidade de Evora , onde possuem algumas herdades , as quaes pelo appellido dos possuidores deo o povo nome de Camoeiras. Foi casado Vasco Pires de Camões com huma filha de Gonçallo Tinreiro , a quem ElRei D. Fernando fez Capitaõ mór das armadas de Portugal , e ElRei D. Joaõ I. sendo ainda defensor do Reino lhe deo a Capitania de Lisboa (*). E depois , seguindo as partes da Rainha Dona Beatriz , se intitidou Mestre de Christo. Deste matrimonio teve Vasco Pires a Gonçallo Vaz de Camões , Joaõ Vaz de Camões , e Constança Pires de Camões , mulher de Pedro Severim fidalgo Francez , de quem se faz mençaõ na tomada de Ceita. Gonçallo Vaz , que foi o filho mais velho , casou com Constanca da Fonseca , filha de Affonso Vasques da Fonseca , Alcaide mór de Moreira , e Marialva (filho de Vasco
Fer-

(*) *Chr. Del Rei D. Joaõ I. p. 2. c. 62. e Registos Del Rei D. Fernando, e D. Joaõ I.*

Fernandes Coutinho Meirinho mór, e senhor de Liomil, progenitor dos Condes de Marialva) da qual teve Antonio Vaz de Camões, o qual foi pai de Lopo Vaz de Camões, e de Dona Aldonça Annes de Camões, mulher de Rui Casco, Alcaide mór de Avís.

Lopo Vaz de Camões casou com Ignez Dias da Camara, filha de Diogo Affonso de Aguiar da Ilha da Madeira, e de sua primeira mulher Isabel Gonçalves da Camara, filha de João Gonçalves da Camara, primeiro Capitão do Funchal, e progenitor dos Condes da Calheta, da qual teve Antonio Vaz de Camões, Simão de Camões, e Duarte de Camões.

Antonio Vaz de Camões casou com Dona Isabel de Castro filha de D. João de Castro (irmão de D. Fernando de Castro, que foi Avô do primeiro Conde de Basto) e de Dona Francisca de Brito filha de Fernão Brandaõ o Velho de Evora, da qual teve a Lopo Vaz de Camões, e Luiz Gonçalves de Camões, que fez hum morgado em Avís chamado da Torre, que hoje possui Simão de Camões filho de Duarte de Camões,

mões , teve mais a Dona Francisca de Castro , mulher de D. Martinho de Soufa.

Lopo Vaz de Camões casou com Dona Maria da Fonseca , filha de Gaspar Rodrigues Preto , filho de Jorge Rodrigues Preto Estribeiro mór da Emperatriz Dona Isabel , da qual teve a Antonio Vaz de Camões , e Dona Anna de Castro mulher de Diogo Lopes de Carvalho , Senhor dos Coutos de Negrellos , e Abbadim.

Antonio Vaz de Camões casou com Dona Francisca da Silveira , filha de D. Alvaro da Silveira , filho de D. Diogo da Silveira , Conde de Sortelha , e Guarda mór delRei D. Joaõ III. da qual teve a Lopo Vaz de Camões e outros filhos que hoje vivem.

Joaõ Vaz de Camões Filho segundo do primeiro Vasco Pires de Camões , foi Vassallo delRei D. Afonso V. (titulo muito principal naquelle tempo) e servio ao mesmo Rei nas guerras de Africa , e Castella. Viveo na Cidade de Coimbra da qual foi benemerito Cidadadaõ , indo por seu Procurador ás Cortes daquelles trabalhosos tempos da criação

João delRei D. Afonso , teve o cargo de Corregedor daquella Comarca : officio então de grande jurisdicção ; porque não havia mais de seis no Reino , e ordinariamente eraõ fidalgos muito honrados , e não professavaõ letras , como ainda agora se usa em algumas partes de Hespanha. Tudo isto consta do Epitafio de sua sepultura , que está em huma Capella da Crasta da Sé de Coimbra , que o mesmo João Vaz de Camões mandou fazer , onde á parte do Evangelho se vê hum tumulo levantado de marmore , todo lavrado de figuras de meio relevo , e nos cantos duas maiores com escudos das suas armas nas mãos , e encima do tumulo está a figura do mesmo João Vaz armado ao modo antigo com huma espada na mão , e aos pés hum rafeiro deitado. Esta Capella tem agora o arco quasi tapado de huma parede de tijollo , porque como faltaraõ os descendentes do instituidor , ficou devoluta , e sem haver quem a ornasse , e tivesse cuidado della.

Casou João Vaz de Camões com Ighes Gomes da Silva , filha bastarda de Jorge da Silva , o qual era li-
lho

lho de Gonçallo Gomes da Silva , e neto de Diogo Gomes da Silva , irmão de Joaõ Gomes da Silva , Alferes mór del-Rei D. Joaõ I. , e senhor de muitas terras. Della teve a Antaõ Vaz de Camões , o qual casou com Guimar Vaz da Gama (dos Gamas do Algarve que trazem sua origem dos de Alentejo) e della houve Simaõ Vaz de Camões , que indo por Capitaõ de huma náó á India , segundo Pero de Maris , se perdeu na Costa de terra firme de Goa , e escapando do naufragio morreo pouco depois na mesma Cidade. Foi casado Simaõ Vaz com Anna de Macedo (dos Macedos de Santarem) e della teve o nosso Poeta Luiz de Camões. Estes foraõ seus progenitores , pelos quaes se mostra que naõ foi menos illustre no fangue , que no engenho ; e ainda que a falta dos bens da fortuna em que se criou (como quem perdeu o pai de taõ pouca idade) lhe tirasse em parte os ornamentos exteriores , com que se faz estimar a nobreza naõ lhe póde nunca tirar a grandeza de pensamentos , que de seus antepassados herdára.

Nas-

Nasceo Luiz de Camões Reinando ElRei D. Manoel, pelos annos de 1517. na Cidade de Lisboa, como o testefica Manoel Correa seu Comentador, que o conheceo, e foi seu familiar amigo, e naõ em Coimbra como alguns cuidaraõ, pela vivenda antiga que seus Avõs alli tiveraõ. Por esta razaõ chama tantas vezes ao Tejo, patrio, e invoca no principio dos seus Luziadas as Nymphas do mesmo rio, dizendo:

*E vós Tagides minhas, pois criado
Têdes em mim hũ novo engenho ardête,
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora hũ som alto, e sublimado,
Hum estillo grandiloco, e corrente;
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que naõ tenhaõ inveja ás de Hypocrene.*

E no Canto 3. estan. 2. quando pede favor a Caliope:

*Põe tu Nympha em effeito meu desejo,
Como merece a gente Luzitana,
Que veja, e saiba o mundo, q̃ do Tejo,
O licor de Aganippe corre, e mana, &c.*

Porém naõ foi só Coimbra a que contendeo lobre ter por seu filho taõ excellente engenho; pois antigamente as

fete Cidades Gregas pretenderaõ com
naõ menores invejas o nascimento de Ho-
mero, querendo cada qual, ser sua pa-
tria. Sendo moço foi estudar a Coim-
bra, que entaõ começava a florescer em
todas as sciencias por beneficio de El-
Rei D. Joaõ III. condufindo este excel-
lente Principe para mestres dellas, va-
rões insignes, e dos mais peritos que
entaõ havia em Europa, dos quaes el-
le aprendeo a lingua latina, e Filoso-
fia, e mais letras humanas com tanta
perfeiçaõ, como mostraõ seus escritos,
e adiante diremos. Desta estada em Coim-
bra fazem mençaõ alguns dos seus ver-
sos, e em particular a cançaõ que na
primeira parte das suas Rimas he a 4.
e começa:

*Vaõ as serenas agoas
Do Mondego descendo,
Mansamente que até o mar naõ paraõ.
Por onde minhas magoas
Pouco, e pouco crescendo
Pera nunca acabar se começáraõ, &c.*

O mesmo se vê no Soneto terceiro da
segunda parte das Rimas que diz:

*Doces agoas, e claras do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
On-*

*Onde a comprida, e perfida esperança
Longo tempo apos si me trouxe cego;
De vós me aparto, &c.*

Destes, e outros versos que fazia naquella tempo se vê bem quam cedo começou a exercitar a Poesia, e com quanta perfeição; e como esta arte seja ás vezes mais estimada nas Cortes dos Principes, que nas Escolas, parece que esta o trouxe outra vez a Lisboa, onde continuou algum tempo, até que huns amores, que (segundo dizem) tomou no Paço o fizeraõ desterrar da Corte. Desta ausencia parece se queixa naquella sua ellegia que começa:

O fulminense Ovidio desterrado, &c.
Onde depois de descrever o sentimento que Ovidio tinha no desterro, diz assi:

*Destá arte me a figura a phantasia,
A vida com que vivo desterrado,
Do hem que noutro tempo possuia.*

E mais abaixo:

*Alli me representa esta lembrança
Quã pouca culpa tenho, e me entristece
Ver sem razaõ a pena que me alcança.*

E porque não cuidemos que falla de alguma das suas peregrinações fóra do

Rei-

Reino, diz logo abaixo as cousas que
via do lugar onde estava degradado:

*Vejo o puro suave, e brando Tejo,
Com as concavas barcas que nadando
Vaõ pondo em doce effeito seu desejo.
Humas cobrando vento navegando,
Outras cos leves remos brandamente
As cristalinas agoas apartando.*

*Dali fallo com agoa que naõ sente,
Com cujo sentimento a alma sai,
Em lagrimas desfeita claramente.*

*O fugitivas ondas esperai,
Que pois me naõ levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai!*

*Ate que venha aquelle alegre dia,
Que eu va onde vos is, contente, e ledo,
mas tanto tempo quem o passaria?*

*Naõ pode tanto bem chegar tam cedo,
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tam aspero degredo, &c.*

Neste comenos devia de passar a Ceita,
onde esteve algum tempo, como
se vê da sua elegia, que começa:

Aquella que de Amor descomedido, &c.
Onde abaixo diz:

*Ando gastando a vida trabalhosa,
Espalhando a continua saudade,
Ao longo de huma praia saudosa, &c.*

E logo :

*E como isto a figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira gente, e estranha usança.
Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar mediterrano.*

*Dali estou tenteando aonde vio
O pomar das Hesperides, matando
A serpe, que a seu passo resistio;
Em outra parte estou afigurando
O poderoso Anteo, que derrubado,
Mais força se lhe estava acrescẽtãdo, &c.
Aqui parece teve sua primeira milicia,
e que n'algum recontro com os Mouros,
foi ferido de hum pelouro no olho
direito, com que o perdeo, como el-
le toca na Canção que começa:*

*Vinde qua meu taõ certo secretario.
Onde depois de cantar os sentimentos
de sua afeiçãõ, diz assi:
Desta arte a vida n'outra fui trocando,
Eu naõ, mas o destino fero, irado,
Que eu ainda assi por outra a naõ trocãra;
Fesme deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes, me teve a vida cara;
Agora experimentando a furia rara*

T

De

*De Marte , que c'os olhos quis que logo
Visse , e tocasse o acerbo fruito seu.
E neste escudo meu ,*

A pintura veraõ do infesto fogo, &c.
Que lhe acontecesse isto em Africa , e
naõ na India , se mostra pola carta pri-
meira que escreveo da India a hum ami-
go ao qual , dando novas de hum Ma-
noel Sarraõ ; diz *Que sicut & nos ,
manqueja de hum olho* , como cousa já
antiga , e notoria nelle em Portugal.
Esta ferida lhe afeou notavelmente o
rosto , por onde era chamado das da-
mas , Diabo , e Cara sem olhos , a que
elle respondeo muitas vezes cortesã , e
graciosamente , como se vê de seus ver-
sos. Porém ainda que a falta da vista
lhe tirou a gentileza exterior com as
damas , naõ a perdeu no conceito dos
que o viaõ assinalado no rosto da maõ
dos infieis ; porque semelhantes sinaes
de Marte fazem as faces mais fermo-
sas , que os de Venus. E assi se na
Poesia o podemos comparar a Homero
(que tambem , segundo alguns , care-
ceo da vista) nas armas naõ irá menos
ufano , que Felippe , Antiocho , Anni-
bal , e fertorio , que de perderem hu-
ma

ma vista na guerra se não gloriaraõ pouco: Tornando ao Reino, ou por causa dos amores da Corte, ou por ver que as flores de sua poesia lhe não davaõ fructo (como costumaõ) ou por os respeitos que na primeira carta que anda nas suas Rimas, aponta, determinou de se passar á India, por ser esta (segundo elle diz) sepultura de todo o pobre honrado, e sem duvida que elle levara pensamento de a escolher por sua, porque além de se embarcar dizendo aquellas palavras de Sipiãõ: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*, como refere na sua Carta, não se veio da India acabados os annos da milicia ordinaria, mas depois de 16. annos de assistencia como veremos adiante. Não achei em seus versos, nem em memoria alguma o anno em que se embarcou; somente escreve que tanto que chegou a Goa sahio o Viso-Rei com huma grande armada sobre ElRei da Pimenta. Foi esta empresa segundo referem as historias da India no fim do anno de 1553. (*) Pelo que consta que partio de Lisboa no Março de 1553. com Fernand'

(*) *Chron. del Rei D. Joaõ III. p.44. c.103.*

nand'Alvres Cabral, que indo por Capitaõ mór de quatro náos, fô elle chegou á India nos primeiros de Setembro do mesmo anno. Era entaõ Viso-Rei, daquelle Estado D. Afonso de Noronha, com o qual logo no Novembro seguinte Luiz de Camões se embarcou em huma grossa Armada, em que o Viso-Rei foi ao Malavar, para favorecer ElRei de Cochim, e o de Porca, e outros amigos do Estado, a quem ElRei da Pimenta (que por outro nome Chamaõ de Chembé) tinha apertado, e tomado algumas Ilhas. Tanto que o Viso-Rei surgio no porto mandou sahir a gente nas ilhas, e com morte de muitos Malavares foraõ destruidas, e queimadas pelos nossos, o que obrigou a pedir pazes ao Rei da Pimenta, como largamente se conta na Chronica delRei D. Joaõ III. (*) e na Sexta Decada de Diogo do Couto. Esta primeira jornada descreve Luiz de Camões breve, e elegantemente na Elegia da sua viagem, que começa:

O Poeta Simonides fallando, &c.

On-

(*) *Chr. del Rei D. Joaõ III. p. 4. c. 103, Couto Decad. 6. lib. 10. c. 16. & 17.*

Onde depois de contar como partira de Lisboa, e passára o cabo de Boa-Esperança, diz assi:

*Deſta arte me chegou minha ventura
 A eſta deſejada, e longa terra,
 De todo o pobre honrado ſepultura.
 Vi quanta vaidade em nós ſe encerra;
 É nos próprios quam pouca, contra quẽ
 Foi logo neceſſario termos guerra.
 Que huma Ilha que o Rei de Porca tem,
 Que o Rei da Pimenta lhe tomára
 Fomos tomarlha, e ſuccedeo nos bem.
 Com huma Armada groſſa, q̃ ajuntára
 O Viſo-Rei, de Goa nos partimos,
 Cõ toda a gente de armas, q̃ ſe achara.
 E com pouco trabalho deſtruimos
 A gente, no curvo arco exercitada:
 Com mortes, com incendios os punimos.
 Era a Ilha com agoas alagada,
 De modo que ſe andava em Almadias,
 Em ſim outra Veneza traſladada.
 Nella nos detivemos ſõs dous dias,
 Que foraõ pera alguns os derradeiros.
 Que paſſaraõ de Stygie ús agoas frias.
 Provaſe tambem paſſar neste anno á In-
 dia / porque no meſmo tempo ſuccedeo
 em Ceita a perda de D. Pedro de Me-
 ne-*

neses, a quem ElRei D. Joaõ III. (*) mandára por Capitaõ daquelle Cidade no anno de 1549. em lugar de D. Afonso de Noronha, quando foi para Vifo-Rei da India, e entre outros fidalgos, a quem os Mouros matáraõ naquelle recontro, foi D. Antonio de Noronha sobrinho do mesmo Capitaõ, filho do Conde de Linhares D. Francisco de Noronha, o qual tinha sido particular amigo de Luiz de Camões no Reino. Chegáraõ estas novas á India, juntamente com as do falecimento do Principe D. Joaõ que foi em Janeiro de 1554. no Setembro do mesmo anno, e de raõ occasiaõ a Luiz de Camões compor a Egloga de Umbrano, e Frondelio que anda nas suas Rimas, como elle mesmo diz na sua primeira carta que escreveo da India no Janeiro de 1555. em que lamenta estas duas mortes. Neste mesmo anno de 1555. (**) mandou o Vifo-Rei D. Pedro Mascarenhas (que já succedera a D Afonso de Noronha) huma armada ao Estreito

(*) *Chron. del Rei D. Joaõ III. p. 4. c. 69.*

(**) *Conto Dec. 7. lib. 1. cap. 3.*

to de Meca, de que deu a Capitania
 mór a Manoel de Vasconcelos, o qual
 partio de Goa em Fevereiro, e levou
 ordem do Vilo-Rei que se fosse pôr nas
 portas do Estreito, junto do Monte Fe-
 liz, a esperar as náos dos Mouros. Es-
 teve neste porto Manoel de Vasconcel-
 los até se lhe gastar a monção, e de-
 pois se foi invernar a Ormus, donde
 dando guarda á frota, tornou a entrar
 em Goa nos primeiros de Outubro. Nes-
 ta armada, parece foi Luiz de Camões,
 e que na estancia do monte Felix com-
 pôs aquella sua Cansaõ em que descre-
 ve particularmente aquelle monte, e
 paragem, como se della vê, que diz assi:
*Junto de hum seco, fero, e esteril monte
 Inutil, e despido, calvo, informe,
 Da natureza em tudo aborrecido
 Onde nem ave voa, ou fera dorme,
 Nem rio claro corre, ou ferve fonte,
 Nem verde ramo faz doce roído;
 Cujos nome do vulgo introduzido,
 He Felix por antifrasi infelice.
 O qual a natureza,
 Situou junto á parte
 Onde hum braço de mar alto reparte
 A Abassia, da Arabica aspereza,*

Ou-

Onde fundada já foi Berenice
 Ficando á parte donde
 O Sol que nella ferve se lhe esconde.

Nelle aparece o Cabo com que a costa
 Africana, que vem do Austro correndo,
 Limite faz, Aromata chamado,
 Aromata outro tempo que correndo
 O tempo, a rude lingua mal composta
 Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
 Aqui, no mar que quer apressurado
 Entrar pola garganta deste braço,
 Me trouxe hum tempo, e teve,
 Minha fera ventura;
 Aqui nesta remota, aspera, e dura
 Parte do mundo, quis que a vida breve
 Tambem de si deixasse hum breve espaço;
 Porque ficasse a vida,
 Pelo Mundo em pedaços repartida.
 Aqui me achei gastãdo huns tristes dias,
 Tristes, forçados, máos, e solitarios,
 Trabalhosos, de dor, e de ira cheos,
 Não tendo tão sómente por contrarios
 A vida, o Sol ardente, as agoas frias,
 Os arês grossos, fervidos, e feos,
 Mas os meus pensamentos, &c.

Chegado a Goa, diz Pero de Ma-
 riz que o mandou o Viso Rei por Pro-
 vedor mór dos defuntos da China, o
 que

que parece não pôde ser ; porque o Viso-Rei D. Pedro Mascarenhas , falleceo em Goa , aos dezaseis de Junho deste anno de 1555. , e a armada do monte Felix tornou áquella Cidade no Outubro seguinte do mesmo anno em que já governava havia quasi quatro mezes Francisco Barreto ; pelo que mais certo parece o que outros affirmão , e he que chegando Luiz de Camões a Goa fez aquella Satira que anda no fim da primeira parte das suas Rimas , contra alguns moradores daquella Cidade , com titulo , de Festas que se fizeraõ á successaõ do Governador , do que sentindo-se Francisco Barreto , ou por zelo da justiça , ou por queixas dos motejados , o mandou prender , e desterrou para a China , no anno seguinte de 1556. (*) em que despachou alguns Capitães para o Sul. A isto favorecem os versos do mesmo Poeta , o qual se queixa deste desterro , e prisaõ mandada fazer pelo Governador , e de hum terrivel naufragio que padeceo na costa de

Cam-

(*) *Conto Decado 7. lib. 4. c. 3.*

Camboja, junto do rio Mecon, como diz na estan. 128. do Cant. 10.

*Este receberá placido, e brando
No seu regaço os cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procelosos baixos escapados:
Das fomes, dos perigos grãdes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lira sonora,
Será mais afamada que ditosa.*

E no canto 7.: estan. 81. onde pede favor ás Nynfas do Tejo para cantar os Varões Illustres que finge levava D. Vasco da Gama pintados nos toldos, e bandeiras, e mostrava ao Catual seu irmão Paulo da Gama. Entre outras queixas que da dos poucos premios que recebia de seus versos, diz assi:

*E ainda Nynfas minhas não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem;
Se não que aquelles q̃ eu cantãdo andava,
Tal premio de meus versos me tornassem.
A troco dos descanços que sperava.
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaraõ,
Com que em taõ duro Estado me deitaraõ*

E na Canção 10. das primeiras Rimas:

Em

*Em fim não bouve transe de Fortuna ,
Nem perigos , nem casos duvidosos
(Injustiças daquelles , que o confuso
Regimento do mundo antigo abuso
Faz sobre os outros homens poderosos)
Que eu não passasse , &c.*

De maneira que esta jornada não foi por despacho senão por pena , e degredo , pois diz que a fez quando foi contra elle o injusto mando executado. Neste tempo em que andou pelas partes do Sul esteve nas Ilhas de Moluco , e particularmente na de Ternate , de quem , e do seu Vulcano que está no fim do monte faz particular menção na sua Canção 6. que diz :

*Com força desusada
Aqueita o fogo eterno
Huma Ilha , lá nas partes do Oriente ,
De estranhos habitada ,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdesse , alegremente :
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas ,
Tem della o senborio :
Cercada está de hum Rio
De maritimas agoas saudosas ;
Das ervas que aqui nascem*

*Os gados juntamente , e os olhos pascem.
 Aqui minha ventura
 Quis que huma grande parte
 Da vida que não tinha se passasse ,
 Para que a sepultura
 Nas mãos do fero Marte ,
 De sãgue , e de lêbranças matifasse, &c.*

A allistencia de Macao parece que foi a ultima do tempo que andou no Sul, pois vindo de lá padeceo o naufragio, que foi o derradeiro trabalho antes de chegar a Goa. Em Macao teve o officio de Provedor mór dos defuntos, e com a commodidade do lugar devia de compôr aqui alguma boa parte dos seus Luziadas, pois de lá os trouxe consigo. Acabado o feu tempo se embarcou para Goa com esperanças de lograr algum descanso nella; porque vinha rico do que houvera do cargo, e dos amigos; porém succedeo-lhe ao contrario, como acontece ás mais das esperanças do mundo. Porque navegando pela Costa de Comboja se perdeu na paragem da Foz do Mecon, Rio que nascendo na China, corre por muita distancia de terras, e

de-

devidindo pelo meio a Camboja, crescido com as grandes correntes de outros rios que recebe, vem sair ao mar em hum lago de mais de sesenta legoas de Comprido. Aqui deu a sua náó em huns baixos onde se fez em pedaços padecendo todos hum miseravel naufragio: Luiz de Camões se salvou em huma taboa, e em taõ apertado, e manifesto perigo só teve lembrança dos cantos dos seus Lusíadas para os levar consigo, esquecendo-se de tudo o mais que trazia, no que não merece menor louvor, que o que se dá a Cesar, quando escapou no porto de Alexandria nadando com huma maõ, e levando os seus Comentarios na outra. Deste naufragio se queixa Luiz de Camões muitas vezes, e em particular no Canto 7. estan. 80. referindo-o entre outros trabalhos seus:

*Agora com pobreza aborrecida,
 Por hospícios albeios degradado,
 Agora da esperança já adquirida,
 De novo mais que nunca derribado:
 Agora ás costas escapando a vida,
 Que de hum fio pendia taõ delgado,
 Que não menos milagre foi salvar-se,
 Que*

Que pera o Rey judaico acrescentar-se.

E na Canção 10. das Rimas :

A piedade humana me faltava ,

A gente amiga já contraria via

No primeiro perigo , e no segundo

Terra em que pôr os pés me falecia ,

Ar para respirar se me negava ,

E faltavame em fim o tẽpo, e mundo &c.

No porto deste Rio esteve Luiz de Camões algum tempo reparando-se da perda do naufragio , e com esta occasiã , dizem que compôz aqui aquella sua traducã do Psalmo : *Super flumina Babylonis* , que começa :

Sobolos rios que vaõ , &c.

Na qual acomodando a si aquelles trabalhos , e sentimento de que trata o Psalmo , mostra bem o que padeceo , e como recorreo logo a Deos por remedio de seu mal , conformando-se Cristãmente neste , e nos outros infortunios da vida , com o que d'elle despunha a divina Providencia , como se vê da sua Canção já referida onde diz :

Já de mal que me venha naõ me arredo ,

Nem bem que me falleça já pretendo

Que pera mim naõ val astucia humana ,

De força soberana ,

Da

Da providencia, em fim divina, pēdo &c.

Reformado deste naufragio se veio a Malaca, e dahi a Goa, onde chegou Governando o Viso-Rei D. Constantino, e naõ Francisco Barreto, como diz Pero de Maris. O que além de constar pelo seu Comentador Manoel Correa, se prova tambem pola razaõ dos tempos. Porque vindo Luiz de Camões da armada do monte Felix em Outubro de 1555. naõ podia partir para o Sul fenaõ já no anno de 1556. em que o Governador Francisco Barreto despachou os Capitães das viagens para aquellas partes, como temos dito. E acabando o governo de Francisco Barreto a 3. de Setembro de 1558. (*) em que chegou o Viso-Rei D. Constantino a Goa, naõ podia ser, que em espaço de dous annos sómente fosse a Malaca, estivesse em Maluco, e voltasse á China, e exercitasse lá o cargo de Provedor mór, e tornasse a Goa. Por onde o certo parece, que veio a Goa depois que o Viso-Rei D. Constantino entrou no go-
ver-

(*) *Conto Dec. 7. lib. 5. c. 8. o Com. de Cor. Canto 7. est. 18. & no Canto 10. est. 128.*

verno daquelle Estado. Ajudaõ tambem a estas conjecturas as oitavas que fez ao mesmo Viso-Rei estando já em Goa, que começaõ :

*Como nos vossos hombros taõ constantes,
Principe illustre, e raro, sustenteis
Tantos negocios arduos, e importantes,
Dignos de largo Imperio, q̃ regeis, &c.*

Nas quais oitavas se trata já da tomada de Damaõ, e jornada de Jafanapataõ, feitas pelo Viso-Rei. Pelo que segundo isto chegou Luiz de Camões a Goa depois do anno de 1560. em que o Viso-Rei D. Constantino tinha já acabadas estas emprelas. Pouco mais durou o governo ao Viso-Rei, em cujo tempo naõ parece que Luiz de Camões teve prizaõ alguma, pelo officio que administrou na China; antes mostra nas oitavas referidas, estar favorecido del- le, e pareça que devia ser seu antigo Mecenas, como tambem o tinha sido antes no Reino o Duque D. Theodosio seu irmaõ. Além disto consta que neste tempo foi o seu gracioso banque- te, para o qual convidou a D. Francis- co de Almeida, D. Vasco de Ataide, Eitor da Silveira, Joaõ Lopes Leitaõ,

e Francisco de Mello, e depois de os receber em huma casa bem adereçada, e os sentar á Mesa, que tinha muito composta, descobrindo-se os partos acháraõ nelles versos escritos, em lugar de iguarias, como se vê na primeira parte das suas Rimas; com o que o banque-te ficou assaz festejado, e celebrado entaõ, e depois em toda a parte. Todos estes Fidalgos andavaõ em Goa no ultimo anno do Visorey D. Constantino, e na Setima Decada de Diogo do Couto, se faz entaõ mençaõ delles. Deste tempo saõ as oitavas q̃ fez do desconcerto do mundo a D. Antonio de Noronha, q̃ depois governou aquelle Estado, e outros muitos versos a varios fidalgos q̃ estaõ nas suas Rimas; dos quaes se vê bem quam estimado andava o nosso Poeta de toda a fidalguia da India, e naõ com novas molestias. Aqui gastou liberalmente o que trouxe do Sul, e lhe deraõ seus amigos, e foi nisto taõ largo que em breve tempo tornou á pobreza com que começára; o que lhe aconteceu por vezes, com alguma nota dos que por isto o tinhaõ em conta de mal considerado, naõ atentando que os generosos espiritos padeceraõ muitas ve-

zes esta falta, porque não lhe sofre a grandeza do animo aplicar-se ás cousas inferiores, e de interesse; assi lemos de Homero, Socrates, Crates, Marcial, Valerio Flaco, e outros sublimes engenhos, que nunca curáraõ de ser ricos, mas de enriquecer a todos com suas obras.

Em Setembro de 1561. teve sucessor no cargo o Visorei D. Costantino. E diz Diogo do Couto, que até seu tempo durou naquelle Estado a primitiva India, em que os homens pretendiaõ sómente ser vaserosos, e honrados, e desprezavaõ o interesse; e que dali por diante começou a ser idolatrada a avareza, ao qual vicio chama a Sabedoria Divina, raiz de todos os males, e como este se foi apoderando daquelle Estado, tem introduzido nelle tantos, que parece ja agora irremediavel sua cura, se Deus milagrosamente lhe não acode.

Começou logo Luis de Camões a sentir esta declinaçaõ, porque não lhe valeo o favor que o Conde do Redondo novo Visorei lhe fez (como se vê dos versos que lhe compôs) para deixar de ser em seu tempo prezo: e segundo parece, pelas culpas de que foi accusado

do na administração do officio da China. E não bastou livrar-se desta accusação para sair do cacere, onde esteve algum tempo, porque Miguel Rodriguez Coutinho foy seccos, pessoa nobre, e rica o embargou na prizaõ por certo dinheiro que lhe tinha emprestado. De maneira, que lhe foi necessario a Luis de Camões socorrer-se de novo ao Conde Visorei, como se vê daquellas redondilhas, que andaõ na segunda parte das Rimas, e começaõ :

Que Diabo ha taõ danado,

Que naõ tema a cutilada,

Dos fios secos da espada,

Do fero Miguel armado?

Livre desta prizaõ continuou depois alguns annos em Goa, invernando em terra, e embarcando-se os Verões nas armadas, onde compôs as mais de suas Odes, e Canções, como se dellas vê, que todas fallaõ com Neptuno, com as Nereidas, e outras Ninfas, a quem a Gentilidade venerava por Deidades maritimas. Nos successos de guerra em que estas armadas se acháraõ, se mostrou sempre valeroso soldado, como quem não sabia voltar as costas aos ini-

migos. Nem lhe embotáraõ as letras a lança, antes lhe acrescentaraõ o valor, porque por isso fingiaõ os Antigos, que a mesma Pallas era Deosa das sciencias, e das armas; e Luis de Camões servio nestas occasiões de maneira que sempre se louvou disso, como se vê no Canto 10. estanc. penult. fallando com ElRey D. Sebastiaõ, onde diz:

*Para servirvos braço ás armas feito,
Para cantarvos mente ás Musas dada &c.*

E no Canto 7. estanc. 79.

*Agora o Mar, agora experimentando
Os perigos Movorcios inhumanos,
Qual Canace que á morte se condena,
N'uma mão sêpre a espada, e noutra a penna.*

He esta abonação que Luis de Camões dá de seu esforço de grande credito, pelas muitas testemunhas vivas que tinha naquelle tempo, e os Portugueses são taõ rigurosos censores da verdade, que só não consentem, a seus visinhos gabarse do que não tem, mas ainda ás vezes lhe confessaõ difficilmente o que na verdade possuem. Tinha ja neste tempo composto o seu Poema heroico dos Lusíadas, e como elle conhecia o grande preço desta obra, de-

ter-

terminou de se embarcar para o Reino a oferecella a ElRey D. Sebastião (ainda que entãõ por ser de pouca idade naõ governava) Porẽm Pero Barreto o tirou deste pensamento, por o levar consigo a Moçambique, onde hia entrar por Capitaõ de Sofalla. Foi-se com elle Luis de Camões movido de suas promessas, mas embreve tempo se vio defengando dellas. Pelo que chegando áquella Ilha a nãõ Santa Fé, que vinha para o Reino se quis nella embarcar. Acodio a lho impedir Pero Barreto, e ou movido do desejo de o ter consigo, ou por quaesquer outros respeitos lhe pediu duzentos cruzados que gastára com elle na matalotagem de Goa até Moçambique. Vinhaõ naquella nãõ muitos fidalgos amigos de Luis de Camões, em que entravaõ Eitor da Silveira, Antonio Cabral, Luis da Veiga, Duarte de Abreu, e Antonio Sarraõ, aos quais deu noticia do que passava, e elles fintandose entre si, pagaraõ esta conta, e o trouxeraõ á sua conta até o Reino. Vinha tambem nesta nãõ Diogo do Couto, que depois foi Chronista, e primeiro guarda mór do Tombo do Estado da

In-

India, o qual diz em huma carta, que no anno de mil e seiscentos e onze escreveu a hum amigo seu deste Reyno, que por o ser grande de Luis de Camões lhe communicou elle a obra dos seus Lusíadas, e que lhe pediu os quisesse comentar, o que Diogo do Couto fez depois em parte como em sua vida se verá.

Chegou Luis de Camões a Lisboa na maior força da peste, que chamaõ grande, correndo o anno de mil e quinhentos sessenta e nove, e assi lhe foi necessario esperar que acabasse aquelle mal para poder pôr suas cousas em ordem, e imprimir o seu poema; em que se passaraõ quasi dous annos, porque no de mil e quinhentos setenta e dous sahio á luz com esta admiravel obra; porque de sua milicia e peregrinações está bastante dito, falaremos agora da excellencia de seu engenho, e doutrina, que nos Varoens doutos he o que principalmente se considera.

Para poder explicar as perfeições deste poema saõ necessarios mais livros que os que gastou Macrobio em apontar as das Eneadas. (*) Porque este ge-

(*) Macro. l. 3. *Satur vsq. a d totum sexili.*

nero de poema , assi como tem o principal lugar na poesia , (*) assi he taõ difficultosa na composiçaõ, se se houverem de guardar perfeitamente todos os preceitos da arte, que des do principio do Mundo até o tempo do nosso Poeta não houve mais que quatro a quem se pudesse dar este louvor. Estes foraõ Homero entre os Gregos, Virgilio nos Latinos, Torquato Tasso entre os Italianos, e o nosso Poeta em Hespanha. Com tudo entre estes, merece Luis de Camões particular louvor, porque ainda que não excedeo em tudo atodos, ao menos se a ventejou a cada hum em alguma parte, como logo veremos.

O Poema heroico, a que os Gregos chamaõ Epico, tem cinco partes essenciaes (a que parece se reduzem todas as mais) que saõ : ser Imitaçãõ heroica, honesta, util, e deleitosa. O ser huma só acçaõ he cousa taõ importante, que no poema Epico se tem por sua sustancia, como se vê de toda a arte poetica de Aristoteles, e fundase este preceito na razaõ natural da imitaçãõ, e pin-

(*) *Scaligerus Poeticus. lib 1. c. 13.*

tura, que mostra não se poderem imitar duas acções juntamente, e esta he a differença q̄ ha entre o Poeta Heroico, Historiador, porque o Historiador escreve a narraçãõ das cousas como aconteceraõ successivamente, mas o Poeta escolhe huma só acçãõ de hum Heroe e essa refere, não pontualmente como foi, mas como convinha ser ornada a narraçãõ com varios Epifodios, que saõ digressões de fabulas, acontecimentos, e enredos, com que com suavidade persuada aos que o lerem, e ouvirem: *Oportet, igitur*, diz Aristoteles, *quem admodum in alijs imitatricibus, una imitatio unus est, sic & fabulam, quia actionis imitatio est, unusque esse, & hujus totius. E noutra parte. Fabula quidem est una, non quemadmodum nonnulli arbitrantur, si circa unum fuerit; multa enim, & infinita genere contigunt, ex quibus nennullis nihil est unum: sic autem, & actiones unius multe sunt, ex quibus una multa fit actio: quare omnes videntur peccare quicumque poetarum Heracleidem, & Theseidem, & huiusmodi poemata fecerunt, putant enim, quia unus erat Hercules, unam*

& fabulam esse oportere. Homerus autem quemadmodum & cæteris rebus antecellit, & hoc videtur pulchre vidisse, sine propter artem, sive propter naturam; Odyseam enim faciens non complexus est carmine illo omnia quæcumque illi contigere &c. Verum circa unam actionem, qualem dicimus odysseam mansit, eodem pacto & Illiadem. O mesmo resolve Horacio na sua Poetica dizendo:

Denique, sit quoduis simplex duntaxat, & unum.

Por faltarem neste essencial fundamento de huma só acção Ovidio, Siso Italico, e Lucano, senão tem por poetas heroicos; e entre os Modernos cahio tambem neste defeito Ludovico Ariosto, que no seu Orlando seguiu, e propoz taõ multiplicadas acções; cousa tanto contra os preceitos da Arte, o que verdadeiramente he muito de sentir em taõ florido e ornado Poema, como o de Ariosto, hum dos mais engenhosos, e abundantes entendimentos que até seu tempo houve, porque por errar esta acção, não tomou a palma a muitos dos antigos e modernos, e se propusera, e

fe-

seguiu-a perfeitamente o furor de Orlando, que ella fez acção secundaria, ainda tivera desculpa, mas propondo tantas acções, como são:

*Le done, i cavalier, l' arme, gli amori,
Le cortese, l' audaci imprese io canto &c.*

Errou muito, assi em as multiplicar, como em as propor primeiras. E se o que disse por acção secundaria de Orlando.

*Dirò de Orlando en un medesimo tratto
Cosa no detta inprosa, mai ne in rima,
Che per Amor veñe in furore, & matto
Huomo che si saggio era stimato prima. &c.*

O propulera por primeira, pudera defender-le, e foraõ entaõ menos e mais curtos episodios, que por razaõ das acções multiplicadas accumulou, com que o pema ficára mais proporcionado, e fermoso: ainda que sempre lhe faltára o principal, que he a qualidade da acção, pois por ser furia nascida de cousa taõ indigna, como os amores de Angelica, naõ deve ser imitada. Tanto perdem ainda os grandes engenhos faltos de Arte, avendo, como disse Horacio, de

10-

fogeitar a fertilidade do engenho aos preceitos della (*).

*Ego nec studium sine divite vena ,
Nec rude quid profit video ingenium : alterius
Altera possit opem res , & conjurat amice &c.*

Este preceito de seguir huma só acção guardou excellentemente o Nosso Poeta propondo o descobrimento da India, o qual fez D. Vasco da Gama com seus soldados, como se vê do discurso do poema, que começa navegando Vasco da Gama junto a Maçambique: e acaba quando o mesmo Capitaõ entrou em Lisboa. Porém na proposição, e titulo (como esta obra era de outros segundos Argonautas) seguiu a Appolonio Rhodio a quem se dá o primeiro lugar entre os Gregos, depois de Homero, o qual intitulou o seu poema, dos Argonautas, e na proposição não nomeou a Jafião Capitaõ da jornada, senão a todos os que cometeraõ aquella empresa, e assi começa: (**)

*A te principium ó Phæbe , priscorum
laudes virorum*

*Memorabo , qui Ponti per os , & petras
Cir-*

(*) Horat. de Arte poetica.

(**) Appollon. Rhod. lib. 1. Argo navr.

*Cyaneas, regis mandato Peliae,
Aureum ad vellus probè instructam
transtris impulerunt Argo.*

Depois desta primeira acção tocou também Luis de Camões alguns dos principaes Episodios do Poema, o que por ser depois da principal acção proposta, não he defeito, segundo se vê em Homero, e Virgilio, que também propuserão estas acções secundarias como julgará facilmente quem os bem considerar.

A segunda condição do Poema heroico, he ser acção Honesta, e digna de se imitar, por quanto o fim da poesia, e principalmente heroica, he ensinar, incitar, e mover deleitando. Nesta parte excedeo muito Luis de Camões a Estacio na sua Thebaida, e a Claudiano no seu Rapto de Proserpina, porque ainda que estes Poetas acertárao mais que os outros em escolher huma só acção, com tudo faltárao na qualidade della; porque as suas acções não são verdadeiramente dignas de se imitar, que he o fim, e intento de toda a poesia, pois o Argumento de Estacio foi o odio dos dous irmãos Etheocles, e

Po-

Polynices , acção indigna de ser sabida , quanto mais imitada ; e a de Claudiano he o roubo de Proserpina , tanto mais aborrecivel , quanto maior foi o roubador della. O argumento do poema heroico ha de ser honesto para se imitar , e admiravel para mover , e deleitar , no que Homero he digno de louvor em quanto conta os tralhos que Olyfles padeceo até tornar á sua patria , mas não na conclusão do Poema ; com as mortes que deu privadamente aos pretendores de Penelope desarmados. A esta materia se avanta pouco a chegada de Eneas a Italia , e guerras sobre o Ceruo que andando á caſta ferio Ascanio , acções em que ha pouco do grande , e admiravel. E affi fica mui superior a todas ellas o argumento do noſſo Poeta que trata do descobrimento da India , em que Vasco da Gama rodeou a maior parte da terra , vencendo com ſingular valor as forças dos elementos , as treições , e armas dos inimigos , fomes , ſedes , eſtranheſa de climas , injurias dos tempos , e mostrou ao mundo o verdadeiro conhecimento de ſi meſmo , em que des de ſeu principio até então eſti-

tivera ignorante achando novas estrellas, e novos mares, comunicando o Oriente com o Occidente, de que se seguiu dar aos povos de Europa a noticia de tantas drogas, fructos, e pedras em que a natureza se mostrou maravilhosa, e benigna para com os mortaes, e aos moradores de Asia o conhecimento das Artes, policia, sciencias de Europa, e sobre tudo do verdadeiro Deos, de que os mais delles estavaõ totalmente ignorantes. Por onde na qualidade da acção heroica fica o nosso Poema supereor a todos os Antigos, e Modernos.

Nem obsta contra isto, dizerem alguns, que profanou o Poeta esta honestidade, e grandeza da acção com não guardar á Religiaõ o decóro devido, invocando Musas, e fingindo Concilios de Deoses, indecentes a Poeta Catholico, e que como tal devia entes invocar os Santos, e usar nas ficções de milagres e aparecimentos de Anjos, como alguns modernos fizeraõ. Porque a isto se responde, que notorio he, não ser a poesia outra cousa, se não huma imitação, ou fabula, a qual tras sempre consigo, como parte essencial a invocação das Musas

fas do Parnaso, segundo a divisaõ dos poemas, em que a Caliope coube o Heroico, e por isso he invocada nos poemas Epicos, e esta fabula pertence sómente à poesia, e só pelos poetas foi inventada. Dê maneira que até os Antigos que adoravaõ aos outros Deoses Gentilicos por verdadeiros, tinhaõ as Musas por fingidas, porque bem sabiaõ, que nunca no Parnaso houvera taes Deofas, nem por essas eraõ tidas, nem adoradas das Republicas; sendo pois isto assi, claro fica que naõ ulou Luis de Camões de termo algum supresticioso pedindo ajuda a Divindades Gentilicas (pois estas foraõ sempre conhecidas de todos por fabulosas) mas que guardou o estillo do Poema heroico segundo os Latinos, que he invocar as Musas depois de propor a acçaõ, e assi continuou a poesia com os termos até entãõ costumados de poetas Catholicos, e gravissimos, como foraõ Senasaro no poema de *Partu Virginis* o Bispo Hieronimo Vide em quasi todas as poesias maiores, Bautista Mutuano Religioso Carmelita nas suas vidas dos Santos, Juviano Pontano, Angelo Policiano, Miguel Maru-

rulo , e outros que seria largo referir. Porém em não introduzir Luis de Camões Anjos , e Santos nas fabulas que fingio , mais parece digno de louvor que de reprehensão , porque he indecencia grandissima usar dos nomes dos Santos para fabulas profanas , com a mesma facilidade com que os Gentios o fazião , e alli he muito de calumniar , que nos poemas de Torcato , e Ariosto andem os Anjos , e Santos fallando com es Cavaleiros andantes , e trazendo-lhes recado do Ceo , e que São João Evangelista leve a Astolfo sobre o globo da Lua , a mostrar-lhe o siso de Roldaõ , que estava metido em huma redoma de vidro. Não se haõ os Santos de tomar na boca , nem na historia para materia de entretenimento , mas ha-se de escrever delles com toda a reverencia , e decencia devida , que não se compadece misturar as cousas sagradas com as profanas. Além de ser inconveniente grande em hum livro que trata de argumento verdadeiro , e em que se haõ de referir verdadeiros milagres, escreverem-se milagres fabulosos , sem se diferençarem huns dos outros , com que os leitores ignorantes , podem

cair em erro de não conhecerem quaes devem de ser cridos. Por tanto querendo o Poeta e vitar taõ grandes incovenientes, usou dos nomes dos Deoses gentilicos por materia commua, e notoria de fingimentos poeticos, com que ninguem se podia enganar, mas nas cousas verdadeiras, guardando inteiramente o decoro á Religiaõ, introduzio sempre a Vasco da Gama, fallando com toda a piedade Catholica; de maneira que os milagres verdadeiros, e cousas santas, as trata com a decencia, e gravidade divida, e as ficções ficaõ conhecidas de todos vendo-se que saõ fabulas notorias. Este mesmo estilo guardaraõ es mais dos Poetas acima nomeados, quem podemos acrescentar Claudiano, que segundo a melhor opiniaõ, e mais universal foi Catholico, e usou destas invocações, e concilios dos Deoses com maior liberdade do que vemos nos Lufiadas. Quanto mais que Luis de Camões não fez estas ficções dos Deoses a caso, senaõ com muita consideraçãõ, introduzindo debaixo destas fabulas huma excellente Alegoria, (a que os Poetas chamaõ a alma da fabula) e assi enten-

deo debaxo do nome de Jupiter, e Deoses, a divina providencia, e os espiritos Angelicos, porque governa o mundo, dos quaes os bons nos ajudaõ, e os máos nos empecem. E he taõ antigo este pensamento, que até alguns dos primeiros Filozofos, que estas deidades inventáraõ, naõ quizeraõ entender outra cousa nellas, como se vê largamente de S. Agostinho na sua Cidade de Deos, e ainda da Canonica de S. Pedro que por razãõ do tal intento (segundo S. Hieronimo alegado neste lugar por o Padre Justiniano) (*) chama a estas fabulas doutas; porẽm como estes Filozofos pola falta do lume da Fé cairaõ em muitos erros, e deraõ com estas fabulas causa á Idolatria, foraõ condenadas do Apostolo no dito lugar dizendo: *Non doctos fabulas secuti notam fecimus vobis Domini nostri lesu Christi virtutem, & presentiam &c.* mas hoje que naõ ha este perigo, com os exemplos e razões já alegadas tem lugar a Alegoria que o Poeta nellas entendeo como imitando Virgilio no fim do sexto da Eneida, explicou nestas Oitavas em que in-

(*) *Inst. in cap. 1, epist. 2, Petr. vers. 18. n. 3.*

troduz a Tetis daclarando a Esphera a
D. Vasco da Gama, onde fallando do
Ceo Impirio, diz assi:

*Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estaõ, porque eu Saturno e Jano,
Jupiter, Juno, somos fabulosos,
Fingidos do mortal e cego engano.*

*So pera fazer Versos deleitosos
Servimos, e se mais a trato humano
Nos póde dar, he só que o nome nosso
Nessas estrellas pôs o engenbo vosso.*

*E tambem porque a Santa providencia
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil que tem prudencia,
Governa o Mundo todo que sustenta.*

*Insinalo a Profetica sciencia,
Em muitos dos exemplos que apresenta
Os que são bons guiando favorecem,
Os máos em quanto podem nos empecem.*

*Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que antiga poesia,
A seus Deoses já dera fabulando*

*Que os Anjos da celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando.*

*Nem nega que esse nome prebeminente,
Tambem aos máos se dá mas falsamente.
Por tanto assi pelas razões, como pelos*

exemplos fizea Luiz de Camões nesta parte livre de toda a calunnia.

Com tudo outra nos resta ainda neste ponto a que responder, e he dizer-se tambem que foi o nosso Poeta pouco honesto nos episodios de taõ honesto poema, o que tem facil reposta, porque como o argumento dos Lusíadas era taõ grave, foi necessario variálo com alguns episodios alegres para entreter os leitores, e para isto fingio a deleitosa Ilha de Santa Elena, e os esporios que nella celebráraõ Vasco da Gama, e seus soldados com as Nynfas do Occeano, imitando os Poetas antigos, e modernos, que todos meteraõ nos seus poemas estes Episodios amatorios, como se vê em Homero nos amores de Calipso, e de Venus, e Marte, em Virgilio nos da Rainha Dido, e em Appolonio Rhodio, e Valerio Flaco nos damas de Lemnos com os Argonautas; e finalmente nos mais de Torcato Tasso no seu poema Heroico. Mas nesta parte levou ainda Luiz de Camões grande ventagem aos referidos, por quanto elles naõ pretendêraõ declarar algumas Alegorias debaixo destas fabulas (que como dissemos he

a alma do poema) antes se vê que não tiverão nellas outra tenção , senão delectarem aos leitores (posto que a fabula de Calipso soffra mais allegoria que as outras) e o nosso Poeta debaxo dos nomes daquellas Ninfas quiz entender a gloria , fama , memoria , honra , maravilha , e todas as mais prehinencias , que participaõ os Varões illustres , e esforçados , por premio de suas obras com as quaes seus nomes ficaõ perpetuamente unidos na lembrança dos homens , como se vê nestes versos canto 9. estanc. 89 :

*Que as Nynfas do Oceano taõ fermosas ,
Tetis , e a Ilha angelica pintada ,
Outra cousa não he que as delectosas
Honras , que a vida fazem sublimada :
Aquellas preminencias agloriosas ,
Os triumphos , a fronte coroada
Da palma , e louro , a gloria , e maravilha
Estes são os delectes desta Ilha.*

Como com estas palavras ficava a alegria taõ clara , não se podem imputar por indecencia ao Poeta os termos dos esporios com que a trata , porque esta participaçãõ da immortalidade da fama , significáraõ sempre os antigos por casamentos , com que fingiaõ todos os He-

roes ou casados, ou aparentados com as Deosas.

A utilidade que deste poema se alcança não se póde explicar em poucas palavras, porque não ha ninguem que o lea, que não fique inflamado de hum admiravel desejo de gloria, e de empregar a vida em feitos illustres, aventurando-a pela Fé, pelo Rey, e pela Patria. Aqui se vem as partes, e experiencia que haõ de ter os conselheiros, o zello com que os ministros superiores devem entender no bem publico, e o premio que se deve dar aos que bem trabalhão. Na pessoa de Vasco da Gama se representa hum excellente modello de prudente e heroico Capitaõ, e nas dos Reys de Portugal, o exemplo de hum perfeito Principe. E se não deu este louvor a todos os que reinaraõ neste Reyno, foi porque o poema heroico quando se funda em historia verdadeira, que he mais perfeito, ainda que póde acrescentar a verdade do que passou, não pode contrariar ao que passou na verdade, de maneira, que nem Virgilio pudera dizer que Achilles fora morto per Heitor, nem Homero, que Achilles

ma-

matára a Paris, e allí referem ambos estes Poetas muitos vicios dos seus Principes, e Rainhas, por não ser licito á poesia encontrar nesta parte a verdade da historia, da qual guarda este, e outros muitos preceitos. Pelo que deste poema se podem tirar excellentes regras para a vida politica, e moral.

O estillo deleitoso com que estes preceitos vão acompanhados não reconhece em toda a antiguidade superior, e difficulosamente lhe poderemos dar semelhante, porque deixando a dissonancia que os antigos achavaõ nos versos de Homero, como refere Josefo liv. 1. contra Apinun, e os muitos que deixou Virgilio por acabar na sua Eneida, a facilidade, e consonancia deste nosso poema he tal, que não parecem os versos compostos per artificio mas ditados da mesma natureza. E naquelles lugares que em a Poetica de Aristoteles se chamaõ, Patêcos, ou Alteradores do animo, move os affectos com palavras tão proprias, e vehementes, que com summa efficacia faz força a quem os ler, de maneira que fica participante das pai-

xões que se contem encubertas debaixo daquellas palavras : imprimindo hum generoso alvoroso quando trata da guerra , alegria nas festas , gravidade nas acções dos Principes , compaixão na adversa fortuna , e finalmente huma admiravel suavidade em todas as partes do Poema. Porém nas comparações , e descripções se avantajava tanto , que em certo modo se vence assi mesmo , porque com tanta viveza as pinta , e exprime que parece se representa á vista , e não ao sentido interior :

He tambem a erudição parte do estillo deleitoso , e a muita de que o nosso Poeta illustrou o seu Poema he affás notoria , não havendo nelle Estancia que não tenha particular conceito , doutrina , ou pensamento peregrino , de maneira que não se achará Poema nenhum onde em tão breve escritura se tocassem tantos , e tão Doutos passos de lição varia , como nos seus Lusíadas , porque quasi não ha nas letras humanas lugar insigne de fabula , antiguidade , historia , Mathematica , e qualquer outra sciencia que nelle se não achem , e quanto isto he mais ordinaria neste Poema , tanto he

he mais de admirar nelle , sendo esta parte da Poesia mais difficultosa de todas. Porque como o principal intento nella seja mover affectos do animo não se póde alcançar este effeito ornando com elocusaõ , e erudiçaõ estes lugares , como já o notou excellentemente Aristoteles nesta sentença : *O portet laborare in ignavis partibus , & neque moratis , neque sententiarum acumine ornatis , occulit enim valde splendida locutio mores & sententias.* Isto tem acontecido a muitos em Hespanha , que se fizeraõ duros , e asperos encobriendo a força dos pensamentos com os ornamentos das palavras , de que he bom exemplo Francisco de Herrera. Porém Luiz de Camões soube tomar tal meio nesta difficultade , que não ha versos que mais movaõ o sentimento que os seus , nem onde juntamente se veja a oraçaõ mais erudita , e composta. Fazem assi mesmo por esta parte a novidade , e excellencia dos episodios , nos quaes quasi nenhum outro Poeta se lhe póde iguallar ; porque os mais de Virgilio são imitados de Homero , como o banquete de Dido , a Relaçãõ que alli fez

Eneas

Eneas da perda de Troya, seus trabalhos, e viagem, os jogos de Sicilia, a jornada do Inferno; e assi teve nelles pouco louvor. E Troquato Tasso não se melhorou com as fabulas dos seus encantamentos, e cavalleiros andantes: porque ainda que elegeo fabulas possiveis, tem muito do improvavel; o que he contra os preceitos de Aristoteles, que diz que nos episodios devemos escolher antes os impossiveis provaveis, que não os improvaveis possiveis: *Eligere impossibilia & verisimilia potius, quam possibilia, & nullo modo probabilia.* Este preceito guardou Luiz de Camões excelentemente, porque depois de imitar a Virgilio em fazer a acção composta, e não simples, com referir D. Vasco da Gama sua viagem a elRei de Milinde, introduz o Episodio da descripção de Europa, e historia de Portugal, com as professias do velho, e Adamastor admiravelmente; depois na figura de Monsaide conta os ritos do Oriente, fez hum novo conselho dos Deoses maritimos, e a descripção do Reino de Cupido no monte Idalio. Não he menos excellente a pintura da Ilha de S. Ele-

Elena, o banquete que nella deu Thetis a D. Vasco da Gama, e seus companheiros, a musica da Serea que cantou os Capitães illustres Portuguezes que depois haviaõ de conquistar a India, e finalmente a descripção dos Globos celestes, e geografia das Provincias novamente descobertas. Quasi todos estes episodios foraõ pensamentos novos, e peregrinos, e tratados com tanta graça, e arteficio que juntamente ensinaõ, admiraõ, e deleitaõ, porque naõ ha na Arte do bem dizer tropos nem figuras que aqui se naõ vejaõ exercitadas: variando o estillo, hora grave, grandiloco, e vehemente, hora florido brando, e ainda jocolo; porque como o Poema heroico he hum meio entre o Tragico, e comico, assi participa segundo Aristoteles da gravidade á Tragedia, como da graça da Comedia. Por onde Homero em muitas partes da Odysssea, e Illiada introduz, historias jocosas, como foi a da prisãõ de Venus, e Marte na rede de Vulcano, e outros casos quasi semelhantes de Jupiter, e Juno; a peleja do pobre Hiro com seu competidor em casa de Penelope, e outros

tros muitos em que o mesmo Poeta refere o riso a que com ellas se moveraõ até os mesmos seus Deoses, e Virgilio tambem no seu 5. liv. descrevendo os jogos que Eneas fez a seu pai Achilles segue no estillo jocosos as Regras que neste particular se devem guardar na Poesia heroica. De maneira que Luiz de Camões assi nesta parte como nas mais se mostrou excellente Poeta, e com esta sua obra ficou enriquecida grandemente a lingua Portuguesa; porque lhe deu muitos termos novos, e palavras bem achadas, que depois ficaramõ perfectamente introduzidas. Posto que nesta parte naõ deixaraõ alguns escrupulosos de o condenar, julgando-lhe por defeito as palavras alatinadas que usou no seu Poema. Porém desta censura o absoverá com facilidade quem tiver noticia das leis da Poesia, e da licença que he concedida aos Poetas para fingir, e dirivar novas palavras, porque como tem obrigação de fallar ornadamente, naõ pódem deixar de enriquecer seus versos com palavras, ou desusadas, ou novas, ou transferidas, que saõ as condições que ensinaõ os

Re-

Rhetoricos para a Oraçãõ ficar com Magestade , e fóra do estílo humilde , e vulgar. Assi o aconselha Aristoteles na sua Poetica , dizendo : *Locutionem apertam , & non humilem esse : apertissima quidem igitur est ea , quæ ex propriis nominibus , sed humilis : exemplum autem Cleophontis poesis , & Steneli. Grandis autem , & immutans vulgarem rationem , quæ peregrinorum speciem habentibus utitur. Peregrinorum autem , similia dico , linguam , & translationem , & productionem , & omne quod præter proprium &c.* Neste lugar discorre Aristoteles largamente sobre esta materia , e defende a novidade dos termos que usou Homaro contra os que por esta razaõ o calumniavaõ. O mesmo affirma Isocrates pai da Eloquencia Grega dizendo na vida de Evagoras : *Poetis multa dantur quibus ornare suam Carmen possunt. His enim & Deorum cum hominibus congressus , tum disceptationes , & certamina quibus , cum volunt , fingere licet , & cum hæc narrare voluerint , non eadem verborum lege , qua Oratores astringuntur. Itaque non solum verbis usitatis , ve-*
rum

rum etiam novis , translatis , & peregrinis , & omni denique dicendi genere , suam poesim ornare possunt. Oratoribus autem nihil tale concessum est &c. Esta licença concede mais largamente Horacio aos Poetas Latinos , porque não só lhe permite , que usem dos vocabulos antigos que já não estão em costume , mas que finjaõ de novo os que quizerem , com tanto que se dirivem da lingua Grega , diz elle :

*Et nova, fictaque nuper habebunt verba fidē, si
Græco fonte cadant , parte detorta ; quid autem
Cecilio , Plautoque dabit Romanus , ademptum
Virgilio Varioque ? Ego, cur , acquirere pauca
Si possum , invideor ; Quum lingua Catonis , &
Enni*

*Sermonem patrium ditaverit ; & nova rerum
Nomina protulerit ? Licuit semper que licebit
Signatum presente nota , producere nomen &c.*

Tambem Tullio Principe dos Oradores confirma este privilegio aos Poetas dizendo no seu Orador : *In utroque frequentiores sunt , & liberiores poetae , nam & transferunt verba cum crebrius , tum etiam audacius ; & priscis libentius utuntur , & liberius novis.*

Deste privilegio usou tanto Virgilio , que além de declinar muitos nomes la-

tiños pelas terminações Gregas , e fallar pelas frases daquelle lingua , escreveu por palavras taõ fóra do uso ordinario que Macrobio gasta naõ pouca leitura em mostrar os fundamentos que para isto Virgilio teve , dizendo que todas aquellas palavras trasiaõ sua origem da antiguidade Latina , e foraõ em seus principios usadas. Do mesmo modo falou Torcato , e tanto se valeo do antigo Toscano , e da lingua latina , que destas palavras novas lhe notaraõ hum particular vocabulario. Com estes exemplos fica bem livre o nosso Poeta da calumnia que lhe impoem das palavras alatinadas , as quais saõ taõ proprias , e naturais a nossa lingua , que se escusaõ os Vocabularios de Torquato , e Virgilio , e se entendem de todos igualmente com o romance Portugues.

Cáe assi mesmo debaixo do estillo deleitoso a boa proporçaõ do mesmo Poema , o qual para ser perfeito ha de ser fundado sobre historia verdadeira , e admiravel , de algum varaõ insigne em Virtude , e valor , e a historia naõ ha de ser larga , porque havendo-se-lhe de acrescentar os episodios , será o vo-
lu-

lume demasiado, e não tendo episódios ficará o poema secco, e sem ornamentos que deleitem. Nem menos será de cousas tão antigas que já não estejam na memoria dos homens, nem tão modernas que sejam vivos os de quem se escreve (o que todavia se entende, na acção principal, e não nos episódios, onde se introduzem profecias que falam do presente.) Nem se ha de contar a historia successivamente, mas começando no meio dos successos, alcançar-se-ha depois a noticia do precedente com subito conhecimento. Estes, e os mais preceitos da arte se vem tambem guardados neste Poema como a quem quer que o lê he notorio. Pelo que poderá bem ser, que se Aristoteles o alcançará não gastára tantas palayras em louvar os de Homero.

Mas se por veneração da antiguidade se não conceder a palma a este nosso poema entre todos os heroicos, ao menos seguramente se póde julgar por igual ao melhor delles. Deste tão alto merecimento, e grande beneficio que a Patria recebeo com tal obra, ficando tão illustrada por seu meio, não

te-

teve Luiz de Camões galardão algum; porque a mercê que lhe fez ElRei D. Sebastião de huma piquena tenfa he tal que em sua comparaçãõ justamente lhe podemos chamar nenhuma. E ainda que muitos attribuaõ isto á desgraça do Poeta, eu lho julgo por huma grande felicidade; porque não a póde haver maior para hum Varaõ insigne que achar occasiãõ de exercitar alguma excellente virtude, e neste caso se mostrou bem a grande generosidade de Luiz de Camões pois só por amor da patria, occupou seu engenho em illustrar com suas obras este Reino, e immortalizar seus naturais; e foi taõ inteiro na verdade, e alheo de lisonja, que podendo receber premios de muita consideraçãõ por referir nesta obra pessoas particulares, só tratou nella daquelles Varões illustres, que de todos saõ universalmente conhecidos por taes: como o testifica claramente na Estanc. 10. do primeiro Canto em que diz a ElRei D. Sebastião:

*Vereis amor da patria não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno.
Que não he premio vil ser conhecido,
Por hum pregaõ do ninho meu paterno.*

É no Canto 7. Estanc. 83. pedindo favor ás Nynfas do Tejo :

*Daimo vòs sòs que eu tenho já jurado
Que não no ãprege em quẽ o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sopena de não ser agradecido.*

Delta tal inteirela, e verdade esteve muito alheio Homero, do qual refere Diã Chrisostomo Orat. II. de excidio Illii : que andando mendigando pelas Cidades de Grecia, vendeo por dinheiro os louvores, que na sua illiada dá indignamente a muitos homens particulares, e a Virgilio deu Octavia irmãa de Augusto cem mil reis por cada verso, dos vinte hum que escreveu de Marcello seu filho ; e do que lhe deraõ os amigos deixou depois por herdeiro a Augusto em duzentos e cincoenta mil cruzados, como aponta Budeo, (*) seguindo a Servio, e a Donato; pelo que não he muito que elle deduisse a familia dos Julios de Julio, (**) a dos Memios de Mnesteo, a Sergia de Sergesto, e de Cloanto a Cluenta, cou-
fas

(*) Bud. de Affe. lib, 3.

(**) Atuea, lib, 5.

fas todas fabulosas, e inventadas d'elle mesmo, só para lilongear os poderosos daquelle tempo, como o nota doutamente Scipião Amirato. (*) Quaõ longe esteve deste vicio Luiz de Camões se vê claro no que escreveo, pois nem ainda o Conde que entaõ era da Vidigueira lhe fez favor algum em remuneração de quanto diz naquelle Poema do grande D. Vasco da Gama, como elle o testefica dizendo no Cant. 5. Estanc. 99.

As Musas agradeça o nosso Gama

O grande amor da patria, q̃ as obriga

A dar aos seus a lira nome, e fama,

De toda a illustre e belica fadiga.

Que elle, nẽ quẽ na estirpe seu se chama,

Calliope naõ tem por tam amiga,

Nẽ as filhas do Tejo, que deixassem

As tellas de ouro fino, e que o cantassẽ.

Este foi Luiz de Camões na composiçaõ dos seus Luziadas. Porém nas outras partes da Poesia naõ merece menor louvor, por guardar nellas os preceitos da Arte perfeitamente. Nos versos pequenos se houve com tanta elo-

Y ii

quen-

(*) Famil. Napolitan. de Scipione. Amiratio.
Disc. I.

quencia, e graça, que Lopo da Vega no prologo do seu Santo Isidoro lhe dá o primeiro lugar; e verdadeiramente foi tão abundante de conceitos, e tão facil em os pôr em verso, que não sei de qual destas cousas nos possamos mais admirar, porque sendo muitas vezes os motes sequissimos, e incapazes de bom pensamento, he tanto o que acha que dizer em qualquer materia, que parece incrivel, ainda depois de visto, e a suavidade do verso sempre tão corrente, e facil que parece se não podia dizer aquillo por outro melhor, nem mais gracioso modo. Nas Odes, e Canções seguiu o estillo grandiloco, e assim participaõ da magestade dos seus Lusíadas.

Cuidaõ alguns, que esta frase grandilica, que se vê em parte das suas Eglogas, lhe faz exceder o decoro que se deve guardar ao fugeito pastoril, não se lembrando de Virgilio que nas suas Bucolicas introduz argumentos muito superiores áquelle fugeito, como he o da quarta Egloga que trata só da profecia da Sibilla Cumea, e o da sexta, em que Sileno discorre pela fabrica do mundo,

do, e historias mais notaveis d'elle, o que tudo excede grandemente o modo pastoril. Pelo que pois Virgilio a juizo de todos os Criticos não merece censura em exceder o decoro nestes argumentos muito menos a merece Luiz de Camões por exceder só nas palavras guardando o devido decoro nos argumentos, assi das Eglogas Pastoris, como das Piscatorias. Antes he digno de muito louvor neste genero de poesia, por ser o primeiro que destas duas especies fez hum mixto, compondo as Eglogas de Pescadores, e Pastores juntamente, por pessoas de dialogo, como se vê na que dedicou ao Duque de Aveiro que começa:

A rustica contenda desusada

Entre as Musas do Bosque e das Areas.

Onde mais abaixo diz:

Vereis (Duque sereno) o estillo vario

A nós novo, mas n'outro mar cantado

De hũ que só foi das Musas secretario.

O Pescador sincero que amansado,

Tem o pego de Pocrita com canto,

Pelas sonoras ondas compassado,

Deste seguindo o som que pôde tanto,

E

E misturãdo o antigo Mãtuano, &c. Façamos novo Estillo, e novo espanto
 Nas Comedias seguiu a fórma que entã se praticava, e ainda assi introduzio já algumas profas imitando os ingenhos Italianos, e ao nosso Francisco de Sá, que deixáraõ os versos em que os Gregos, e Latinos as escreveraõ; porque como tinhaõ muita diversidade delles, escolheraõ os que mais se achavaõ ao fallar solto, o que entre nós naõ póde bem ser pela obrigaçaõ dos consoantes, mas ainda assi traduzio excellentemente a dos *Amphitriões* de Plauto. Outras traduções fez tambem em verso em que se naõ mostrou menos elegante como foi a Eligia da paixã de Sanafaro, o Psalmo: *Super flumina Babylonis*, a fabula *de Biblis*, & *ade Narciso*, e outras. Tambem se achãõ algumas obras suas em prosa solta, as mais dellas de materia jocosa, e estillo metaforico, que era o que entã se presava muito na Corte; por o ter introduzido Fernãõ Cardoso, que foi nelle eminente, ainda que Luiz de Camões o usou com mais policia, e facilidade.

De todas estas obras se póde bem

co-

conhecer a grandeza do engenho de seu Author, e a universal noticia que teve das sciencias, e letras humanas; porque quem considerar seus escritos, achará que teve conhecimento da lingua Grega, da Filosofia, Theologia, Mathematicas, historias humanas, e que foi taõ geral em toda a materia, que em qualquer faculdade que trata parece professor della. Pelo que se em algumas de suas obras se achar acaso cousa que desdiga do que se espera de tal Author não se deve imputar o defeito a elle, senaõ ao tempo, e aos copiadores, porque como seus versos andáraõ tantos annos, antes de se imprimirem treslados de varias mãos, com facilidade se poderiaõ corromper como vemos aconteeo ás melhores obras da Antiguidade, e em particular a esta causa se attribuiriaõ (como já disse) as dissonancias dos versos de Homero em tempo de Vespasiano. Quanto mais que como Luiz de Camões não fazia estas Rimas para as imprimir mas conforme a occasiaõ, e tempo lhe davaõ lugar, não hiaõ muitas dellas com aquella perfeiçaõ com que as acabára, se gastára nisto o tempo

po que gastava Virgilio, o qual dizia, que aperfeiçoava os seus versos como o parto da Urfa.

Por todas estas partes foi Luiz de Camões taõ louvado, e conhecido no mundo que Fernando de Herrera chamado de muitos o Divino, só a elle dava ventagem, e o excellente Torquato Tasso (*) confessava, que só a elle temia, e se admirou tanto de ver os seus Lusiadas, que inflamado nos louvores do Author publicou o que d'elle sentia neste soneto, que naõ ficou para elle menos honroso que para quem o compôs:

*Vasco le cui felice, ardite antene
In contro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegare le vele, & fer cola ritorno,
Ne igli par che dicadere, accenne.*

*Non piu di te per aspro mar sostiene
Quel che fece al Cicople oltraggio, e scorno
Ne chi turbo l' Arpie nel suo soggiorno,
Ne die pui bel subieto a colte penne.*

*Et hor quella del colto, i boun luigi,
Tanto oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni ādar men lunge.*

Onde aquelli a cui s'alza il nostro Polo,

E

(*) Rhim. di Tasso p. 3. in Vene. añ. 1608. fol. III.

*E acbi ferma in contra i suoi vestigi
Per lui del corso quo la fama aggiunge.*

O grande conceito que Lopo da Vega celeberrimo Poeta de nossos tempos faz do nosso Luiz de Camões, se vê bem em seus escritos, dando-lhe sempre o epiteto de excellente. E o Mestre Francisco Sanches Brocense, affás conhecido em toda Hespanha por sua rara erudição, lhe não dá menores titulos, tratando do respeito que se deve ter aos escritos de Virgilio, e doutros semelhantes Poetas, como se vê destas palavras: *Digo esto por la veneracion en que haviamos detener a los Poetas, siendo tales que verdaderamente merezcan este nombre. Tal me parece a mi Luiz de Camões Lusitano, cuyo subtil ingenio, doctrina entera, cognicion de lengoas, delicada vena, muestran claramente no faltarle nada para la perfeccion de tan alto nombre &c.* O Padre Christovaõ Delrio, e D. Fernando Alvia de Castro, o poem entre os melhores do mundo; Christovaõ Soares de Figueiroa varaõ insigne nas letras humanas, na vida do Marquez de Canhete, o iguala com Homero, e o aplau-

aplauso universal de todos lhe dá o Título de Príncipe dos Poetas; (*) o que na verdade parece se lhe deve justamente; porque se muitos homens doutos de Europa, reconhecerão a Nação Portuguesa huma certa superioridade na Poesia, como entre outros o confessa o Author da Bibliotheca Hispana dizendo: *Lusitani in poetica, ut & in Musica regnare feruntur mira animi propensione, velut entusiasmo rapti &c.* Com razão se póde dar o nome de Príncipe dos Poetas a Luiz de Camões, pois elle tem o principado entre todos os Portuguezes.

Porém se na estimação de tantos Authores graves está igual a Virgilio, e Homero, tambem parece que lhe não ficou inferior nos prodigios que se delles em suas vidas contaõ; porque foi seu engenho taõ singular, que não faltaõ curiosos, que digaõ, que muitos seculos antes foi pronosticado ao mundo o seu Poema pela Sibila Cumea, porque assi como qualquer grande perfeição em huma sciencia, ou arte, não se póde alcançar sem particular concurso

(*) Cignença de S. Hier. 3. p. l. 2. c. 42.

fo do Ceo, assi parece, que ordena algumas vezes seja isto pronosticado aos homens muitos tempos antes que aconteça. Vesse esta profecia na quarta Eglôga de Virgilio, a qual foi toda tirada dos versos da Sibila, em que profetizou a felicidade que havia de haver no mundo depois do nascimento de Christo Nosso Senhor onde diz que o Poeta que havia de cantar a historia dos segundos Argonautas venceria na poesia a todos os passados; e desejando Virgilio ser este que a Sibila prognosticava, diz ao filho de Pollião (a quem elle erradamente applicou esta profecia) que se lhe a elle caísse a sorte de ser este Poeta, estava certo, que havia de vencer na Poesia até aos mesmos Deoses, e inventores dos Versos:

*Omihî tam longe maneat pars ultima vitæ
Spiritus, & quantum sat erit tua dicere facta,
Non me carminibus vincet nec Tracius Orpheus,
Nec Linus, huic mater quamvis, atque huic pater
adstet*

*Orphei Caliopea, Lino formosus Apollo.
Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet
Pan etiam Arcadia dicet so iudice victum.*

E certamente que este pensamento está fundado em boa razão, porque se

a gloria que os antigos Argonautas; e Achilles alcançaraõ, (*) foi mais pelos excellentes versos em que foraõ cantados, que pela grandesa das façanhas que obraraõ como affirmava Alexandre, com quanta mais razãõ parece que naõ deviaõ ficar inferiores nesta parte aos primeiros Argonautas os nossos segundos Argonautas Lusitanos, de quem, segundo Bozio, e muitos outros, alli falla a Sibilla á letra, pois a nossa navegaçaõ, e os heroicos feitos que os Capitães Portugueses fizeraõ na India, excederaõ tanto aos dos Argonautas, e Achilles, que naõ sofrem comparaçaõ alguma. E naõ sómente podemos applicar a Luiz de Camões os versos referidos da Sibilla, mas tambem dar-lhe aquelle lugar que em Roma na coroaçaõ de Petrarca deixou desocupado entre Apollo, e as Musas, no monte Parnaso, aquelle grande Astrologo Barbante Senes, por cujo discurso aquella rica historia se pintou, dizendo

(*) Cic. *pro Archia Plut. in vita Alex.*
 Boz. *de sign. Eccles.* Ortel. *Ariost. cant. 15.*
 Torcat. *cant. 15.*

que o mereceria hum Poeta Occidental de lingua barbara (assi chamavaõ entaõ os Italianos ás de Hespanha) que andando os tempos havia de vir ao mundo. Concluamos logo que se o nosso Poeta naõ cedeo no engenho a Virgilio, e Homero, taõ pouco lhe cedeo nas maravilhas do nascimento; e com mais razaõ nos podemos persuadir que as houvesse em hum Poeta catholico, que nos gentios.

Naõ foi menor a opiniaõ que Luiz de Camões alcançou na Patria que a em que o tiveraõ os estrangeiros: porque ainda que lhe faltáraõ com os premios devidos a seus merecimentos, foi tido em grande estima dos maiores senhores, e mais prezados daquelle tempo, como foraõ o Duque de Bragança, D. Theodosio, e o Duque de Aveiro D. Jorge, o Conde que depois foi do Vimioso D. Francisco de Portugal, D. Manoel de Portugal seu tio, o Viso-Rei D. Constantino, o Conde d'Atouguia D. Luiz d'Ataide, o Conde de Rodondo, e outros que fora largo contar. Nem era de menor valor a mercê que recebeo das senhoras D. Francisca de Aragaõ, D. Guio-

Guiomar Blasfê , e da seahora Infanta D. Maria , como se vê em tuas obras. Tambem referem muitos fidalgos daquelle tempo , que quando succedeo neste Reino ElRei D. Felippe o prudente , depois de chegar a Lisboa mandou fazer diligencia por Luiz de Camões , e sabendo que era fallecido mostrára disso sentimento , porque desejava de o ver por sua fama , e fazer-lhe mercê. De maneira que a pobreza em que viveo , não lhe abateo entre os Principes a grande opiniaõ que a suas obras se devia , e se as riquezas fugiraõ delle , ou foi pelas razões que o Plutaõ de Luciano dava contra Timon , ou por elle fazer pouco pelas adquirir , ou por seus merecimentos serem muito grandes : pois he certa a sentença de Tacito , (*) que os beneficios são agradaveis em quanto se pódem recompensar , mas que passando deste termo tem o desagrado em lugar de premio.

Destá geral reputaçãõ que os natu-
raes , e estrangeiros tinhaõ delle , não
he muito lhe nacesse a estima grande que
de

(*) Tacit. lib. 4. histor.

de si tinha, louvando, e abonando seu engenho em muitas partes dos seus Lusíadas, e mais obras: o que alguns lhe attribuirão a vicio, não attentando que he impossivel não se conhecer hum bom entendimento a si proprio, e ter verdadeira opiniaõ de suas cousas. Aristoteles diz, (*) que o varaõ grande, se se não tiver por tal, não o será: *Esse sanè magnanimus is videtur, qui cum magnis sit dignus, magnis quoque semet dignum existimat: nam quis non pro dignitate id facit, stolidus est; at virtute præditus neque stolidus, neque stultus est quispiam, &c.* E noutro lugar: *Magni enim viri honore se ipsos dignos maxime existimant, ac pro dignitate illi quidem.* E o mesmo afirma Balthesar Castilhõne no seu perfeito Cortezaõ, e lhe premite louvar-se em seu tempo, e lugar conveniente, dizendo na pessoa de Gualpar Palavicino: (**) *Ho conosciuti pochi huomini eccelenti, in qual si voglia coza, chi non laudino se stessi; e parme che mol-*
to

(*) Liv. 4. *Etic.* c. 3. (**) *Il Cortesano* lib. 3.

to bem comportare lor si possa. Per che chi si sente valere, quando si vede non esser per le opere conosciuto, si sdegna che il valor suo sia sepolto. Et forza é che a qual che modo lo scopra, per non essere defraudato de le honore, che é il vero primio de le virtuose fatiche: Pero tra gli antichi scrittori che molto vale, rare volte si astion di laudarse stesso &c. E Tullio na sua primeira Tusculana resolve, que aquelle celebre Oraculo *Nosce te ipsum*, naõ foi dito, para sabermos as miserias do corpo, mas para cada hum conhecer as excellencias de seu proprio animo, e entendimento. Porém ainda que naõ houera as authoridades de taõ doutos varões, bastantemente ficava o nosso Poeta desculpado, com ser este uso comum de todos os Poetas, como diz o mesmo Tullio *Tusculanarum quest. lib. 5. Adhuc neminem cognovi poetam, qui sibi non optimus videretur.* E ad Atticum *Epist. 22. Nemo unquam, neque poeta, neque orator fuit, qui quemquam, meliorem, quam se arbitraretur.* Bom exemplo he desta opiniaõ Homero na pessoa de Demodoco, Virgilio

lio em muitos lugares , e Horacio lib. 1.
Ode 1. em que se finge coroadado entre
os Deoses dizendo ,

*Me doctarum edere premia fontium
Diis miscet superis*

E no liv. 2. Car. escreve toda , a Ode
20. em seu louvor , que começa :

*Non usitata nec tenui ferar
Penna biformis per liquidum aethera
Vates &c. (E no Terceiro Ode 30.)*

*Exegi monumentum aere perennius,
Regalique situ pyramidum altius:
Quod non imber edax, non Aquilo impotens
Possit eruere, aut innumerabilis
Annorum series, & fuga temporum &c.*

O mesmo faz Ovidio em muitos lu-
gares , e em particular no lib. 4. Tristi-
bus Eleg. 10. dizendo assim.

*Tu mihi (quod rarum est vivo) sublime dedisti
Nomen, ab exequiis quod dare fama solet,
Nec qui detractat praesentia livor, iniquo
Ullum de nostris dente momordit opus.
Nam tulerint magnos cum secula nostra Poetas,
Non fuit ingenio fama maligna meo.
Cumque ego praeponeam multos mihi, non minor illis
Dicor, et in toto plurimus orbe legor.
Siquid habent igitur vatum praesagia veri,
Protinus ut moriar non ero terra tuus &c.*

Estacio lib. 12. da sua Thebaida :

*O mihi bisseos multum vigilata per annos
Thebailiam certa praesens tibi fame benignum
Stravit iter, cepitque novam monstrare futuris.*

*Jam te magnanimus dignatur noscere Caesar,
Itala cum studio discit, memorat que juvenis.
Vivé precor, nec tu divinam Æneida tenta,
Sed longe sequere, & vestigia semper adora.
Mox tibi si quis adhuc pretendit nubila livor
Occidet, & meriti post me referentur honores*

E Sanafaro na sua 4. Piscatoria não quiz deixar de lembrar que elle fora o primeiro que trouxera as Eglogas até então Pastoris aos Pescadores.

*Nunc litoream nec despice Musam,
Quã tibi post sylvas, post horrida lustra licci,
(Siquid id est) salsas deduxi primus ad undas;
Ausus inexperta tentare pericula cymba.*

Dos outros vulgares não ha que referir mais exemplos, pois todos os tra-fem nas mãos. Pelo que bem se vê a pouca razaõ com que nesta parte pôde ser o nosso Poeta notado.

Depois que Luis de Camões imprimio os seus Lusíadas passou o restante da vida em Lisboa, no conhecimento de muitos, e conversação de poucos; porque tendo já passado por elle as primeiras verduras da mocidade, tinha entrado na idade madura, e só cõmunicava com alguns homens doutos seus amigos, principalmente no Convento de S. Domingos de Lisboa, onde tinha particular familiaridade com alguns Religiosos daquela Santa Casa. Neste tempo lhe

sobreveo huma larga enfermidade , que lhe servio de se aparelhar para a morte, a qual elle trazia taõ presente, que até nas cartas jocosas falava muito de siso nella, como se vê bem das que andaõ impressas nas suas Rimas. Acrescentouse-lhe este mal com o sentimento da morte d'ElRey D. Sebastiaõ , a quem tinha ententado celebrar em outro heroico poema , se ambos durara a vida , e melhor fortuna.

Com esta , e outras molestias se lhe foi aggravando a enfermidade até o anno de 1579. no qual faleceo. Estava neste tempo em tanta pobreza , que de casa de D. Francisco de Portugal lhe mandaraõ o lançol em que o amortalharaõ , e assi foi sepultado na Igreja de Santa Anna sem letreiro , ou campa alguma , que mostrasse o lugar de sua sepultura.

Era quando morreo de pouco mais de cincoena annos , porque quando compunha os seus Lusíadas , diz elle no Canto 10. Estanc 9. que tinha já pouco que passar da idade do Estio para o Outono , o qual começa dos cincoenta por diante.

*Vaõ os annos descendo, e já do Estio
Ha pouco que passar até o Outono.*

E fallecendo elle sete annos depois de sua impressaõ (a qual foi no de 1572.)

parece que não passou dos cinquenta e cinco. Foi Luis de Camões de mean estatura, grosso e chêo do rosto, e algum tanto carregado da fronte, tinha o nariz comprido levantado no meio, e grosso na ponta; afeava-o notavelmente a falta do olho direito, sendo mancebo, teve o cabello tão louro, que tirava a açafroado; ainda que não era gracioso na apparencia era na conversação muito facil, alegre, e dizidor, como se vê em seus motes, e epigramas posto que já sobre a idade deu algum tanto em melancolico. Nunca casou nem, deixou geração. Viveo, e morreo em tanta estreiteza do necessario para a vida, que se aquelles tempos não foraõ tão calamitosos para o Reino, com as cousas de Africa, pudera redundar em afronta dos naturaes, e causar admiração. Ainda que os que tem noticia das historias humanas entenderaõ bem que este he o estillo ordinario do mundo, no qual os mais dos homens eminentes saõ perieguidos e desprezados em vida. Do grande Homero sabemos que se sustentava pedindo esmola pela Grecia. A Socrates faltava muitas vezes huma capa com que se cobrir, e em fim

veio

veio a morrer condemnado pelos Athenienses, e Aristoteles e Demosthenes, porque o não fossem fugirão da mesma Cidade. Scipião morreo despojado da fazenda, e desterrado da patria. A Tullio degollaraõ, e por mais o afrontarem aquella lingua, em que por tantas vezes consistio a liberdade da Republica, e o grande Epicteto viveo em Roma com tanta miseria, que não tinha mais de seu, que hum candieiro de barro, com que se alumiaua. Acabando porém com a vida as armas da enveja, com que os grandes engenhos são sempre combatidos, nascem elles de novo depois da morte, e vestidos das azas da fama, alcançaõ a gloria, que suas obras mereceraõ; porque os homens não podem fazer guerra, senaõ aos corpos, os quaes, como compostos de materia fragil, e caduca, são vencidos de maior potencia. Mas as obras do engenho, como representaõ o animo, que he eterno, duraõ igualmente com o tempo, e com elle acquirem o premio igual a seus merecimentos. Daqui veio chegarem depois os Gregos a venerar, como cousas devinas, aos mesmos Homero, Socrates, Demosthenes, e Aristoteles, a quem

quem em vida perseguiião, e em Roma a confessarem os Cidadãos, que não podia ser castigada aquella Cidade com maior pena, que privala Scipião do thesouro de sua sepultura, e a dizerem contra os matadores de Tullio, que por se livrarem de sua eloquente lingua, fizeram fallar contra si as de toda a Republica; e foi tão estimado o nome de Epicteto, que o seu candieiro de barro, por ser possuido de tal dono, se comprou na praça de Roma por trezentos cruzados.

Deste mesmo modo vai succedendo a Luis de Camões, o qual, sendo perseguido em vida de perpetuos infortunnios; depois de morto tem alcançado gloriosissimos premios de seus trabalhos, porque pouco depois de seu fallecimento, movido Dom Gonçallo Coutinho do zelo da Patria, a quem o Poeta tinha tanto merecido, lhe mandou cobrir o lugar da sepultura com huma campa de marmore com este honroso epitafio:

Aqui jaz Luis de Camões, Principe dos Poetas de seu tempo: viveo pobre, e miseravelmente, e assim morreo no anno de 1579. Esta campa lhe mandou aqui por

por D. Gonçalo Coutinho, na qual se-
 não enterrará pessoa alguma.

A este Epitafio acrescentou depois ou-
 tro maior (com gosto do mesmo Dom
 Gonçallo) Martim Gonçalves da Ca-
 mara, Presidente, que foi da mesa da
 Paço, e escripto da puridade d' ElRey
 Dom. Sebastião grande valido seu, e
 estimado de todos os Reys deste Rei-
 no, varaõ de summa inteireza, virtu-
 de, e temperança, compôs este epitafio
 á sua instancia o Reverendo Padre Ma-
 theus Cardoso Religioso da Companhia
 de Jesus Lente que foi da primeira ca-
 deira da humanidade da Universidade
 de Evora, que depois deixando os
 estudos humanos, se dedicou só aos di-
 vinos, e á pregação do Evangelho nas
 barbaras Regiões de Angola, aonde ao
 presente anda, e o Epitafio diz assim.

*Naso eligis, Flacus Lyricis, epigrāmate Marcus
 Hic jacet, Heroo carmine, Virgilius
 Ense simul, calamoque auxit tibi Lysia famam,
 Unam nobilitant Mars, & Apollo manum,
 Castalium fontem traxit modulamine, at Indo
 Et Gangi, telis obstupescit aquas.*

*India mirata est, quando aurea carmina lucrum
 Ingenii, haud gazas, ex Oriente tulit;
 Sic bene de patria meruit, dum fulminat ense.
 At plus dum calamo bellica facta refert.*

Hunc Itali, Galli, Hespani vertere poetam

*Quelibet hunc vellet terra vocare suum
 Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni,
 Est sibi: par nemo, nemo secundus erit.*

Naõ he pequeno louvor alcançar Luis de Camões depois de morto estas gloriosas memorias por obra de varões taõ illustres, quando até os maiores Principes do Mundo, e os parentes mais chegados com a morte se sepultaõ juntamente no esquecimento dos vivos. Porém naõ he menos honra a que adquirio nos bons engenhos, que se dedicáraõ a tradusir o seu poema heroico, o qual anda convertido nas melhores lingoas de Europa, querendo cada qual fazello proprio por ornamento da sua patria, e para enriquecer seus naturaes com taõ precioso thesouro. E ultimamente o Reverendissimo Bispo de Traga D. Fr. Thome de Faria o traduzio com grande elegancia em verso Heroico Latino, tendo justamente tal occupação por digna de sua profissão, e dignidade, como outros muitos prelados tem feito em semelhantes sujeitos, por ser obra em que se mostra muita erudição, e engenho. Neste Reino se tem tambem empregado naõ poucos em cõmentarem, e louvarem

rem o mesmo Poeta Luis de Camões; alguns fairoã á luz, e outros se conservaõ manuscriptos, mais dinos, póde ser, da impressãõ, que os que tiveraõ esta fortuna, qual he o que ha muitos annos tem composto Luis da Silva de Brito Prior do Santo Milagre de Santarem, pessoa assaz conhecida neste Reino pela muita doutrina, e qualidades que nelle concorrem. Dos versos que se tem composto em seu louvor, por serem muitos, referirei só dous Epigramas que se imprimiraõ com as suas Rimas no anno de mil e quinhentos e noventa, e oito: o primeiro Latino feito por Manoel de Sousa Coutinho, taõ illustre no fangue, como nas letras humanas, o qual deixando o seculo, e nome, entrou na sagrada Religiaõ dos Pregadores, onde se chamou Fr. Luis de Sousa, e tem dado com suas obras outra nova esperanza á nossa patria. Pelo que por ser o Epigrama de tal fugeito, he para Luis de Camões de grande reputaçãõ.

*Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus, alto
Quod Sophocles, tristi naso, quod ore canit.*

*Mœstítiam, casus, horrentia prælia, amores,
Functa simul cantu, sed graviore damus.*

*Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Proutlit
Sillum*

Ly-

Lysia in Eois imperiosa plagas.
Unus tanta dedit? Dedit & maiora daturus,
Ni celeri fato corripereetur, erat.
Ultimus hic choreis Musarum praesuit: illo
Plenior Aonidum est, nobiliorque chorus.
Flos veteris, virtusque nova fuit ille canone.
Debita tunc sibi sceptrum poësis habet.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transtulit antra, liras,serta, fluenta, Deas.
Currere Castalios nostra de rupe liquores
Fussit, ab invito prata virere solo.
Cerne per incultos, Tempe meliora recessus,
Cerne satas, sterili sespite, veris opes.
Omnibus Occidui rident tibi floribus horti,
Non ego jam Lystios, credo, sed Elystios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes
Traxit, & ab stygio squalida monstra foro.
Thessalicos Lodoice, sacro cum flumine montes
Pieridumque trahis calituumque choros
Sunt majora tue Orpheis miracula vocis,
Attica quid faceres, si tibi lingua foret?

O outro he hum soneto Portugues do
 nosso celebre Poeta Diogo Bernardes,
 que no estillo pastoril não reconhece su-
 perior, o qual por ser taõ qualificado
 voto, he digno de muita consideraçãõ.

Quem louvara Camões que elle não seja
Quem não vê que em vaõ cança engenho, & arte?
Elle assi só se louva em toda a parte,
E toda a parte elle só enche de inveja.

Quem juntos n'um espirito ver deseja
Quantos dões entre mil Phebo reparte

(Quer

*(Quer elle de Amor cante , quer de Marte)
Por mais não desejar elle só veja.*

*Honrou a patria em tudo , imiga sorte
A fez com elle só ser encolhida ,*

Em premio de estender della a memoria.

Mas se lhe foi fortuna escassa em vida ,

Não lhe poude tirar depois da morte

Hum rico amparo de sua fama , & gloria.

Destes testemunhos pudemos trafer muitos, mas baste hum universal, que he a grande estima que neste Reino se tem feito de suas obras, das quaes se tem impresso, e gastado mais de vinte mil volumes; e taõ geral he hoje o conhecimento do muito, que mereceo á patria, que se durara ainda agora entre nós o costume dos Romanos, que aos Cidadãos benemeritos levantavaõ estatuas nas praças, não duvido, que do publico se lhe dedicára huma mui sumptuosa, mas por não carecer deste premio, no modo em que se permite a hum particular lhe mandou Gaspar de Faria Severim, meu sobrinho, esculpir em bronze o seu natural retrato, com a inscripção que se vê no principio deste Discurso.

E para em toda a parte poder acompanhar a este retrato huma breve noticia de sua vida, se lhe ajuntou este Elogio.

E L O G I U M.

Quem Homerum credis, Camões est
 Lusitanus in pari vultu, eadem men-
 tis excelsæ pignora, iidem in vita
 casus, ut ille ambobus, altero hic orbatus
 oculo; illi tenuis fortuna, huic semper ar-
 èta, semper adversa: Ulysssem ille cecinit,
 hic Ulyssæos, equalis cantu, cætera maior,
 nempe altissimū meditatus Poema, & ex-
 pressurus furentem procellis Neptunum,
 ferro, flamisq̄ Martē, ad Indos naviga-
 vit, Brachmanas audivit, cum hoste di-
 micavit (testatur pulchræ adverso ore ci-
 catrices) quin uti Platonē peregrinatio-
 ne, ita manfragio Cæsarē egit, contentus
 etiā præter scripta nihil eripuisse undis.
 Patriæ restitutus, quā singulariter no-
 bilitarat, ingrata expertus est; nulla do-
 natus laurea, nullis auctus honoribus, in-
 ter cōcives prosus extorris diē clausit A-
 dest. 43 post āno quæsitā meritis gratia,
 sublatū civitas Fato, & Libitinæ ardet
 furari. Primus Gaspar de Faria Severi-
 nuus, novum hoc statuæ genus cōmētus
 dum alii marmoreas, alii aureas prope-
 rant. Anno 1622. Como te dissera.

C Amões he Lusitano, este que vos parece Homero, na semelhança do rosto, nos mesmos partos do entendimento, e na igualdade da vida. Homero foi falto de ambas as vistas, Camões de huma dellas: aquelle possuio poucas riquezas, este viveo em perpetua pobreza: cantou aquelle Ulysses, este os Ulysses: mas sendo a Homero igual no canto, no mais foi superior, porque concebendo em seu animo hum soberano Poema, em que havia de pintar a braveza das tormentas de Neptuno, e o furor de Marte a ferro, e fogo, navegou, e passou á India, ouviu os sabios della, pellejou valerosamente com os inimigos (como testificaõ as fermosas feridas recebidas no rosto) e sendo outro Plataõ nas perigrinações, imitou no naufragio a Cesar, contentando-se de livrar só das ondas seus poemas. Tornando á patria, experimentou sua ingratição, depois de a ter singularmente ennobrecido, e sem receber premios, nem honras da poesia, acabou a vida como desterrado entre seus proprios Cidadãos. Chegou porém 43 annos depois de

de morto o bem merecido galardão a suas obras procurando o agradecimento livralo da adversidade da fortuna, e esquecimento da morte com este novo genero de estatua, que Gaspar de Faria Severim primeiro lhe levantou, em quanto outros de marmore, e de ouro lhas preparaõ. Anno 1622.

Deste modo ficará a imagem do nosso Poeta ornando as livrarias, e casas das sciencias, com grande gosto dos doutos, e curiosos, os quaes já em tempo de Plinio (*) costumavaõ ter ornados os Estudos com os rostos daquelles, cujos animos conservavaõ retratados no mesmo lugar em suas obras. E era este costume taõ usado em Roma, que até os retratos que não havia, se fingiaõ, como aconteceu ao de Homero *Ex auro, argento, aut certe ex ære* (diz elle) *in Bibliothecis dicantur illi, quorum immortales animæ in iisdem locis, ibi loquuntur, quinimò etiam qui non sunt, finguntur, pariuntque desideria non traditi vultus, sicut in Homero evenit &c.*

Neste retrato ficou Luis de Camões aventajado a qualquer grande estatua por

ma-

(*) *Plin. lib. 35. c. 2.*

maravilhosa, que fosse, porque as estuas não occupaõ mais que hum só lugar, e padecem tambem as injurias do tempo, com as quaes se acabaraõ até aquelles monstruosos Colossos, com que os Antigos quiserãõ eternisar sua memoria, porém as estampas tem aquella propriedade da pintura com a qual diz o mesmo Plinio, que os homens se fizeraõ iguaes aos Deoses, podendo estar juntamente presentes em toda a parte, e por beneficio da impressaõ ficaõ isentos dos poderes do tempo. Estes excellentes premios, que as obras de Luis de Camões tem alcançado, parece antevio elle muitos annos antes, quando considerando o pouco fruto que entãõ lhe rendiaõ seus versos disse na Estanc. 100. do canto. 5. de seus Lusíadas.

*Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta ou qualquer outra via.
Não perderá seu preço, e sua valia.*

Pelo que tem nelle todos os professores das sciencias hum grande exemplo, para não deixarem de occupar seus talentos em beneficio publico, por falta de

de favor, porque quanto mais este lhe falecer de presente, tanto maiores premios pôdem esperar de futuro.

Com razaõ logo nos podemos consolar da contraria fortuna, que o nosso Poeta padeceo em vida, pois além de ter nella por companheiros aos mais illustres varões da antiguidade, naõ lhe vai ficando depois da morte inferior nas honras da sepultura, na autoridade das estatuas, na dilataçaõ da fama, com a qual he celebrado por todo o mundo, em tantas lingoas, dos melhores Poetas, Historicos, e Oradores, de maneira, que sua gloriosa memoria d'urará igualmente com os seculos vindouros.

F I M.

INDICE

Dos Discursos, e Vidas deste Livro.

DISCURSO I. Do muito que importa para a conservação, e augmento da Monarchia de Hespanha assistir Sua Magestade com sua Corte em Lisboa. pag. 1.

Discurso II. Das partes que ha de aver na lingoagem para ser perfeita, e como a Portugueza as tem todas, e algumas com eminencia de outras lingoas. pag. 42.

Discurso III. Com que condiçoens seja louvavel o exercicio da Caça. pag. 94.

Discurso IV. Da origem, e grande antiguidade das Vestes que usa por habito Ecclesiastico o Clero de Portugal. pag. 117.

I. Vida de Joaõ de Barros, em que se discorre sobre os preceitos da Historia, e perfeiçaõ com que escreveu as suas Decadas da Asia. pag. 171.

II. Vida de Diogo do Couto, Chronista da India, com a relaçaõ de todas as suas Obras. pag. 251.

III. Vida de Luiz de Camões, com hum particular juizo sobre as partes, que ha de ter o Poema heroico, e como o Poeta as guardou todas nos seus Lusíadas. pag. 269.

Foi taixado este Livro em papel
a quatrocentos e fincoenta rês. Meza
7 de Novembro de 1791.

Com tres Rúbricas.